

RUTH SPRUNG TARASANTCHI

**PINTORES PAISAGISTAS
EM SAO PAULO
(1890-1920)**

VOL II

Tese de Doutorado apresenta
da à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São
Paulo sob a orientação do Prof.
Dr. Fredric Michael Litto.

SÃO PAULO

1986



DARIO VILLARES BARBOSA

MARIO VILLARES BARBOSA

Gêmeos, nasceram em 1880 em Campinas. Escrever sobre um é praticamente repetir os mesmos dados acerca do outro, até a morte de Mario, em 1917. Ambos frequentaram o mesmo colégio em São Paulo, o Antigo Seminário Episcopal e depois transferiram-se para o Mackenzie. Os dois tinham vocação para as artes e costumava-se contar que quando faltava o professor de desenho no colégio eles o substituíam. Foi com Oscar Pereira da Silva que fizeram seus estudos em desenho e pintura, chegando a expôr com ele em 1901 no Banco Constructor. Nesta ocasião o destaque nos periódicos foi todo para o mestre, havendo apenas breve citação a respeito do trabalho dos dois irmãos, que expuseram metais e frutas no chôco, jacá entornado, boiada e estudos de cabeça. A notícia não faz comentários específicos sobre as obras.

Continuaram expondo sempre juntos e as notas que temos hoje em dia referem-se sempre aos dois nomes para depois enumerar as obras, tornando-se impossível conhecer as qualidades artísticas de cada um.

Os irmãos foram para Paris em 1901 e lá se inscreveram na Academia Julian, tendo estudado com Jules Lefébvre e Robert Fleury. Em 1906 viajaram para Concarneau onde pintaram várias telas posteriormente apresentam no Salon de

1907. Gustave Rivet mandou nesta ocasião uma carta a Mário Barbosa, felicitando-o pelo seu quadro Vieille Femme, que tinha sido aceito no Salon. Ambos viajaram em seguida para Portugal, trazendo na volta vários quadros com cenas campestres. Gostavam de percorrer os vários recantos da Europa, tendo ficado impressionados com a Bretanha para onde voltaram vezes seguidas, sendo grande, por este motivo, o número de obras que figuram em suas exposições com temas desta região.

Em uma reportagem de O Estado de S. Paulo podemos ler o seguinte comentário "a gente confunde-se de modo a não se ver em suas obras uma perfeita semelhança".¹ Esta crítica saiu por ocasião da volta dos artistas ao Brasil, quando mostraram os trabalhos executados no Exterior.

A primeira estada européia foi às custas do bolso do pai. Retornaram ao país depois de 9 anos e expuseram 166 telas no Instituto Histórico Geográfico, levando depois a exposição para o Rio de Janeiro. Constavam da mostra naturalmente, cenas européias, figuras típicas e marinhas que não agradaram muito por serem consideradas fracas e cruas. O crítico as reputa demasiadamente livres e aconselha aos novos artistas que voltem a estudar.²

Tendo recebido a bolsa do Governo voltam a Paris ficando por mais quatro anos. Apesar das críticas recebidas

1. O Estado de S. Paulo, 7.2.1909

2. O Estado de S. Paulo, 8.6.1910

na terra natal, ao retornarem foram aceitos no Salon de Paris, várias vezes, tendo Mario ganho uma medalha de prata em 1911 com uma figura. Grandes viajantes, não têm preguiça de carregar suas telas e tintas. Estão sempre percorrendo os lugares mais diferentes que possam inspira-los. Assim, quando regressam a São Paulo em 1916 em uma mostra na rua São Bento têm nada menos que 300 quadros. São cenas da França, Espanha, Portugal e Itália. É a segunda grande exposição dos irmãos.

Para tantos quadros ocupam uma grande casa-armazém, e mesmo assim as paredes recebem um amontoado de quadros que chegam a prejudicar uns aos outros, tal a proximidade que guardam entre si. Há paisagens, marinhas, naturezas-mortas, figuras e também cópias de Murillo e Troyon. A sociedade paulista se locomovia todos os dias, indo visitar a exposição; muitos artistas iam assiduamente - como o seu antigo professor Oscar Pereira da Silva e mais Pedro Alexandrino e Norfini. Foi reproduzido pelo O Estado de S.Paulo o quadro de Dario, Interior Bretão.³ Ao encerrar-se a exposição fazem uma tómbola com alguns quadros, hábito de muitos artistas da época. A Revista do Brasil noticia a exposição, elogiando a segurança e largueza de seu trabalho, mas espera que no futuro suas obras - além da grande técnica - despertem também a sensibilidade, dando assim ao trabalho de ambos uma expressão mais vigorosa da individualidade de ca-

3. O Estado de S.Paulo, 11.3.1916

da um.⁴ Como vemos continuam sendo dois artistas que conheciam seu "metier", mas cujas personalidades não se afirmaram ainda.

Depois desta mostra retornam à Europa com o pensionato prorrogado. Viajam pela Itália, Portugal, Espanha. Neste último país, a 24 de outubro de 1917, Mário vem a falar.

Dario continua viajando, mas sempre acaba voltando para a amada Paris. Espírito curioso, conheceu também Marrocos e outros países do Oriente tendo, trazido muitas telas com esta temática que atraiu tantos artistas, talvez pelo lado misterioso que possuía.

Em 1928 Dario encontrava-se de novo no Brasil, e expôs no Palácio das Indústrias, na Exposição Muse Italiche. Porém não para ainda, volta ao Exterior e somente em 1934 retorna a São Paulo. Fará algumas individuais no Palácio das Arcadas, com quadros que trouxe da Argélia, Marrocos, Espanha, Itália, França. Chega a expor até 300 telas de uma vez. Participa dos Salões de Belas-artes de São Paulo, recebendo vários prêmios como a Menção Honrosa, Prêmio Aquisição, Medalha de Ouro e Prêmio Prefeitura. A Pinacoteca do Estado adquire o Feiticeiro Sudanês.

Não é fácil encontrar quadros de Mário e Dario nas coleções particulares. Quem tem um número representativo de trabalhos do Dario é a Pinacoteca do Estado, com mais de du-

4. O Estado de S.Paulo, 6.4.1916

zentos quadros doados por ele em testamento. No MNBA também há grande número deles, como igualmente em Campinas, a terra natal do artista.

Quanto à temática, vimos que os dois irmãos viajaram muito e até 1917 pintaram os mesmos lugares. Ambos gostavam de paisagens e retratavam tipos marcantes como pescadores, velhas bretãs, além de algumas marinhas e animais. A técnica de ambos realmente se assemelha.

Vejam os quadros Liceu Pasteur de 1913, de Dario, da Coleção da Pinacoteca do Estado. Ao fundo está o velho prédio do liceu, pintado de rosa, e exibindo telhado com mansardas. Na frente várias árvores dispostas desordenadamente. (Foto 1). Agora, no quadro de Mário intitulado A Nossa Casa (34x49 cm óleo s/tela Pinacoteca do Estado) (Foto 2) também temos um palacete com varanda e uma trepadeira colorida. No jardim da frente vários pinheiros. O que chama a atenção é o tratamento idêntico dado aos dois quadros. O céu é liso, a tinta rala; assim são também tratadas as duas construções. Já as árvores recebem pequenas pinceladas em que a tinta espessa é colocada em todas as direções. O colorido verde-escuro, as flores das trepadeiras ou as folhas de algumas árvores é igual. A composição também é idêntica. Esta pincelada desordenada, com muita tinta, em que desaparece o desenho, vimos muitas vezes em quadros do Dario. Ele empregava cores puras quando pintava flores vermelhas nos canteiros de parques. Quanto aos verdes da vegetação eles poderiam ser mais estudados, pois certos contrastes que usa não conven-

cem. Porém o conjunto do quadro sempre é agradável, devendo suas telas serem sempre vistas de longe. Nos quadros Jardim de Versailles (Col. Dr. Rafael da Nova, 23x32 cm óleo s/ papelão) (Foto 3), Jardim de Bagatelles (33x46 cm óleo s/ tela Col. Dr. Rafael da Nova) ou O Campo Florido (Col. Pinacoteca do Estado, 34,46cm s/tela) (Foto 4) as flores do primeiro plano não passam de bolotas de tinta primária. Boa a profundidade no campo em que as flores vão diminuindo, deixando aparecer no horizonte um vilarejo. Sentimos a mão do artista nos parques de Dario, nos quais troncos, bancos com figurinhas apenas esboçadas.

De Mario vimos algumas barracas de feira com pessoas sentadas vendendo seus produtos. A pincelada é sempre larga, rápida, a cor já preparada na palheta é colocada às vezes sem cobrir toda a tela. Barraca de Feira (Col. Pinacoteca do Estado, 20x25,5 cm óleo s/madeira) (Foto 5) ou Barraca de Feira (Col. T. Pinott, 21,5x27cm).

Também de Mario, bonita é uma Ponte em Portugal (Col. Pinacoteca do Estado, 28,5x41 cm, óleo s/ tela) (Foto 6) em que vemos uma ponte rústica que corta a tela no lado direito. Ao fundo um casario típico de vilarejo e mais para trás montanhas. Na água, do lado esquerdo refletem-se árvores. O tratamento é quase esquemático, mas a cor é fiel, tendo o artista conseguido captar a cor local. Uma pequena paisagem que fez em São Paulo em Santo Amaro (Col. Pinacoteca do Estado, 18x27 cm, óleo s/madeira), quase uma mancha, resol

ve o tema com poucas pinceladas. Ainda um quadro com galinhas (Col. Dr. Rafael da Nova) em que por causa da temática foi obrigado a ser mais minucioso.

A Igreja do Sacre Coeur (Col. Pinacoteca do Estado, 46x38cm, óleo s/tela) é também uma linda tela de Mario em que captou a cor triste de um dia de inverno, cheio de neve, em que aparece ao fundo a igreja. (Foto 7).

Dario deixou muitos quadros de figura e gênero. Há um de rochas em que foi muito feliz, conseguindo captar a cor e a forma irregular e difícil da pedra, como também o mato rasteiro que aparece entre os blocos (Col. Pinacoteca do Estado, 62x51 cm, óleo s/ tela).

Apesar do pequeno número de quadros de Mário que temos tido possibilidade de ver, podemos afirmar que os irmãos são bons artistas que conhecem o métier. Pena que estivessem tão entusiasmados com a temática estrangeira, deixando poucos quadros com paisagem brasileira. Naturalmente a sua técnica é totalmente estrangeira, nada original, semelhante a muitos artistas da época. Ficou faltando a ambos o toque de mestre. Infelizmente não apenas não se pode distinguir um do outro, como os dois juntos não têm uma característica que os diferencie de outros artistas contemporâneos europeus.

Em se tratando de figuras talvez tenham sido melhores que na paisagem. Os dois pouco pintaram o Brasil e pouco sentiram a nossa natureza, sendo muito pequena a produção de telas com temática brasileira. Não que não a amassem, simplesmente não estavam aqui para pintá-la.

MARIO VILLARES BARBOSA

1880 - Nasce em Campinas, filho de João Manoel de Almeida Barbosa.

Estuda no Antigo Seminário Episcopal de São Paulo.

Muda para o Colégio Mackenzie.

Começa a estudar desenho e pintura com Oscar Pereira da Silva.

1897 - Expõe com 17 anos.

1901 - Exposição com o irmão Dario e Oscar Pereira da Silva no Banco Constructor. Expõe natureza morta e estudo de cabeça.

Viaja para a Europa com o irmão. Estuda na Academia Julian, com Jules Lefebvre, Robert Fleury, Marcel Bachet e Lapana.

1905 - Cursa a Ecole Nationale de Beaux Arts de Paris.

1906 - Viaja para Concarneau.

1907 - Expõe no Salon de Paris: dois interiores bretãos e Vieille Femme.

1908 - Viaja para Portugal.

1909 - Viaja para a Bretanha.

Volta ao Brasil por alguns meses: expõe junto com Dario.

1910 - Volta ao Brasil e expõe com o irmão, em São Paulo: 166 telas no Instituto Histórico e Geográfico.

- 1911 - De volta para a França expõe no Salon e recebe Medalha de Prata.
Vai estudar na Espanha.
- 1916 - Volta ao Brasil depois de 4 anos. Expõe na R.S. Bento, junto com Dario: Paisagens da Espanha, Portugal, Itália: 300 quadros.
Leva a exposição para o Rio de Janeiro.
Recebe Pensionato do Governo, visita a Itália, Portugal e Espanha.
- 1917 - Out., 17 - morre na Espanha.
- 1952 - Incluído na mostra Um Século de Pintura Brasileira, no M N B A

DARIO VILLARES BARBOSA

1880 - Nasce em Campinas, filho de João Manoel de Almeida Barbosa.

Estuda no Antigo Seminário Episcopal de São Paulo.

Estuda no Colégio Mackenzie.

Começa a estudar com Oscar Pereira da Silva: desenho e pintura, com o irmão gêmeo Mário.

1897 - Expõe com 17 anos.

1901 - Set. - expõe com Oscar Pereira da Silva e Mário no Banco Constructor: natureza morta, cabeça e boiada. Viaja para Paris com o irmão, às próprias expensas. Estuda na Academia Julian com Jules Lefebvre, Marcel Fleury.

1906 - Viaja para Concarneau.

1907 - Expõe no Salon de Paris: dois interiores e uma cabeça.

1908 - Viaja para Portugal.

1909 - Viaja com o irmão para a Bretanha e volta para o Brasil por alguns meses.

1911 - Jul. - expõe no Rio.

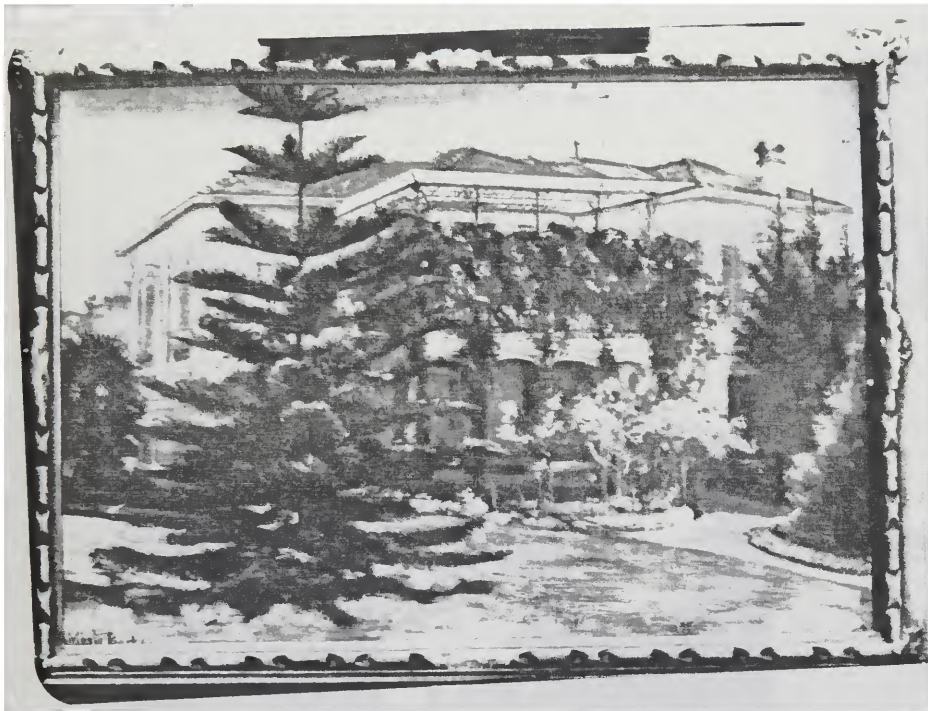
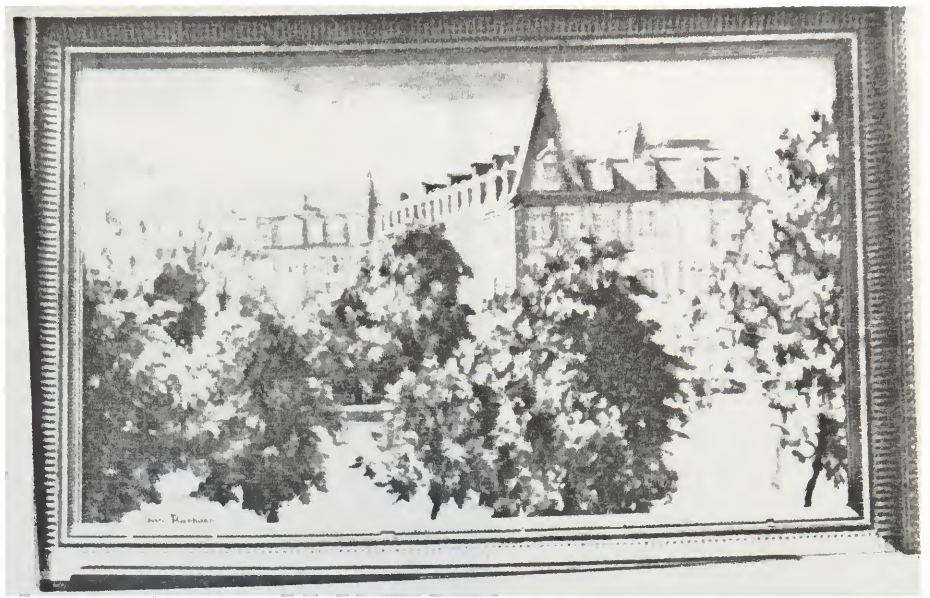
Volta para a França.

1913 - Participa do Salon de Paris.

- Expõe na Segunda Exposição Brasileira de Belas Artes em São Paulo.
- 1916 - Volta ao Brasil depois de quatro anos: expõe em São Paulo, junto com Mário; 300 quadros na R. S. Bento. Paisagens da Itália, Espanha, Portugal.
- Recebe Pensionato do Governo e vai para Itália, Portugal e Espanha.
- 1917 - Morre o irmão Mário.
- 1921 - Participa do Salon des Artistes Français.
- 1928 - Expõe no Palácio das Indústrias, na Exposição Muse Italiche.
- Expõe Tiradentes na vitrine de "O Estado de S.Paulo".
- Viaja para o Marrocos.
- 1934 - Expõe em São Paulo.
- 1935 - Expõe no Palacete das Arcadas, R. Quintino Bocaiúva, 54: paisagens da Argélia, Marrocos, Espanha, Itália e França.
- Participa do S.P.B.A. : recebe Prêmio de Honra.
- 1936 - Jan. - expõe 300 telas da África e Europa.
- 3º Prêmio Aquisição no III Salão Paulista de Belas Artes: Feiticeiro Sudanês adquirido pela Pinacoteca do Estado.
- Expõe no S.N.B.A.
- 1940 - Expõe no S.P.B.A.
- 1943 - Expõe no S.P.B.A.: recebe Medalha de Ouro.
- 1945 - Expõe no S.P.B.A.: recebe Primeiro Prêmio Prefeitura.
- 1952 - Set., 13 - morre na França.

DARIO VILLARES BARBOSA

1. Liceu Pasteur
Col. Pinacoteca do
Estado



MARIO VILLARES BARBOSA

2. A nossa casa
Col. Pinacoteca do
Estado

DARIO VILLARES BARBOSA

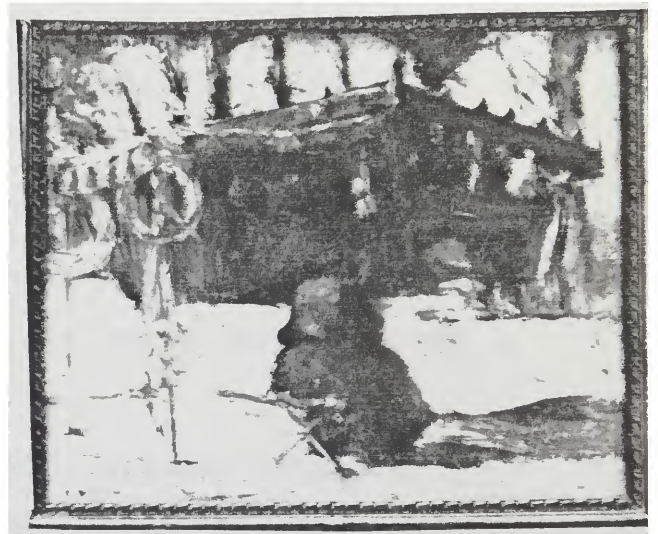
3. Jardim Versailles
Col. Dr. Rafael de
Nova





DARIO V. BARBOSA

4. Campo Florido
Col. Pinacoteca do Estado



5. MARIO V. BARBOSA
Barraca de Feira
Col. Pinacoteca do Estado



6. MARIO V. BARBOSA
Igreja do Sacré Coeur
Col. Pinacoteca do Estado



7. MARIO V. BARBOSA
Ponte em Portugal
Col. Pinacoteca do Estado

ALÍPIO DUTRA

Alípio Dutra, filho mais velho do pintor e músico Joaquim Dutra, nasceu em 1892 em Jau, passou sua infância e juventude em Piracicaba, onde também fez seus estudos. Desde pequeno via o pai pintar, o qual, por sua vez, tinha herdado esta vocação do avô, Miguelzinho; portanto, foi natural ele mesmo pegar tintas e pincéis. Para se sustentar, já em 1911 era professor da Escola Normal de Piracicaba, mas sempre que podia saía para pintar os recantos que mais o interessavam, estando o rio quase sempre presente em seus quadros.

Expõe em São Paulo, em 1912, algumas paisagens, um Interior de Cozinha, e Caipira Pescando. Era sua intenção, com esta mostra, conseguir o pensionato para a Europa, que acabou obtendo. Seguiu em abril de 1913 para a França, matriculando-se logo na Academia Julian, tendo estudado com W. Laparra, Royer, Baschet. Ao estourar a guerra em 1914, teve que retornar ao Brasil, mas sua técnica já tinha sofrido mudanças neste curto período de estudos.

Morava em São Paulo, lecionando desenho em um colégio noturno e, sempre que podia, voltava para Piracicaba e pintava recantos do seu amado rio que tanto inspirara seu pai e o irmão João.

Alípio ficou no Brasil até 1919, participando de

Salões do Rio de Janeiro, onde foi premiado e expôs em São Paulo com sucesso. Lucílio de Albuquerque, que viu seus trabalhos em 1916, achou que tinha aproveitado a estada no exterior; Pedro Alexandrino enviou-lhe uma carta elogiosa, e ambos lhe desejaram que continuasse seus estudos interrompidos. O jovem artista sentia necessidade de voltar a Paris, mas como o dinheiro da bolsa tinha-se evaporado, ele conseguiu ir para Bruxelas, comissionado pelo Governo do Estado de São Paulo. Concorreu para o Curso da Escola de Belas-Artes, entrando em primeiro lugar. No ano seguinte também tirou o primeiro lugar para o curso de retrato a óleo. Nesta estada se apaixonou pela Bélgica, especialmente pela encantadora Bruges, com suas casas típicas de frentes trabalhadas, os canais, as pequenas pontes. Voltou várias vezes depois, nunca se cansando de pintar recantos com o casario e as pontes refletindo-se na água.

Em 1921 é convidado a trabalhar na embaixada brasileira de Paris como adido comercial. Na Cidade Luz estudou na Escola de Belas-Artes que aceitava somente 20 alunos por ano. Havia 600 candidatos e ele conseguiu o 1º lugar. Expôs no Salon nos anos de 1923 e 1924. Em 1925 é convidado para dirigir a propaganda do Instituto do Café na Europa. Além de conseguir uma vida mais folgada que os outros pensionistas que lá estavam na época, tinha mais facilidade de se locomover, tendo conhecido inúmeros recantos da Europa. Visitou França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Espanha, Itália, Checoslováquia e Polônia.

Convivia em Paris com os brasileiros Monteiro França, Paulo do Valle Jr., Túlio Mugnaini, José Wash Rodrigues, Paulo Vergueiro Lopes de Leão, Osvaldo Pinheiro, Leopoldo e Silva.

Alípio nas primeiras telas, reproduzia a paisagem que via com o máximo de realismo, tentando alcançar o tom certo dos verdes dos campos e das vegetações, porém nem sempre conseguindo. Estudava o casario, cuidando dos detalhes, como por exemplo em uma tela da Col. de Augusto Velloso de 1913 (18,5x55,5 cm)

Depois da primeira estada européia a composição, que anteriormente era horizontal, agora tinha cortes mais arrojados. A pincelada estava mais solta, os verdes mais compreendidos e apesar da preocupação de captar o local como as colinas e casarios refletindo-se na água, não há mais o detalhismo de antes (Ex. Col. José Galvão Filho 36x64 cm) (Foto 1).

No quadro Touceiras, hoje na Pinacoteca do Estado, de 1916, ele estuda um grupo de bambus que se refletem na água. O campo que se vislumbra atrás e um grupo de árvores à esquerda estão iluminados pelo sol. A pincelada corre espontaneamente em todas as direções. (Foto 2).

Pintou nesta época, além do Rio Piracicaba, caipiras, violeiros, bambus, campinas floridas. Monteiro Lobato admirava a harmonia das tintas que usou, como a composição e os nevoeiros matutinos de beira do rio, ou então os céus tempestuosos com nuvens pesadas, conseguindo assim

paisagens com movimento.¹

Na França algumas vezes saía para pintar em grupo, o que vemos confirmado no quadro Basse Cour (Foto 3) , que tanto ele como Túlio Mugnaini e José Wash Rodrigues focalizaram. A tela consta de umas casas antigas que formam uma pequena praça e através de um arco dão acesso a umas ruelas que se vislumbram através do vão. As paredes do casario são ocres e assim é toda a tela; o que diferencia um quadro do outro são as figuras que cada artista colocou e o tratamento da pincelada, umas mais soltas, outras mais alisadas. (Col. Noedir Moraes Correia 38x46,2 cm)

Em 1934, Alípio voltou para a terra natal e começou a participar regularmente da vida artística paulistana. Trouxe, desta sua segunda estada européia, uma nova mudança em sua pintura. As cores são mais fortes, a tinta tem uma pasta grossa, a pincelada é nervosa, espalhando-se em todas as direções, formando assim uma espécie de textura. Vieram paisagens escuras que reproduzem dias frios, sem sol, em que as cores são ocres, marrons, esverdeadas, quer se trate de casas, céus ou águas do Rio Sena, que focalizou várias vezes. Mas também captou dias de sol e aí a paleta clareia, tudo é luz. Como quase sempre, escolheu trechos de rio ou algum canal aproveitando os reflexos coloridos das beiras. Todos estes quadros são os de um bom pintor europeu, com temática, cores e técnica européias-

1. O Estado de São Paulo, 20.12.1916

(Ponte de Bruges, Col. Pinacoteca do Estado 31x39,5) (Foto 4)

Ao voltar para sua terra por um certo tempo continua com as mesmas qualidades pictóricas, mas alguns anos depois começa a abandonar a pincelada de tinta espessa, não se percebendo mais sua massa. Em 1942, ao pintar O Pico do Jaraguá com suas olarias no primeiro plano percebeu-se um pintor seguro de seu "métier" mas que economiza a tinta. A pincelada ainda é solta, visível, a composição é correta, tendo conseguido com sucesso a cor local (Col. Maria Tereza Dutra 24,5x32 cm). (Foto 5)

Em 1946 apresenta no S.P.B.A. o quadro Velha Pintando e recebe com ele uma Medalha de Prata. Estranhamente é um quadro diferente dos anteriores, tanto na temática quanto na qualidade de pintura. Estava ele, na época, entusiasmado com a pintura de Almeida Jr., de quem tinha escrito uma biografia, - hoje de posse da família - incluindo um levantamento fotográfico quase completo das obras. A grande admiração pelo pintor ituano fez com que escolhesse como tema uma velha pobremente vestida, sentada em uma janela de uma casa de pau a pique, fumando um longo pito de barro que lembra muito outra velha fumando do próprio Almeida Jr. A tela é relativamente grande em relação às anteriores que usava (Col. Luis Roberto Mendes Gonçalves) e o tratamento da pincelada e a cor têm também grande influência de Almeida Jr. Esta obra em nada lembra as anteriores que produziu.

Numa paisagem que apresentou no 21º Salão Paulis

ta, em 1956, vemos uma casa de fazenda colocada no centro do quadro, com um grande céu claro e, na frente, uma vasta área de terra batida. Estes espaços que recebem um tratamento alisado de pincelada quase invisível, fazem com que a casa fique como que perdida no quadro. Há uma incompreensível preocupação com o detalhe, que havia existido somente no início de sua vida artística. Não encontramos mais o artista espontâneo de pinceladas nervosas, com tinta de massa gorda chegando a fazer relevo. (Col. José Eduardo Mendes Gonçalves 61x73,5 cm).

ALÍPIO DUTRA

- 1892 - Mai., 2 - nasce em Jaú, filho do pintor Joaquim Miguel Dutra e de D. Malvina Dutra.
- 1909 - Muda-se ainda criança para Piracicaba, onde faz seus estudos, formando-se na Escola Complementar.
- 1911 - Professor nomeado de Caligrafia e Desenho na Escola Normal de Piracicaba.
Estudou pintura por um certo tempo com Joaquim Matos.
- 1912 - Expõe em São Paulo, na R. Boa Vista: Interior de Cozinha, Caipira Pescando e Ponte sobre o Piracicamin, concorrendo ao Prêmio Pensionato Artístico, que acaba recebendo.
- 1913 - Expõe na II Exposição Brasileira de Belas-Artes.
Segue para Paris. Inscreve-se na Academia Julian e estuda com W. Laparra, Baschet, Royer.
- 1914 - Volta ao Brasil por causa da Primeira Guerra Mundial
Leciona como professor de desenho em uma Escola noturna no Cambuci.
- 1915 - Expõe, em Jaú, 43 trabalhos, paisagens de Piracicaba, da São Paulo urbana, animais, figuras e paisagens parisienses.
- 1916 - Expõe em S. Paulo na R. 15 de novembro: 70 desenhos de nus executados na Europa.
Participa do S N B A e recebe Menção Honrosa de 2º Grau.

- 1917 - Dez. - expõe na R. S.Bento, 50. São 45 trabalhos:
paisagens, gênero, retratos.
Participa do S N B A : recebe Menção Honrosa.
Abr. - expõe na Vitrine da Casa Rosenheim, R. S.Ben-
to uma vista da Fazenda Ribeirão Bonito, em Jaú.
- 1918 - Participa do S N B A.
- 1919 - Out. - parte para Bruxelas, onde vai residir, comis-
sionado do Estado de São Paulo: inscreve-se na Esco-
la de Belas-Artes.
- 1920 - Jan. - tira o primeiro lugar na Escola de Belas Ar-
tes para o Curso Superior: estuda com Montald.
- 1921 - Tira o primeiro lugar no concurso de retratos a óleo.
Expõe em Bruxelas, na Academia de Belas Artes.
Muda-se para o Consulado do Brasil, em Havre.
Volta para Paris, à Embaixada Brasileira, como adido
comercial adjunto.
- 1923 - Estuda na Escola de Belas Artes de Paris.
Expõe no Salon des Artistes Français, sob o nº636 do
catálogo.
- 1924 - Participa do Salon com paisagem e figura.
- 1925 - Convidado para dirigir a propaganda do Instituto do
Café, na Europa.
- 1926 - Vem ao Brasil a passeio; embarca de novo para a Europa
e continua os estudos. Conhece toda a França,além
da BÉlgica, Holanda, Espanha, Itália, Checoslováquia
e Polônia.
- 1934 - Volta definitivamente ao Brasil.

- 1935 - Participa do S P B A e recebe Medalha de Bronze.
- 1936 - Expõe no S N B A.
- 1937 - Expõe na Grande Mostra dos Irmãos Dutra, no Palácio das Arcadas: Alípio Dutra, João Dutra, Antônio Pádua Dutra, Arquimedes Dutra e alguns quadros do pai Joaquim Dutra e do bisavô Miguelzinho Dutra,
Expõe no S N B A.
Membro do Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo.
O Governo Francês confere a Cruz de Cavaleiro de Honra da Ordem Nacional da Legião de Honra.
- 1940 - Presidente do S P B A.
- 1942 - A exposição dos Irmãos Dutra.
- 1943 - Participa do S P B A e recebe a Grande Medalha de Ouro com Socando Café.
- 1946 - Participa do S P B A: Grande Medalha de Prata com Velha fumando cachimbo.
- 1951 - Profere conferência sobre Almeida Jr. de quem está estudando a vida e a obra.
- 1953 - Salão Belas Artes de Piracicaba: recebe 1º Prêmio.
- 1954 - No S P B A recebe Prêmio Aquisição.
- 1957 - S P B A : recebe Prêmio Assembléia Legislativa.
- 1959 - S P B A : recebe a Medalha de Honra.
- 1964 - Jan., 24 - morre em São Paulo, aos 72 anos de idade.

ALÍPIO DUTRA

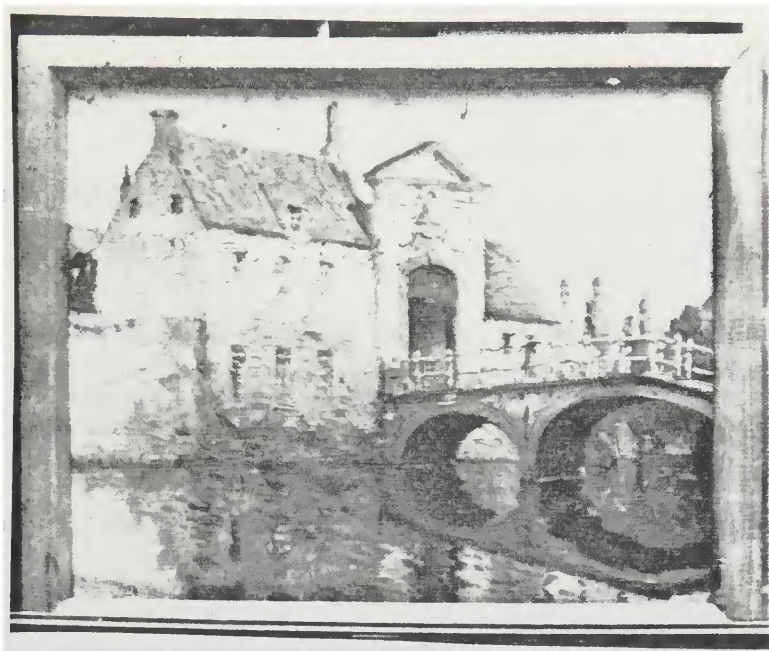
1. Rio Piracicaba
Col. José Galvão Filho



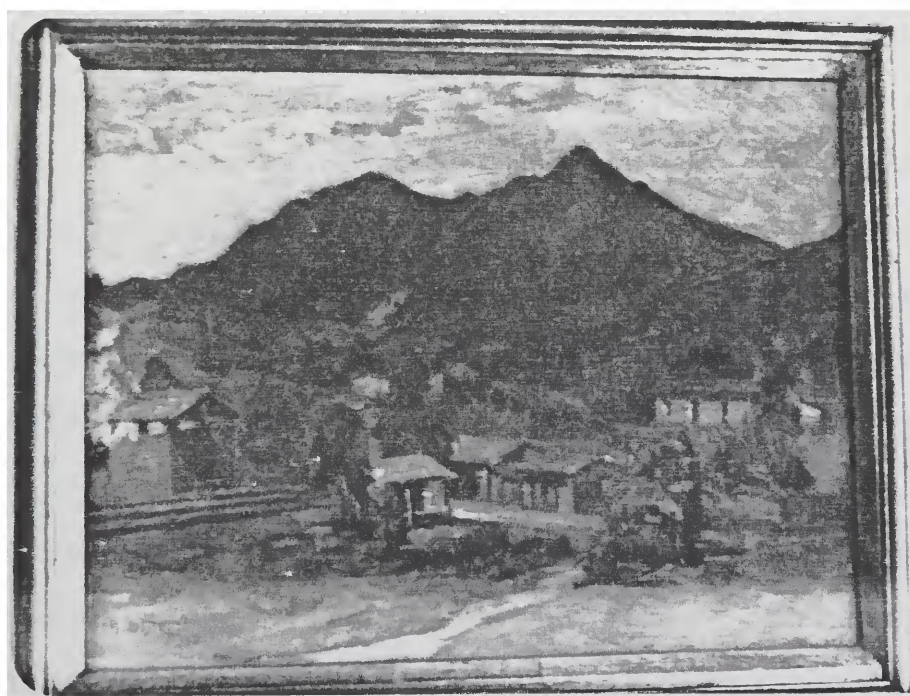
2. Touceiras de Bambu
Col. Pinacoteca do Estado

3. Basse Cour
Col. Noedir Morais
Correia





4. Ponte de Bruges
Col. Pinacoteca do Estado



5. Pico do Jaraguá
Col. Maria Thereza Dutra

TORQUATO BASSI

Torquato Bassi, o artista dos crepúsculos e das alvoradas, pintava com muita facilidade, terminando a obra em um só período de trabalho. Dizia que ao começá-lo ele já o via pronto. Para ele, pintar era uma necessidade, o que muitas vezes fazia à noite.

Nasceu em 1888 em Stienta, perto de Ferrara, província de Rovigo, Itália. O pai, Domenico Bassi, tocava violino e (como moravam perto de uma igreja) alguns membros da família tocavam órgão; o pequeno Torquato foi coroinha. Uma parte da família mudara-se para o Brasil e a família de Torquato resolveu segui-la.¹

Bassi desenhava desde pequeno e não perdoava nem as paredes das casas vizinhas. Pertencia a uma família alegre e unida que gostava de reunir-se em festas que demoravam três dias, revezando-se as pessoas para dormir. Sempre se falou que Torquato era um autodidata, o que pode ser verdade somente até antes de ter ingressado no Liceu de Artes e Ofícios onde estudou com Aladino Divani. Além de pintor foi também decorador, tendo enfeitado muitas fazendas da zona de Ribeirão Preto, de São Paulo e em 1911 o Café Guarani.²

-
1. Em 1893 ou 1894 desembarcou em Santos no navio Solferino. Foi uma viagem tumultuada, pois houve um motim a bordo tendo os marujos brigado entre si, alguns italianos outros brasileiros.
 2. Na casa de Maria Angela Matarazzo decorou muitas salas, a acompanhando o estilo de móveis que ela trazia da Europa.

Torquato Bassi casou-se aos 18 anos com Eugenia Tessarini, italiana, com quem teve quatro filhos. Sua primeira individual foi em 1907 tendo exposto 30 quadros, a maioria paisagens e algumas naturezas-mortas. Nunca se interessou pela figura, e quando esta aparece em alguma obra está integrada nela e é de pequena dimensão.

Outra individual em 1908 foi muito comentada pelos periódicos, especialmente os italianos (Fanfulla, Rivista, Tribuna, L'Idéia). Constava a exposição de paisagens como o Interior de um Cortiço, Ilha Porchat, Paisagem de Outono, Serra de Santos, Estrada de Sto. Amaro, Colinas da Cantareira. Mereceu elogios a familiaridade à nossa natureza, reproduzida por ele com grande fidelidade. O rico colorido dos quadros, embora discreto é harmônico. Amava pintar São Paulo e várias vezes foi ao Jardim da Luz, de onde até o expulsaram um vez.³ Pintou também o Parque Jabaquara, a Av. Paulista; sua filha Isolda lembra que costumava embrenhar-se pelo interior trazendo cadernos de croquis e telas cujo tema eram jaboticabeiras, figueiras, choupanas, manhãs de neblina, tempestades, ou então trechos de nossas praias.⁴

Torquato Bassi era um homem grande, de uma alegria barulhenta, tipicamente italiana, falava em voz alta, amigo de todos, mas não admitindo que ninguém o contrariasse, pois

3. Para vê-lo pintar o público pisou os canteiros e os guardas nada impressionados com o fato dele ser um artista o mandaram sair. A notícia saiu nos jornais, causando polêmicas na época.

4. Entrevista com a autora 20.11.85

ai respondia agredindo, servindo-se de sua famosa bengala que sempre usava pendurada no ombro. Invariavelmente de chapéu, barbicha, andar encurvado, era um tipo gostoso de ser caricaturado e o foi inúmeras vezes pelos caricaturistas da época, especialmente pelo amigo Voltolino.⁵ Certa vez chegou apresentar queixa na justiça contra o redator do(mesmo) Pasquino Coloniale, Arthur Trippa, por crime de injúria, tendo sido este último condenado a quatro meses de prisão e multa.

Torquato foi premiado com a medalha de Ouro pela ENBA em 1908, mas apesar disso continuou recebendo críticas de seus colegas. Talvez um dos motivos fosse seu gênio, que não levava desaforos para casa. Espírito aventureiro, viajou por vários Estados onde expôs em cidades pequenas e capitais, vendendo sempre. Nos quadros onde proventura o desenho não era impecável ganhava a poesia que transmitia e que agradava ao grande público. Os verdes opacos e escuros das figueiras que se sobressaem em um céu anoitecendo com tonalidade alaranjada e sombras amarelo-esverdeadas, agradavam muito. É considerado o poeta do anoitecer, sabendo captar toda a sua beleza de cores, mas também gostava dos dias neutros onde colocava um céu cinza e árvores escuras em primeiro plano. Pode-se sentir nestes quadros alguma insegurança, ou talvez falta de estudo, mas jamais encontraremos neles as

5. Em 1909 além de uma caricatura havia alguns versos no Pasquino Coloniale

manhas adquiridas nas academias. No começo as telas grandes, eram poucas em geral preferia tamanhos médio e pequeno.

Na exposição de 1911 o Correio Paulistano dá notícia do grande número de visitantes e das obras vendidas. Mais tarde levou esta exposição para Campinas, também com sucesso. Foi um ano em que trabalhou muito, dedicando-se especialmente à organização da I Exposição Brasileira de Belas-artes no Liceu de Artes e Ofícios e da qual participaram artistas do Rio e de São Paulo. Torquato expôs 14 trabalhos e como era de esperar recebeu não só elogios como críticas por não ter aceito trabalhos de alguns colegas, já que havia ainda uma sala vazia. Mesmo seus quadros foram criticados, dizendo maldosamente um jornalista que "Bassi esgotou-se com a decoração do Café Guarani!"⁶

Tendo conseguido algum dinheiro com a venda dos quadros da última exposição, Torquato Bassi deixou a mulher e quatro filhos em sua agradável casa na Al. Jaú e partiu para Paris, a terra das artes. Conseguiu ficar quase um ano e meio quando teve que voltar por causa da I Guerra Mundial. Durante sua estada na capital francesa estudou como todos os nossos pintores na Academia Julian com o pintor Jean Paul Laurens e frequentou o ateliê de Harpignie. Sustentou-se pintando cenários.⁷

6. O Pirralho, nº 23, 13.1.1911 arquivo A.Maria Belluzzo

7. Logo após a chegada estava ele admirando a cidade quando acabou dando um encontrão em um homem que carregava parte de um cenário. Era o Spellani, pintor e decorador. Como bons italianos começaram a brigar, falando em italiano; o resultado foi tornarem-se amigos e o Spellani convidar o Bassi para trabalhar com ele.

Torquato Bassi perdeu a primeira esposa logo ao voltar da primeira viagem. Um ano e pouco depois casou-se com a alemã Alvine Steingraber, com a qual teve a filha Isolda. Segundo esta foi a mãe que pôs ordem na vida deste artista irriquieto. Viveram na casa da Al. Já u toda decorada por Bassi com medalhões de flores e frutos na sala de almoço e retratos e guirlandas nas outras salas. O pintor gostava de viver bem, a casa tinha bons móveis que muitas vezes ele de senhou e mandou fazer. Conta Isolda que depois de algumas viagens pelo país, em que expunha seus quadros, na volta, com o dinheiro conseguido comprava terrenos onde construía casas para depois vendê-las, conseguindo assim mais um meio de sobrevivência, sempre ajudado pelo espírito organizado da mulher. Amigo de J. Wash Rodrigues fez com que ele também comprasse um terreno e construísse sua própria casa perto da dele. A família mais tarde mudou-se para a Al. Itú, 1611, es quina da Rebouças, em uma casa que decorou toda com estuques. Aí tinha seu ateliê e também dava aula de pintura, mui tas vezes cantando trechos de ópera enquanto pintava. Era um lugar sempre aberto aos amigos que vinham bater papo e muitas vezes participar de sua mesa. Certa vez, ao viajar pelo Norte ficou seis meses e a mulher foi com ele, pois segundo a filha Isolda "não era seguro deixá-lo tanto tempo só".

Expôs nesta viagem em Vitória, Recife, Fortaleza, vendendo tudo o que pintava. Esteve em Porto Alegre em 1919 e contam que teria convidado um crítico para ver seus quadros, mas esqueceu-se e quando o jornalista chegou ele não

estava. Ofendido, o convidado vingou-se escrevendo barbaridades sobre o trabalho do pintor. Bassi, querendo mostrar o pouco que lhe importava sua opinião, pintou um cacho de bananas que depois alguns estudantes da cidade levaram em passeata. Acabou obtendo grande propaganda e a exposição se tornou um sucesso.

Em 1925 foi para a Itália com a mulher Aldine e a filha Isolda. As duas acabaram indo para a Alemanha, terra de Aldine e Torquato, que da outra vez não fora à Itália, ficou encantado com ela. Viajou por todo o país, visitando museus e voltou fascinado pela terra natal.

Torquato Bassi era um homem grande e com a idade foi-se tornando curvo. Depois de um desastre de carro este defeito pronunciou-se ainda mais. Era muito amigo do pintor e escultor Prati, que vinha constantemente ao seu ateliê nos últimos anos da vida de Bassi. Como este estava perdendo a visão, Prati ensinou-lhe esculpir e fazer a sustentação da escultura. Sobraram desta fase lindíssimas esculturas, pequenas, mas de muita força, especialmente um boi com muito movimento, um São Francisco, um cão vira-lata, um menino jornalista e um burrico.

O pintor costumava dizer que não tivera fases em sua carreira e o artista que as tinha não sabia pintar. Ao mesmo tempo confessava que muito o prejudicou o meio em que vivia, pois se pintasse como gostava a família teria morrido de fome. Viver com ele era uma aventura interessante, e a família adorava reunir-se em conversas sem fim.

Vimos anteriormente que era homem de iniciativas e foi o primeiro a levar para cidades do interior do Estado quadros de outros pintores: de Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva, Benedito Calixto e outros. Levou os quadros para Santos, Campinas e Ribeirão Preto. Era a primeira vez que estas cidades viram tão importantes obras de artistas. Nesta ocasião aproveitou e decorou o Paço Municipal de Ribeirão Preto.

Ele próprio expôs praticamente todos os anos, não somente em São Paulo como em Campinas, Santos, Rio, Rio Grande do Sul e do Norte.

Em 1928 criou o Grupo Almeida Jr. do qual faziam parte vários artistas cariocas e paulistas. A primeira mostra foi no Teatro Municipal. Como as vendas foram compensadoras organizou em seguida outra no Palácio das Arcadas. Participaram da exposição: Pedro Alexandrino, H. Bernardelli, Paulo do Valle Jr, Georgina de Albuquerque, Pedro Bruno, Theodoro Braga, J. Wash Rodrigues, Helios Seelinger, Lucilio Albuquerque, Tulio Mugnaini, Edgar Parreiras, J. Timotheo da Costa, A. Rocco, A.J. Marques Jr., Helena Pereira da Silva, Oscar Pereira da Silva, H. Niaud e o próprio Torquato Bassi. Em 1929 fez outra exposição no mesmo local tendo aderido a ela outros artistas: Decio Villares e Lopes de Leão.

Torquato participou de vários SPBA, foi um dos fundadores da Associação Paulista de Belas-artes, expôs no Sindicato de Artistas Plásticos várias vezes, apesar de ele congregar os artistas da ala moderna.

Em 1949 festejou os 54 anos de sua vinda ao Brasil e reuniu-se com os amigos no Restaurante Franciscano em mais um de seus famosos jantares que iam até a madrugada.

Em 1950 mandou alguns trabalhos para o SPBA e foi recusado. O velho artista ficou magoadíssimo, ainda mais por saber que Paulo do Valle Jr., que frequentava sua casa, fazia parte do júri. Depois deste fato e também em consequência do desastre de carro sofrido ficava mais em casa, muitas vezes pintando ou esculpindo na cama.

Morreu a 7 de julho de 1967 com 87 anos.

T. Bassi regressando da França expôs seus trabalhos em São Paulo e depois foi para cidades do interior. Nesta ocasião fez um quadro de dois metros de comprimento, Paineiras em Flor que tinha ao fundo o Morro do Jaraguá, e mandou-o para a ENBA. Os críticos perceberam que sua pintura melhorara, estava mais refinada a poesia emanava das telas, que atraíam pelas cores carregadas, empregadas nos diferentes acidentes. Tanto o Pão de Açúcar como Poesia no Campo tinham grande delicadez de nuance. É dessa época o Campo Florido (Col. Pinacoteca do Estado) de colorido suave em que conseguiu profundidade em um descampado extenso com apenas algumas árvores ao fundo, no último plano (Foto 1).

Alguns consideram que os quadros de Bassi - apesar das paisagens brasileiras - parecem pintados por olhos de europeu.

O motivo é que as cores que ele emprega não têm a claridade gloriosa do sol, que dá reflexos vivos, tonali-

dades fortes, que os nacionalistas achavam ser uma característica da nossa paisagem. Mas o pouco tempo passado pelo artista na França não foi suficiente para influenciá-lo tanto como querem os críticos. E se olharmos as telas que pintou antes da viagem veremos que têm o mesmo colorido. Se algo mudou foi na construção do quadro e no desenho. Na Verdade, Torquato apesar de ser falador, alegre, para pintar escolhia recantos calmos, com pouca luz, quando já não à noite. É o caso também de Campos Ayres que preferia lugares humildes, trechos do nosso interior que davam poesia e suavidade às horas meigas da manhã e da tarde, quando a luz vem suavizada de sombras.

Torquato não deixou de às vezes pintar quadros de muito colorido, especialmente quando se tratava de marinhas com nuvens escuras deixando prever a tempestade com o vento açoitando as árvores e as ondas do mar revoltas. Pintou tantas vezes os pinheiros do Paraná que logo reconhecemos estes quadros.

Nas paisagens de Bassi não vemos nada contornado, assim troncos e árvores, massas verdes, céu, água tudo se funde. Amava as horas de recolhimento e mistério, e a natureza do Sul o favorecia, lembra A. Fernandes.⁸ O crítico percebia que algumas vistas visavam agradar o grande público, tirano dos artistas. Essa atitude, porém, não lhe prejudicou. Torquato é o poeta dos crepúsculos, atraído pela melancolia

8. Jornal de Recife, (22.7.1922)

das sombras, pela poesia das coisas suaves e tristes como as brumas da manhã, luares pálidos, tardes tristes, mar refletindo as cores do horizonte ou os violentos por do sol do sertão. Em todas as telas há harmonia de cores, de luz e de tons. Os quadros em que focaliza a noite sempre têm uma luz cintilante que provém de alguma queimada e nos luares há reflexos na água. Quando pinta o anoitecer, o céu avermelhado, reflete-se tratado com umas pinceladas grossas, com muita massa. A melancolia que emana de seus trabalhos, é devida às cores que usa, que raramente são puras. O pintor misturava-as com muitas outras, às vezes usando o branco, o que lhes conferia um tom acinzentado, leitoso e conseqüentemente poético (Foto 2). Como o artista não costumava colocar verniz em seus quadros a falta de brilho também contribuía para estes efeitos. Esta é uma característica bem dele que faz com que logo reconheçamos um trabalho seu.

Preocupado com a luz, chegou a fazer quadros quase abstratos nos quais o brilho do sol refletido na água é o único personagem (49,5x64,5 cm, Col. Mirna M. Mulkey) (Foto 3). Outras vezes, no anoitecer do mar mal se percebem as sombras dos navios. O que conta é o céu pintado de faixas amarelas e laranjas refletindo-se na água. O Horto Florestal com seu lago e seus nenúfares serviu muitas vezes de tema (Foto 4) (Col. Isolda Bassi Bruch 59,5x71,5 cm e Col. Mirna Mulkey 64x84 cm) . As sombras das árvores no lado dão grande movimentação ao quadro, assim como também a grande gama dos verdes.

Torquato Bassi não colocava muitos elementos em seus trabalhos estava mais preocupado com os efeitos da luz do que com os elementos que compunham o quadro. Detalhes é algo que praticamente não existe em sua obra. Por isto, às vezes, em algumas marinhas, entretido com o brilho da água chega, talvez pela rapidez em pintar, a retratar pedras que têm um tratamento primário.

Alvaro do Amaral escreveu que a poesia é a nota predominante no temperamento de Bassi; às vezes até exagera.⁹ Anos mais tarde elogia os quadros do artista que respiram calma e tranquilidade. Nestor Pestana achava que o artista se prejudicava pela pressa de produzir, mas que tinha habilidade e sentimento artístico.¹⁰

Torquato Bassi tem quadros seus espalhados pelo Brasil afora e o Governo do Estado também adquiriu uma paisagem de Itu para colocar nos Campos Elisios. Nossos colecionadores adquiriam seus quadros e, o que é de se notar, também a pequena burguesia se sentia tocada pela sua temática, fácil de ser entendida, sem muitos rebuscamentos, da qual emanava uma perceptível poesia.

9. Comércio Paulista, 27.12.1910 p.3

10. Revista do Brasil, nº 28, ano III vol.7, abril 1918

TORQUATO BASSI

- 1880 - Fev., 28 - nasce em Stienta, província de Rovigo, Itália, filho de Domênico Bassi
- 1893 - Vem ao Brasil com os pais.
Estuda no Liceu de Artes e Ofícios com Aladino Divani.
- 1898 - Casa-se com Eugenia Tessarini, italiana, 18 anos.
- 1907 - Dez. - exposição na Casa Bevilacqua, R.S.Bento, 14A
30 quadros, na maioria paisagens.
- 1908 - Medalha de Ouro SNBA, R.J. Exposição Nacional do 1º
Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Co-
mércio Internacional.
Dez. - exposição na Casa Bevilacqua, R.S.Bento, 14A
37 telas, paisagem.
- 1909 - Dez. - exposição na Casa Nardelli, R. Direita, 41:
32 telas.
- 1911 - Set. - exposição no Correio Paulistano.
Pinta o Café Guarani.
Organiza a Exposição Brasileira de Belas Artes no
Liceu de Artes e Ofícios, onde expõe 14 trabalhos.
- 1913 - Exposição em Campinas: Salão Nobre do Centro de Ciên-
cias: 40 telas.
Viaja para Paris: estuda na Academia Julian com
Jean Paul Laurens e no ateliê de Harpignies. Trabalha
com Spellani em cenários para Teatro.

- 1914 - Mai. - volta para o Brasil por causa da I Guerra Mundial.
- Ago. - exposição na R. 15 de Novembro: 59 telas.
- 1915 - Diploma di Benemerenza Dante Alighieri.
- 1916 - Mar. - exposição Casa di Franco, R.S.Bento, 50: 34 paisagens.
- XXIII Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes - Medalha de Bronze.
- Segundo casamento com Alvine Steingraber, alemã.
- 1917 - Exposição em Curitiba.
- Leva quadros de vários artistas para cidades do interior: Campinas, Ribeirão Preto: B. Calixto, P. Alexandrino, O.P.Silva e outros.
- Em Ribeirão Preto decora o novo Paço Municipal.
- Ago. - exposição em Santos.
- 1919 - Mar. - exposição na R. Líbero Badaró.
- 1919 - Jul. - volta do Rio Grande do Sul, onde expôs em várias cidades: P. Alegre, Pelotas, Curitiba e outras.
- Set. - exposição Papelaria Riachuelo, R.S.Bento, 35B
- 1920 - Mar. - exposição na Sede Circolo Italiano, Largo da Sé, 3.
- 1921 - Jul. - exposição na Casa Sotero, R. Direita, 47:45 telas.
- 1922 - Viaja para o Norte - expõe em Recife na Associação dos Empregados no Comércio: 54 telas.
- 1925 - Mar. - exposição na R.S.Bento, 35.
- Viaja para a Europa com a mulher e a filha Isolda.

- 1928 - Mar. - exposição Grupo Almeida Jr., organizada por ele no Teatro Municipal.
Mai. - expõe na Exposição Muse Italiche, 5 telas.
Out. - organiza outra Exposição Grupo Almeida Jr., no Palácio das Arcadas.
- 1929 - Jan. - organiza outra Exposição Grupo Almeida Jr., no Palácio das Arcadas.
Mai. - leva o Grupo Almeida Jr. para o Rio de Janeiro.
Dez. - exposição na Casa Sotero.
- 1934 - Prêmio Prefeitura no SPBA.
Medalha de Ouro na Exposição 1.^a Feira de Amostras da Cidade de Santos.
- 1935 - Ago. - exposição no Palácio das Arcadas, R. Quintino Bocaiúva, 54.
- 1937 - Jul. - Palácio das Arcadas; expõe 72 telas.
Dez. - exposição em seu ateliê, Al. Itu, 1611: telas de Ubatuba.
- 1938 - Jul. - exposição de seus alunos.
Nov. - SPBA - Pequena Medalha de Prata.
- 1939 - Ago. - exposição Casa das Arcadas, 70 telas.
Grande Medalha de Prata no SNBA.
Grande Medalha de Prata no SPBA.
- 1941 - Exposição em Curitiba.
Jun. - VI Salão Paulista de Belas Artes - Grande Medalha de Prata.
- 1942 - Mar. - um dos fundadores da Associação Paulista de Belas Artes, R. Conselheiro Crispiniano, 53.

1943 - Participa do SPBA.

1944 - Participa do SPBA.

1947 - Participa do SPBA, o XIV.

Participa no Sindicato dos Artistas Plásticos XI.

1948 - Participa no Sindicato dos Artistas Plásticos XII.

1949 - Mai., 5 - festeja os 54 anos de vinda ao Brasil.

1950 - Rejeitado pelo SPBA. No júri Paulo do Valle Jr.

Desastre de automóvel.

1956 - Mar. - APBA - Grande Medalha de Bronze.

Ago. - Medalha de Honra oferecida pelos artistas da APBA.

1957 - XVI APBA: Pequena Medalha de Prata.

1960 - XVII APBA: Prêmio Álvares Penteado.

1961 - Out., 11 - Cidadão Paulistano.

1967 - Jul., 7 - morre Torquato Bassi com 87 anos.

TORQUATO BASSI



1. Campo Florido
Col. Pinacoteca do Estado

2. Velho Tronco
Col. Mirna M. Mulkey



3. Solidão
Col. Mirna M. Mulkey

4. Horto Florestal
Col. Isolda Bassi Bruch



JOÃO DUTRA

João Dutra, apesar de ter morado no interior do Estado toda sua vida empregou técnicas européias em sua pintura. Iniciado pelo pai - Joaquim Dutra, que nunca tinha frequentado qualquer curso de arte e pintava por instinto, tendo conhecido praticamente somente as obras do avô Miguelzinho e algumas raras de seu pai Buonarrotti - teve mais tarde alguma ajuda dada pelo irmão mais velho, Alípio. Este, como estudou e morou muitos anos na Europa, sempre o presenteou com livros de arte de cujas reproduções coloridas João se serviu muitas vezes para captar a técnica francesa da época. Conheceu assim o pontilhismo, especialmente o de Le Sidaner e foi a partir daí que produziu, durante certo tempo, quadros com esta técnica. O pintor francês representava quintais ao anoitecer, onde aparecem mesas postas, iluminadas à luz de vela, ou então pontes, à noite, que também recebiam a luz bruxoleante de lâmpadas.

João transpôs esta técnica para as nossas pequenas cidades do interior, especialmente Piracicaba, onde viveu muito tempo, tendo pintado também a ponte e as casas iluminadas à noite.

Antes do pontilhismo, João Dutra usava certos elementos do impressionismo tardio, preocupado sempre com a hora que estava captando - o amanhecer, o anoitecer - e o tem

po: chuva, neblina, sol.

O artista não foi de grandes arrojados, apesar de ter usado cores claras, pincelada visível, não lambuzando a obra e reproduzindo com muita realidade o que via. Pintou em geral quadros pequenos, muitas vezes em táboas de madeira. Em suas exposições nunca deixou de colocar naturezas mortas e, com o passar dos anos, talvez pela dificuldade de se locomover, este número foi aumentando, até que no fim da vida pintava quase que só este gênero.

Grande parte de sua obra está hoje em coleções particulares do nosso interior, pois até a década de 40 foi um assíduo expositor em todas as pequenas cidades do Estado. Nas últimas exposições, especialmente nos vários Salões, apresentou naturezas mortas, por isto, hoje é lembrado como pintor da vida silenciosa. Apesar de ter executado interessantes composições neste gênero, percebe-se que há menos espontaneidade do que nas paisagens, isto porque nestas últimas tinha que resolver rapidamente o problema que dependia da luz e, quando retratava os objetos, podia voltar quantas vezes quisesse, pois a composição estava lá à sua espera. As suas paisagens têm um colorido vivo, enquanto as naturezas mortas são mais escuras e lembram estranhamente as primeiras dos holandeses, de tons castanhos, amarelos e ocres.

João Dutra foi professor de desenho em várias Escolas Normais. Começou a lecionar em Casa Branca, depois foi para Tatuí, Campinas e, finalmente, voltou para a terra natal, Piracicaba, onde vivia a família. Era este o seu ganha

pão e nunca pôde abandoná-lo, pois além de se sustentar, te ve que ajudar a mãe e os irmãos mais jovens. Como o simpáti co e irresponsável boêmio que era seu pai, Joaquim, estava sempre viajando, foram João e a mãe que tomaram o encar go para si e foi este um dos motivos dele não ter podido se quer sonhar em estudar no exterior.

João expôs a primeira vez em Piracicaba, em 1911, na vitrine da Loja Internacional. Havia uma Rua do Porto, vista que já seu pai reproduzira inúmeras vezes e que ele e seus irmãos Alípio, Pádua e Arquimedes também executariam. Estava exposto também Trecho do Enxofre, fiel ao natural e com efeitos de luz em que o sol aparece atrás da floresta. Conseguiu uma verdadeira gama de verdes, em contraste com um céu azul claro.

No mesmo ano, junto com o pai Joaquim, expôs em São Paulo, na casa Rosenheim, um quadro de costumes portu gueses. Como o quadro não foi descrito pela imprensa da épo ca e não sabemos de seu paradeiro, é impossível saber de suas qualidades.

João continuou expondo pelo interior sempre pai sagens - como: Recanto de Bosque, em que o sol é coado atra vés das árvores - trechos de canais, recantos de terreiros, lavadeiras e a Rua do Porto.

Começou a enviar quadros para o Salão da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em geral nature zas mortas, tendo exposto paisagem em 1918. O quadro Pinhei ros tem árvores, arbustos, troncos mortos, os raios do sol

passando entre as frestas dos ramos. Outro, Bossoroca, mostra uma erosão do solo com enormes buracos cavados pela água, nas vizinhanças de Casa Branca. E como não podia faltar, havia uma das tantas versões da Rua do Porto, de sua querida Piracicaba. Pintura de colorido verdadeiro, como noticia a imprensa da época e de muita largueza. Com os quadros Crepúsculo e Amanhecer recebeu na ocasião a Menção Honrosa.

Apesar das várias exposições do interior, foi somente em 1919 que João fez sua primeira grande individual em São Paulo. A exposição foi muito visitada, como confirmam seus álbuns de assinaturas, onde podemos ler palavras elogiosas de Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva, Georgina de Albuquerque, Lucilio de Albuquerque, Enrico Vio, J. W. Rodrigues, além das de Monteiro Lobato, Alvaro do Amaral, Nestor Pestana e de muitos jornalistas. Todos lhe desejavam que conseguisse uma bolsa para se especializar no exterior, o que ele nem estava pleiteando. Foi esta mostra que fez com que seu trabalho se tornasse conhecido na cidade e ele privasse com os artistas da terra como também com os intelectuais. Estavam expostos 76 quadros de pequenas dimensões, alguns retratos, naturezas mortas; o resto eram paisagens, cuja temática era a luz: Beijo de Sol, Ao Cair da Tarde, Dia Claro, Ao Escurecer, Céu Chuvoso, Noite de Luar, Últimos Raios, Manhã de Junho. Ainda havia algumas figuras, um interior de cozinha caipira e os famosos quadros da bossoroca que tanto o impressionou.

Monteiro Lobato disse na ocasião que sua pintura

era filha do esforço pessoal¹. Lourenço Filho, de Vida Moderna se encantou com as bossorocas, dos estudos de água que tinham muita força e movimento². João, como não tinha tido uma escola, usava diferentes técnicas, tanto o pincel o borrão, como a espátula, dependendo do que reproduzia. Os céus, em geral límpidos, algumas vezes tinham nuvens em relevo. Havia a mesma cena captada de manhã, durante o dia cheio de sol e, depois, ao entardecer.

As vendas não foram grandes, talvez uns 20 quadros, apesar de toda a imprensa ter noticiado o evento (A Cigarra, Pimpão, Vida Moderna e os jornais de sua cidade).

O pintor levou depois quadros para Santos e o fato se tornou um acontecimento na cidade.

Na ocasião desta mostra João vivia em Casa Branca, onde era muito bemquisto. Frequentava as festas de Club da cidade, agradava às moças, era bom dançarino, sabia contar piadas e acompanhava os homens no jogo de cartas. Suas exposições eram o ponto chic da cidade. Voltou a expor em São Paulo, em 1921 e 1923, além de ter levado seus quadros para muitas cidades do interior que nunca antes tinham visto uma exposição. Esteve assim em Mococa, S. José do Rio Pardo, Itapira, Bauru, Botucatu, Araraquara, Catanduva, Jaticabal, São Carlos, Barretos, Tatuí, além de Piracicaba, Santos e Campinas. As obras ficavam em geral em clubes das

1. O Estado de São Paulo, 13.3.1919

2. Vida Moderna, 25.3.1919

idades, hotéis e jornais.

Amadeu Amaral, de quem se tornou amigo, aconselhou-o a trabalhar, sempre trabalhar. Com o passar do tempo sua paleta se tornou mais rica e as composições foram variando. Apesar de viver no interior e não se sentir estimulado pelo convívio com outros artistas, com os quais entrava em contato somente nas raras exposições que fazia, nunca diminuiu sua necessidade de se exprimir através da pintura, o que fazia regularmente, sempre que os encargos da escola lhe permitiam. Amigos e admiradores costumavam brindá-lo com versos cheios de admiração, nos quais o denominavam "artista da cor e da paisagem".

A família Dutra era muito unida e assim os irmãos pintores resolveram, em 1937, exporem juntos, o que fizeram no Palácio das Arcadas. Além das obras dos irmãos, havia também três paisagens do Bisavô Miguelzinho Dutra e mais cinco do pai Joaquim Dutra. O restante da grande mostra era composta de obras de Alípio, João e de Antonio Padua Dutra, que tinham acabado de receber a bolsa para o exterior, e ainda o jovem Arquimedes, que estava no começo da carreira. Alípio, o irmão mais velho, colocou paisagens européias, nas quais usou um impressionismo decadente, mas com certo naturalismo. Já Antonio Padua Dutra pendia para a figura e era considerado o irmão de maior talento, o mais promissor. Gostava na época de tons cinzas e violetas. Logo depois seguiria viagem para Itália, onde, infelizmente, viria a falecer em 1939, de problemas cardíacos.

Arquimedes, o mais jovem dos irmãos, usava cores luminosas, alegres, e uma pincelada larga de muita massa. Adorou sempre o sol, presente em todas as suas paisagens. Tinha grande facilidade em captar trechos da natureza, não se preocupando com o detalhe.

João apresentou desta vez quadros de várias fases, alguns quase impressionistas, em que respeitava a perspectiva, outros pontilhistas. Raul Polillo, ao ver estes trabalhos sentiu que faltavam-lhe maior ímpeto³, talvez porque houvesse um certo ecletismo em sua obra e achava ele que João não tinha suficiente sensibilidade, apesar de saber desenhar e ter um bom colorido.

Já Virgilio Mauricio o considerou um extraordinário fixador da natureza brasileira, sendo superior esta parte de sua obra às suas naturezas mortas, opinião esta com a qual estamos de pleno acordo.⁴ Usava nesta época uma pincelada curta, procurava tons de penumbra e fugia da luz violenta.

Nos quadros da primeira fase de João Dutra encontramos uma grande preocupação em reproduzir a realidade. Aproveitava muitas vezes os reflexos das águas, como podemos verificar em Manhã na Rua do Porto, de 1924 (25x34 cm) (Foto 1), e na Rua do Porto, ambos col. Gilberto Dutra. A gestualidade da pincelada curta é visível e o colorido quase sempre fiel à natureza.

3. "Folha da Manhã", 12.2.1937

4. "A Nação", Rio de Janeiro, 28.2.1937

Algumas vezes, especialmente quando se tratava de árvores, usava colocar uma camada grossa de tinta, que parece depois ter recebido pequenos toques de pincel de cerda dura, como em uma tentativa de fazer uma textura que desse idéia do conjunto das folhagens. Quanto à composição nos primeiros trabalhos, ela é simples, linear, com poucos elementos como em Campo e Árvore (Col. Paulo Siqueira 17 x 23 cm.). À medida em que o artista adquiria mais segurança, foi abrangendo áreas maiores. Por ter usado vários meios de expressão, podemos encontrar também obras com tinta rala, mas não esbatida, como em Caminho na Neblina (Col. Duílio Crispin Farina 25x34 cm). (Foto 2). Em muitos trabalhos estudou zonas iluminadas, enquanto o resto está em penumbra; ex: Caminho e Casario (Col. Marcos Cabeça 24 x 32,9 cm) (Foto 3), onde conseguiu interpretar corretamente a cor da terra vermelha do caminho e a gama de verdes das árvores.

Nestas obras sentimos a mão de um pintor seguro, que conhece o seu metier e somente com muita dificuldade podemos entender que nunca tenha saído para estudar no exterior. Sua temática é verdadeiramente interiorana, mas tanto o corte como o tratamento têm uma influência estrangeira; seu trabalho está longe da ingenuidade que o pai Joaquim possuía. E isto é ainda mais visível nos quadros pontilhistas que nos deixou. Alguns, como Tranquilidade (Col. Gilberto Dutra 73,5x92 cm) (Foto 4), recebem pinceladas relativamente grandes de diferentes cores colocadas uma ao lado da outra, mas deixando aparecer o fundo da tela previamente rece

beu uma camada de tinta rala. A influência nítida de Le Si daner encontramos em Anoitecer (Col. Graziella Dutra Paoliello 51,5 x 43 cm) em que se vê o rio Piracicaba e o casario iluminado, ao anoitecer, cujas luzes se refletem na água. Apesar de usar a técnica pontilhista, aqui a pincelada já é mais miúda, os toques mais próximos um do outro.

O artista deixou outros quadros em que usou esta modalidade, somente em trechos nos quais sentiu necessidade de colocá-la para conseguir determinados efeitos, como num caminho, na água ou num céu nublado, dando ao resto do quadro um tratamento de pincelada visível, larga, em várias direções; ex.: Casa do Povoador (Col. Gilberto Dutra 39,5 x 65,5 cm,).

No fim da vida João retomou muitos de seus temas da juventude, usando algumas vezes os originais, outras vezes croquis antigos. Temos, como resultado, uma obra totalmente diversa da anterior, especialmente por empregar uma solução mais livre, de pincelada mais ampla, colorido mais vivo e rico, além de trechos com pontilhismo, elementos estes que conseguiu somente com o amadurecimento.

João Dutra assinava seus quadros com o nome completo, jamais usando a inicial do primeiro nome, o que era prerrogativa de seu pai Joaquim, que assinava J.Dutra.

JOÃO DUTRA

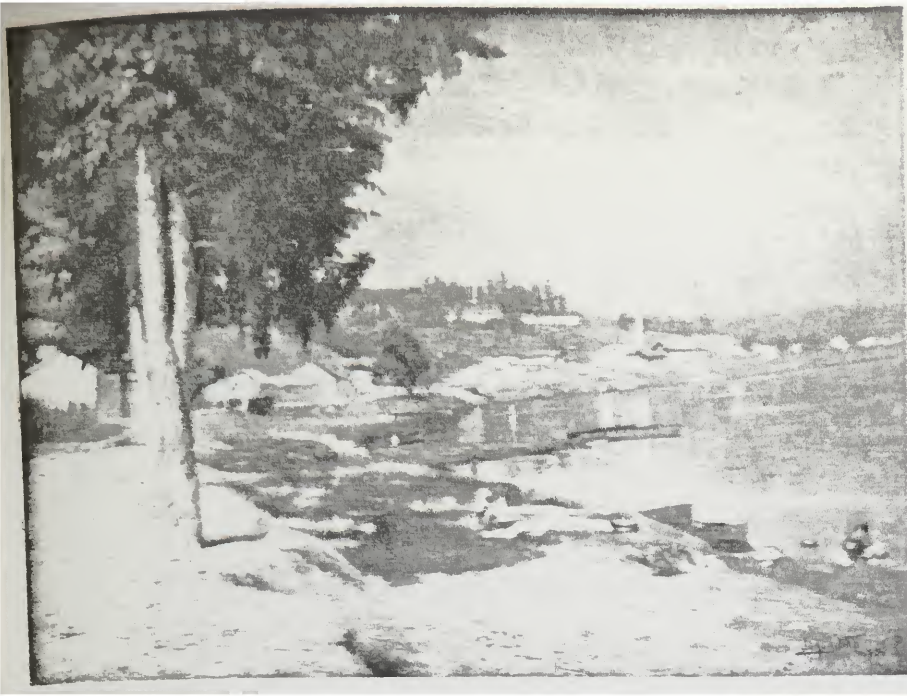
- 1893 - Fev., 19 - nasce em Rio Claro, filho do pintor Joaquim Miguel Dutra e de D. Malvina Almeida Dutra.
- 1911 - Expõe em Piracicaba, na Vitrine da Loja Internacional: Rua do Porto, Trecho do Enxofre, mais paisagem e natureza morta.
Expõe em São Paulo, junto com o pai Joaquim Dutra, na Casa Rosenheim, Costumes Portugueses.
- 1912 - Jul. - expõe na loja "O Barateiro" em Piracicaba.
Leciona em Itapira.
- 1914 - Expõe na vitrine do "Jornal de Piracicaba" duas paisagens.
- 1916 - Expõe em Campinas: quadros de S. João da Boa Vista, Piracicaba, S. José do Rio Pardo e Casa Branca.
Leciona na Escola Normal de Casa Branca.
- 1917 - Envia para o Rio de Janeiro, F N B A, três quadros de natureza morta e paisagem, recebendo a Mensão Honrosa de 2º Grau com Crepúsculo e Amanhecer.
- 1919 - Primeira individual em São Paulo, na redação da "A Vida Moderna", com 76 quadros de pequenas dimensões: paisagens, retratos e naturezas mortas.
Leva os quadros para Santos, para a sala de espera do Polytheama.
- 1920 - O irmão Antonio Padua Dutra começa a mostrar seus trabalhos.

- 1921 - Segunda individual em São Paulo: exposição na Casa Byington, R. 15 de Novembro: paisagens de Casa Branca e Piracicaba.
- Expõe em Piracicaba nos altos do "Jornal de Piracicaba".
- Expõe em Mococa: 1.^a vez que um artista aparece na cidade.
- Expõe em S. José do Rio Pardo, Itapira, Campinas, Santos e Piracicaba.
- 1922 - Jan. - expõe em Jau, no Club Concórdia.
- Fev. - expõe em Botucatu, no Palacete Del Manto.
- Jun. - expõe em Araraquara: Hotel Municipal.
- Expõe no S N B A e recebe Menção Honrosa.
- 1923 - 3.^a Exposição Individual em São Paulo nos altos da Casa Sotero, Rua Direita: 80 telas, paisagens e naturezas mortas.
- Nov. - expõe em Catanduva, no Club 7 de Setembro.
- 1924 - Jan. - expõe em Jaboticabal, retratos e 80 quadros.
- Set. - expõe em Barretos.
- 1926 - Expõe em Catanduva, Taquaritinga, Avaré, Monte Alto e Ariranha.
- 1927 - Ago. - expõe no S N B A , recebe Medalha de Bronze, com Manhã de Sol.
- O irmão Pádua Dutra recebe Medalha de Bronze e Arquimedes uma Menção Honrosa, sendo ainda estudante da escola Normal.

- 1928 - Out. - expõe em Piratiniga, retratos.
Participa do S.N.B.A. com Clareiras, Manhã de Agosto, Tarde de Agosto.
- 1931 - Fev. - expõe em Tatuí, no Hotel Afonso: retratos.
- 1934 - Expõe no S P B A : natureza morta.
- 1935 - Participa do S P B A , recebe Menção Honrosa.
Participa do S N B A , com natureza morta.
- 1936 - Participa do S N B A , com natureza morta.
- 1937 - Os irmãos Dutra expõem em São Paulo, no Palácio das Arcadas, mais quadros do pai Joaquim e bisavô Miguelzinho. João apresenta 30 paisagens de Piracicaba e Tatuí. Ainda estão presentes na mostra Alípio, Pádua Dutra e Arquimedes.
- 1938 - Participa do S P B A ; recebe Pequena Medalha de Prata.
- 1939 - Participa do 6º S P B A ; recebe Grande Medalha de Prata.
Morre Pádua Dutra na Itália.
- 1945 - Os irmãos Dutra expõem na Galeria Itapetininga, com uma homenagem ao irmão Pádua, falecido.
- 1947 - Participa do S P B A e recebe o Prêmio Departamento Estadual de Informações.
- 1951 - No VII Salão de Belas Artes de Campinas recebe 1º Prêmio Governador Lucas Nogueira Garcez.
- 1957 - No S P B A recebe o Prêmio Aquisição.
- 1963 - No S P B A recebe o Prêmio Governador do Estado.

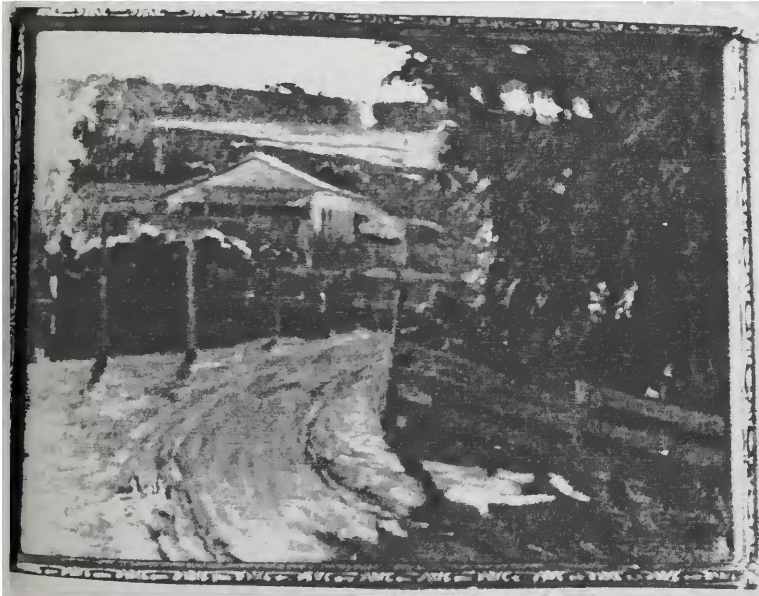
- 1965 - No Salão Belas Artes de Piracicaba recebe Medalha de Ouro.
- 1967 - No Salão Belas Artes de Jaboticabal recebe Grande Medalha de Prata.
- 1970 - No S P R A recebe Pequena Medalha de Ouro.
- 1972 - No Primeiro Salão de Pintura de Santa Barbara do Oeste recebe Medalha de Ouro.
- 1973 - No Salão de Arte Contemporânea de Limeira recebe Medalha de Ouro.
- 1974 - No S P B A recebe Grande Medalha de Ouro.
- 1977 - Recebe o Troféu Sesquicentenário de Rio Claro: melhor obra do Salão.
- 1983 - Dez., 12 - morre, em São Paulo.

JOAO DUTRA



1. Manhã na Rua do Porto
Col. Gilberto Dutra

2. Caminho na Neblina
Col. Dr. Duilio Crispin Farina



3. Curva na estrada
Col. Dr. Marcos Cabeça

4. Tranquilidade
Col. Gilberto Dutra



PAULO VERGUEIRO LOPES DE LEÃO

Lopes de Leão, como mais tarde seria chamado, desde menino não gostava de estudar. Quando frequentava o ginásio, muitas vezes cabulava as aulas para passear pelos arredores da cidade, tentando pintar recantos pitorescos¹. Como a família era contra a sua inclinação para a arte, acabou formando-se em Direito, no Largo S. Francisco, sem jamais exercer a profissão.

Enquanto jovem, o pintor usava seus vastos cabelos pretos soltos. Mais velho, colocara um chapelão de abas largas como alguns colegas também gostavam. Magro, esguio, não muito alto, moreno de olhos escuros penetrantes, era enérgico, entusiasta, esquentado e idealista quando se tratava de arte. Seus dois filhos: Antônio Luis e Jacy, lembram-se também do seu grande patriotismo².

Em 1913, em uma individual, mostrou os trabalhos que vinha pintando. Tratava-se de paisagens como a Estrada da Cantareira, Freguezia do Ó, Praça da República e marinhas de fresco colorido. Freitas Valle e a comissão de arte apreciaram as telas e o jovem recebeu a bolsa para estudar no exterior.

Lopes de Leão foi para Florença, tendo estudado

1. Diário Popular, 28.2.1913

2. Entrevista à autora 6.9.1986

com Filadelfo Simi. Túlio Mugnaini, que foi seu colega no ateliê do professor, lembra que era um trabalhador tenaz que progredia rapidamente no desenho e pintura de modelo vivo. Estudou também na Escola de Belas Artes de Florença e ainda com Mazzoni Zarini, com quem aprendeu pintura e água-forte³.

Ao terminar a pensão, Lopes de Leão voltou para o Brasil, para pedir que ela fosse prorrogada. Na ocasião, em uma individual, mostrou trabalhos a óleo, água-forte e crayon. Havia várias cabeças de camponeses, de velhos, paisagens, como bosque de castanheiros, tarde chuvosa, pastagens, trechos de Veneza e Assisi, além de algumas paisagens brasileiras, como a Praia de Peruíbe e a Praia Grande. A crítica sentiu que ele tinha voltado desbastado e polido, mas faltava-lhe ainda alguma técnica.

Monteiro Lobato, apesar de reconhecer os progressos havidos entre esta mostra e os trabalhos anteriores, estava preocupado, pois achava que, se ele voltasse para a Europa, correria o perigo de se desnacionalizar. Voltaria mais aperfeiçoado e menos brasileiro⁴.

Lopes de Leão, por ocasião desta exposição, ofereceu ao Governo do Estado duas cópias célebres: Ritratto d'ignoto, de Gianbattista Moroni, e Retrato di Federico di Montefeltro, de Piero Della Francesca e o quadro Alvorada de Ataque. A Pinacoteca do Estado adquiriu o quadro

3. Túlio Mugnaini. A Gazeta, 19.9.1964

4. O Estado de S.Paulo, 30.4.1920

Esperando as Estrelas. Em outra época ele já tinha oferecido ao Governo do Estado três esboços: um histórico, um bíblico e um mitológico, remetidos para cumprir o regulamento do Pensionato Artístico.

Tendo conseguido a prorrogação da pensão por mais dois anos, voltou para Florença. Lopés de Leão casou na Itália com uma colega de ateliê, Elisa Keller, pintora promissora que, depois de casada, abandonou a profissão. Lembra Túlio Mugnaini que, durante o verão, ele subia os alpes Apuanos vestido como um alpinista italiano, caixa de tinta a tiracolo, tela e cavalete de campo na mão e procurava pontos pitorescos para pintar. Viajou também para Alemanha, Holanda e Bélgica. Morou durante um ano em Paris, onde frequentou o ateliê do professor Biloul.

Todas as vezes que Lopes de Leão regressava ao Brasil obtinha grande êxito, tanto artístico como financeiro. Era admirada a vibração de luz de seus quadros e o excelente colorido. Havia também composições sombrias, mas sempre harmonia nas tintas e efeitos repousantes de sombras, especialmente quando ressaltava a nossa arquitetura colonial. Em suas mostras costumava colocar manchas de Martingues, de Gant (Bélgica) Ouro Preto, Diamantina, Rio de Janeiro e interior de São Paulo, Ainda colocava pastos, nus e algumas lendas da Amazônia.

A Revista do Brasil comentou que ele era um dos tantos artistas que voltavam da Europa pintando o Brasil com interpretação estrangeira, isto apesar do artista ter-se

esforçado para provar que o colorido e caráter que usou eram brasileiros⁵. Infelizmente, assim como ele outros bolsistas também tiveram que ouvir certas críticas, por mais que tentassem conseguir o colorido autóctone.

Se compararmos os quadros de Lopes de Leão de antes e depois da estada européia, veremos uma paleta anterior confusa e suja. Ao voltar dos estudos ela se limpou e a composição em geral é correta, o toque vigoroso, apesar de, às vezes, não encontrarmos alguma precisão indispensável, o que fazia com que se perdesse certa eficácia.

O quadro Icamiabas, muito famoso na época, ilustra uma lenda amazonense. Foi muito elogiado pelo movimento do primeiro plano e pela luz em zig-zag que conseguiu, apesar de alguns acharem que faltava uma interpretação mais dramática e vigorosa.

O artista pintou também alguns quadros históricos, como A Última Carreta, que tratava da retirada da Laguna. Era caçoísta, crítico e se ufanava de seus quadros e isto foi motivo para se indispor com vários colegas. Por ocasião da mostra do quadro acima, em que se vê, no primeiro plano, um soldado reclinado no capinzal e, ao longe, em pequenas dimensões, o resto da tropa que se retirava, alguns pintores retribuíram-lhe as ironias, dizendo que se tratava da retirada da arte.

5. Revista do Brasil, nº 109, jan.1925

O pintor foi um dos primeiros a abrir seu ateliê no edifício Santa Helena, onde mais tarde o Grupo Santa Helena teria o seu. Era vizinho de porta do ateliê de João Del Nero, especializado em natureza-morta.

Lopes de Leão pintou também muitos retratos de Professores da Faculdade de Medicina e de Direito, mas a paisagem era a sua temática preferida. Lecionou na Escola de Belas Artes durante muitos anos, da qual foi também diretor. Foi também diretor na Pinacoteca do Estado e, quando teve que se afastar por motivos de saúde, chamou para substituí-lo o amigo Túlio Mugnaini.

O artista ficou hemiplégico, perdendo inclusive a fala. Interrompeu assim bruscamente sua carreira. Continuou a estudar o espiritualismo, o que vinha fazendo já há algum tempo, e que motivara, já antes da doença, a diminuição do ritmo da pintura.

Uma interessante tela da fase européia, Inverno em Munique (100x127 cm), encontra-se hoje na Pinacoteca do Estado. O artista focalizou uma rua com neve, conseguindo grande força no casario escuro que está ao fundo e que contrasta com a claridade do primeiro plano. Conseguiu transportar para a tela o tremendo frio, o que fez mostrando a neve cobrindo o chão, as pessoas encolhidas e encapotadas e pelas duas árvores de galhos secos e retorcidos que cortam a composição, dando-lhe grande equilíbrio. O quadro recebeu um tratamento de grande liberdade de fatura. (Foto 1)

Já em outra obra, Dia de Sol (Pinacoteca do Esta

do, 32,5x41 cm), focaliza um rio, em cujas águas se refletem uma pequena ponte e casas. A paisagem, talvez uma vista de Gant, tem um jogo de cores vivas, limpas, quase não se percebendo o desenho. Se podemos encontrar algum defeito neste quadro, a espontaneidade e o frescor fazem com que o esqueçamos. Em outra tela Manhã de Outono (Pinacoteca do Estado 30x23,5 cm), estuda as folhagens amarelcidas de um pequeno bosque no outono europeu. As árvores e os arbustos têm tons verdes amarelados e a beira do caminho que corta a composição em diagonal está coberta de folhas caídas. Duas figuras ao fundo dão movimento ao quadro, tratado com pincelada pequena, nervosa. Como o artista estudou as massas, conseguiu bastante profundidade. (Foto 2)

No Brasil, Lopes de Leão viajou por Minas, Paraná, Rio e São Paulo. De uma destas viagens deixou um interessante registro de uma casa de fazenda de Capão Alto, Castro, com árvores ao lado e um vasto campo na frente (Col. Dr. João Moreira Garcez Filho, 23,3x34,7 cm). O quadro, pintado depois da primeira ida à Europa, apesar de bom faz com que percebamos que a volta do artista para continuar os estudos, especialmente o ano que passou em Paris e o contato com o impressionismo, foram benéficos. Aprendeu a se liberar e conseguiu um colorido mais claro, com um tratamento mais solto, que ainda não encontramos no quadro acima, especialmente no trecho em que pinta o campo mal cultivado do primeiro plano. É interessante compararmos esta paisagem com outra de 1927, portanto depois de sua segunda

estada européia, em que pinta um fundo de quintal. A casa, com seu portão de madeira, a parreira e a roupa estendida projetam sombras azuladas no chão; o resto tudo é claridade, luz, nenhuma preocupação pelo detalhe, há total liberdade (Col. Noedir Moraes Correia 32,5x40cm). (Foto 3)

Lopes de Leão foi um artista muito apreciado na sua época, todos reconhecendo suas qualidades de pintor. Apesar de não ter sido grande a amostragem da obra do artista, que estranhamente é encontrado com muita dificuldade nas coleções particulares, podemos dizer que foi um pintor que conhecia o seu metiêr, chegando, no fim da carreira, a ter uma obra personalizada. Usava grandes áreas de tinta rala, tonalidades fortes de tons quentes. Podemos ver estas qualidades em quadros de trechos de cais do porto, em que fixou cascos de navios ou velas, em uma composição arrojada (Velas ao Sol, Col. Theo D'Aprile, 32x41,5cm ou Barcos (Martingues) (Col.Fam. Lopes de Leão,41x32 cm) em que esboça umas velas e estuda seu reflexo na água em ângeis e largas pinceladas, chegando a deixar aparecer o fundo do quadro.

De suas viagens por Mato Grosso trouxe vários registros de ranchos, Carretas Paraguaias - Neste último, pinceladas de cor vermelha intensa nas roupas das personagens contrastam com os azuis vivos no resto do quadro. Participou com ele do S P B A.. Pintou também praias, mas foi muito feliz quando representou as massas das árvores e seus troncos rugosos e retorcidos, como em Árvore na Praia (Col. Fam. Lopes de Leão, 41x32 cm).

PAULO VERGUEIRO LOPES DE LEÃO

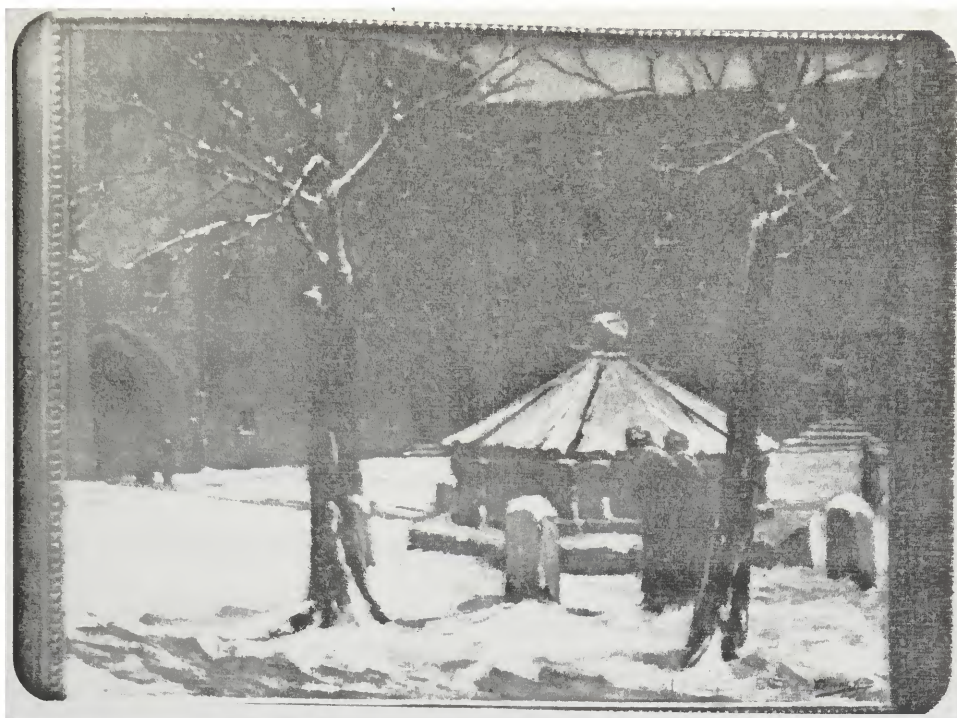
ou LOPES DE LEÃO

- 1889 - Ago., 31 - Lopes de Leão nasceu em São Paulo.
Fez seus estudos no colégio de Itu.
- 1908 - Participa da Exposição Nacional de Belas Artes: Recebe Medalha de Prata.
- 1910 - Frequenta a Escola de Belas Artes criada por Alexandre Albuquerque, que teve duração de um ano e era curso noturno.
- 1911 - Começa a trabalhar no ateliê de Lorenzo Petrucci.
Forma-se em direito.
Participa da Primeira Exposição Brasileira de Belas Artes com Manhã Chuvosa, Na Ponte Grande, Limas e Veludo.
- 1913 - Fev. - expõe em São Paulo: 74 telas, paisagens.
Abr. - Segue para a Europa, com pensão do Governo.
Em Florença entra no ateliê de Filadelfo Simi, também estuda na Escola de Belas Artes de Florença, e água-forte e pintura com Mazzoni Zarini.
- 1914 - Volta para o Brasil
- 1915 - Segue no Príncipe Umberto para a Itália para recomeçar os estudos, com economias da mãe pois ao arrebentar a Guerra, o Governo tinha suspenso a bolsa.
Ago. - Volta ao Brasil por causa da doença da mãe.

- 1916 - Consegue obter a continuação da bolsa.
Mai. - viaja para Florença.
- 1919 - Expõe duas paisagens e um quadro de gênero na Mostra Primaveraile di Firenze ou Promotrice Fiorentina.
Recebe o diploma do curso de Belas Artes de Firenze.
- 1920 - Jan. - de volta ao Brasil e expõe na Casa Byington, R. 15 de Novembro: quadros a óleo, água-forte, crayon. São 100 paisagens, figuras.
Jun. - viaja para o Rio e expõe por 15 dias na Galeria Jorge.
Em seguida expõe em Santos - participa da Exposição da E N B A.
Oferece ao Governo do Estado cópia do retrato de Frederico de Montefeltro de Piero della Francesca e o Retrato d'ignoto de Gianbattista Moroni.
Jul. - Obtém prorrogação da bolsa e viaja para a Itália onde casa com uma colega de pintura, Elisa Keller. Em seguida viaja para Paris. Frequenta o ateliê de Biloul e a Escola Nacional de Belas Artes onde segue o curso de afresco do professor Boudouin.
- 1921 - Participa do Salon de Paris.
- 1922 - Viaja para a Bélgica e Alemanha.
- 1923 - Jun. - volta para o Brasil - Viaja para Minas.

- 1924 - É um dos fundadores da Sociedade Paulista de Belas Artes.
Dez. - expõe no salão térreo da Antiga Delegacia Fiscal: 90 trabalhos telas do exterior e pintados no Brasil.
- 1925 - Expõe em São Paulo: Icamiabas, retratos, paisagens, água-fortes.
Toma parte da fundação da Academia de Belas Artes- Convidado para lecionar. (Será a futura Escola de Belas Artes de São Paulo).
- 1929 - Mar. - expõe na Rua 15 de Novembro, 40, 77 trabalhos: paisagens e naturezas mortas.
- 1930 - Participa com tres paisagens da Primeira Exposição de Pintores Brasileiros em Nova York no Roerich Museum.
- 1932 - Luta no Batalhão da Liga de Defesa Paulista.
- 1934 - Participa no 1º S P B A com Igreja do Rosário, Matriz Pilar, Retrato, Ubatuba e Sombras de Verão.
- 1935 - Expõe no S.P.B.A. e recebe a Pequena Medalha de Prata com Bandeira Paulista, hoje no Club Piratininga.
- 1936 - Diretor da Escola de Belas Artes.
Participa do S P B A com Após a Última Carreta.
- 1938 - Expõe no S P B A
- 1939 - Diretor da Pinacoteca do Estado. Participa do 6º S P B A com Marinha e Canto de Praia.
- 1944 - Afasta-se da direção da Pinacoteca, por motivos de saúde.

- 1952 - No S P B A recebe o Prêmio Assembléia Legislativa do Estado.
- 1954 - No S P B A expõe uma paisagem e um nu - Participa do Salão do IV Centenário.
- 1956 - Fev.Mar. - participa com 2 quadros da "Exposição 50 anos Paisagem Brasileira" - MAM com Mar Azul de 1929 e Minas de 1923.
- 1960 - Participa do I Salão de Belas Artes de Santos com Portas da Conquista (Tríptico do panorama da Baixa da Santista, hoje na Federação Espírita de S.Paulo)
- 1964 - Set., 13 - Morre em São Paulo.
No S P B A recebe a Grande Medalha de Ouro (homenagem póstuma).



1. Inverno em Munique
Col. Pinacoteca do Estado



2. Manhã de Outono
Col. Pinacoteca do Estado



3. Fundo de quintal
Col. Noedir Morais de
Correia

GIUSEPPE PERISSINOTTO

Giuseppe Perissinotto é um dos tantos artistas da época, esquecidos, mas agora felizmente redescobertos. Pertence à geração de pintores filhos de famílias de imigrantes italianos que foram, por causa de sua origem, segregados a segundo plano.

Perissinotto veio ainda criança para o Brasil e a família, se radicou em Brotas, onde seu pai trabalhava como construtor. Quando resolveu estudar pintura, foi enviado para a terra natal, Veneza, onde se inscreveu no Instituto de Belas-Artes, em 1902. Logo no ano seguinte seguiu para Florença, onde concluiu o curso com várias medalhas de mérito. Estudou com Adolfo de Carolis, professor famoso na época e que tinha ilustrado a obra de Gabriele D'Annunzio. Foi seu professor também o grande paisagista Giovanni Fattori, que usava a técnica da "macchia" com maior liberdade que os outros expoentes do grupo dos macchiaioli, preferindo o cromatismo geométrico e um fazer movimentado e interrompido.

Na obra de Perissinotto sentimos certa influência deste mestre e de seus métodos apesar de depois ter adquirido seu estilo próprio de empastamento de tintas, o que faz com que quase toda sua obra tenha um tom baço ou leitoso, talvez devido ao grande número de cores que misturava para conseguir a tonalidade desejada.

O jovem artista voltou ao Brasil em 1907, começando logo a pintar cenas urbanas, o que fazia sempre in loco. Por isto, seus quadros são de pequenas dimensões, pela facilidade de carregar as telas, tendo usado também a madeira como suporte. Fixou trechos de São Paulo como monumentos, casarios e colocou muitas vezes automóveis nos cantos dos quadros. Como expôs em Minas, Rio e várias cidades do Rio Grande do Sul, aproveitava estas viagens para fixar os aspectos locais que depois trazia para São Paulo. Pintou também a figura humana, a natureza morta inúmeras vezes e flores. Já com mais idade, pela dificuldade que tinha de se locomover, e por ter um público que pedia flores e natureza morta, acabou especializando-se nestas temáticas o que era obrigado a fazer, para sobreviver. Nestas obras ele não terá a qualidade que conseguiu nas paisagens e este é um dos motivos de ser julgado, por muitos, apenas por sua obra menor.

Perissinotto nunca foi um pintor que estivesse na crista da onda, mas seus quadros eram bem aceitos pela burguesia. A imprensa italiana sempre noticiou suas exposições com muitos elogios. Os colegas também o prestigiavam, tendo muitos deles adquirido quadros seus, entre eles os italianos Pedro Strina, Adolfo Fonzari e o super paulista Pedro Alexandrino. Foi também pintor decorador tendo pintado o teto do Cine Teatro Oberdan, em 1928, por concurso, concorrendo com mais 4 outros artistas; acabou executando

um trabalho acadêmico muito elogiado na época, com ecos até na Argentina.

O artista, tímido, convivia pouco com os colegas paulistas, mas foi muito amigo de Angelo Simeone (1899-1974), que foi seu aluno e depois amigo por toda a vida. Em 1919 tinha aberto uma escola de desenho e pintura no Brás. Foi a partir desta escola e de seus alunos que depois surgiria o futuro Salão Paulista de Belas Artes. Faziam parte do Grupo Bernardino de Sousa Pereira, Athaide Gonçalves, J. Cordeiro, Enrico Manzo, Humberto Cozzo, Cirilo Agostini, Vicente Larocca, Lombardi, Pava, Paulo Rossi Osir, Waldemar Belizzari e Orlando Tarquinio.

No início, a pintura de Perissinotto tinha uma paleta escura e baça, mas depois as cores clarearam. Algumas vezes chegou a usar um excesso de cor, conservando sua obra um colorido pessoal, com verdes nunca muito fortes, céus muitas vezes lilás arroxeados refletindo-se nas águas de praias e rios. As zonas iluminadas são claras e as sombras nunca muito escuras. Muitas vezes focalizou cenas urbanas ao anoitecer, em que colocava tudo na penumbra, iluminando somente o céu, que deixava passar raios entre nuvens iluminadas com tons alaranjados e rosados.

Quanto à pincelada, em geral é nervosa, o que se pode constatar quase sempre nos que pintam ao ar livre. Esta pincelada às vezes era pequena, outras vezes maior, desordenada (Col. Particular 20,5x22,5 cm, madeira) (Foto 1). Colocava tinta grossa pastosa, em que poucas vezes a cor

era pura; misturava muitos tons. Como os quadros eram pequenos, colocava neles poucos elementos, sendo raras as grandes vistas. Mesmos nas marinhas fixou pequenos trechos de praia ou o mar povoado de pequenas ilhas. Como a luz foi sua preocupação, também pintou árvores refletindo-se nas águas calmas dos rios. Poucas vezes detalhou, apesar de não se descuidar do desenho, especialmente quando se tratava de cenas urbanas. (Col. Renato Magalhães Gouveia 33,2x40,8cm) (Foto 2). Nas paisagens e marinhas o que temos é mais uma mancha colorida, estando uma cor sempre fundida com as vizinhas; a tinta é sempre grossa e palpável; nunca encontramos uma área de uma cor isolada.

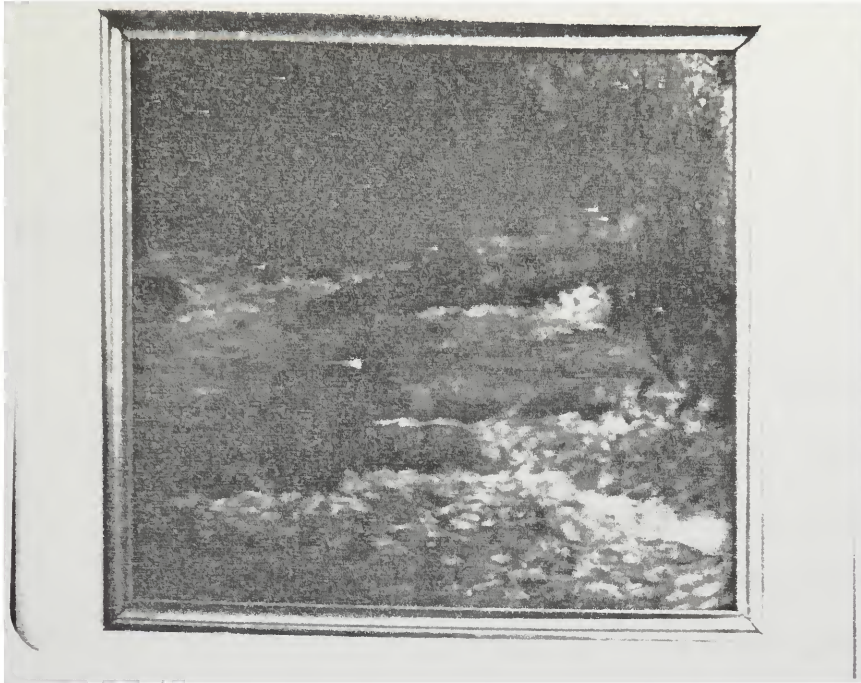
A natureza morta, talvez porque o artista tivesse o modelo parado o tempo que quisesse para pintá-lo, tem uma preocupação maior com o desenho; e as cores que usa são exageradas, a pincelada chega a ser fundida, perdendo-se o frescor da obra. É nas paisagens que Perissinotto mostra a sua verdadeira arte.

GIUSEPPE PASQUALE PERISSINOTTO

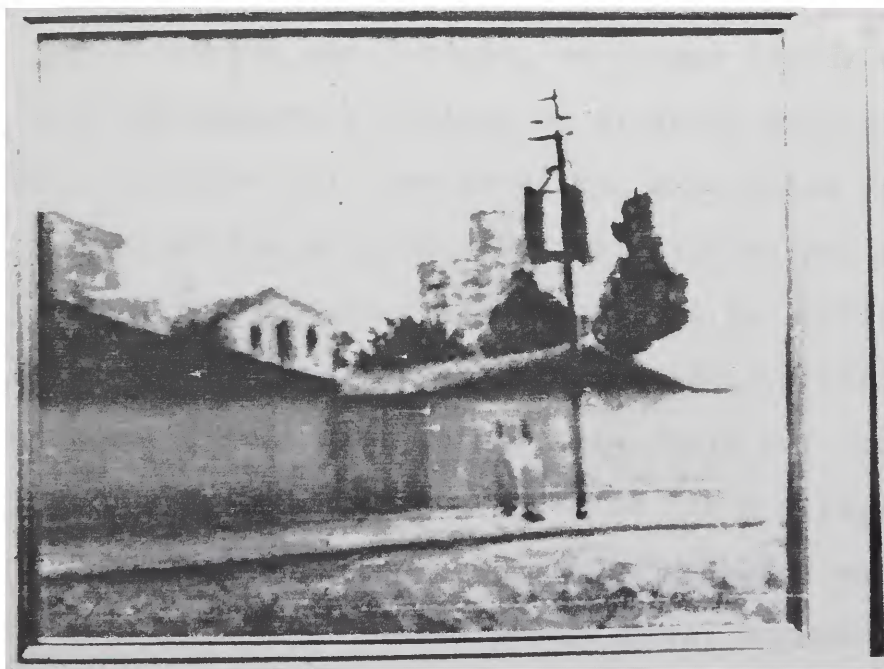
ou José Perissinotto

- 1881 - Abr., 17 - nasce em Musile, Veneza
- 1891 - Chega ao Brasil; reside em Brotas, onde o pai é cons
trutor.
- 1902 - Viaja para Veneza, onde se inscreve no Instituto de
Belas Artes.
- 1903 - Transfere-se para Florença, para Academia de Belas
Artes; estuda com Adolfo de Carolis e Giovanni Fattor
ri, um dos chefes da escola dos macchiaioli.
- 1906 - Conclui o curso, tendo conquistado 3 medalhas de mé-
rito.
- 1907 - Volta ao Brasil. Dedicar-se à pintura decorativa no
interior de S. Paulo.
- 1911 - 1912 - Participa da Primeira Exposição Brasileira de
Belas-Artes: 12 quadros, sendo dez paisagens, todas
de arrebaldes de S. Paulo: Tietê, Barra Funda, Lapa.
- 1912 - Expõe no Círculo italiano
- 1914 - Pinta paisagens e figuras de S. Paulo, Brotas, Santos,
Porto Alegre, e norte do Paraná.
Casa-se com Emma Paola Perissinotto, argentina. Terá
com ela 3 filhos Sarah, Izelda, Alda.
- 1919 - Abre a Escola de desenho e pintura na Travessa do Brás:
Angelo Simeone é um dos alunos.

- 1922 - Jun. - expõe no Salão Casa Editora O Livro, R. 15 no vembro: 32 paisagens.
- 1928 - Decora a cúpula do Cine Teatro Oberdan, em S.Paulo. Participa da Exposição de Belas Artes Muse Italiche: 6 quadros, sendo 3 paisagens.
- 1929 - Dez. - expõe na R. S.Bento: paisagens, flores, natureza morta.
- 1934 - Ago. - expõe na R. 15 novembro: 54 trabalhos. Começa a expor em Santos, Bauru, Porto Alegre, Pelotas, Curitiba, Campo Grande.
- 1935 - Recebe no S P B A, Menção Honrosa.
- 1936 - Out. - expõe na R. José Bonifácio 217.
- 1938 - Mar. - expõe na Casa das Arcadas: 30 quadros, paisagens, naturezas mortas, flores, (Junto com M.Garibaldi escultor).
- 1939 - Jan. - expõe em S.Paulo.
- 1940 - Fev. - expõe na R. Barão de Itapetininga, 204: paisagens, flores, naturezas mortas.
- 1941 - Recebe no S P B A a Pequena Medalha de Prata.
- 1965 - Morre em S. Paulo.



1. A corredeira
Col. Particular



2. Cena Urbana
Col. Renato Magalhães Gouveira

TULIO MUGNAINI

Túlio Mugnaini foi chamado por Tarsila do Amaral de "o poeta lírico das cores bonitas", por usar tintas alegres, limpas, intensas e lindas - talvez irritantemente lindas. Lembra ela que quando trabalhou com Túlio em Paris, no seu ateliê em Montparnasse, estava ele entusiasmado pelo impressionismo e por isto dava aos seus quadros uma atmosfera de luminosidade envolvente em que tudo era cor, só cor, relegando a forma a um plano secundário.¹ Foi esta fase de sua pintura que fez com que tivesse sérios problemas quando voltou para o Brasil.

Como vimos anteriormente, Túlio e Clodomiro Amazonas tiveram uma desavença grave, que chegou a vias de fato. A notícia foi aos jornais, em longas cartas, em que se ofendiam mutuamente e dividiu os artistas paulistas em dois grupos. O motivo foi o nacionalismo exacerbado de Clodomiro, que se sentia um pintor mais brasileiro por pintar somente paisagens nossas e também por não ter influência de escolas estrangeiras. Achava ele que Túlio, filho de italianos, que estudara na Europa, não podia ser considerado um pintor brasileiro. A consequência foi a criação, por Túlio e Campão de um grupo, o Chove no Molhado, nome dado por Helios Seelinger, que também participava. Segundo depoimen

1. Diário de São Paulo, 14.4.1936

to da filha de Túlio, Diva, depois dessa briga o artista re solveu pintar paisagens tentando alcançar a cor brasilei ra.¹

Túlio Mugnaini nasceu em São Paulo em 1895 e como desde menino se interessou pela pintura, recebeu grande in centivo do pai, que era pintor decorador. Dorindo Mugnaini era originário de La Spezia e a mãe pertencia a uma família em que todos eram escultores, em Pietrasanta. Como o pai re cebia muitas encomendas no interior, a infância de Túlio se passou em Campinas, Leme, Mogi-Mirim, Tatuí, Avaré. Fez os primeiros estudos em Tatuí e em 1904 já tinha um estojo de lápis, tinta e aquarela. Começou fazendo desenhos geométrri cos, que depois coloria. Mais tarde foi para o Liceu de Ar tes e Ofícios em São Paulo, onde estudou com Carelli, Norfi ni, Divani. Nos fins de semana saía para pintar os arredo res da cidade. Chegou a trabalhar como decorador com Gino Catani, Fonzari, Pangelli. Com Catani ajudou na decoração da Igreja Sta. Cecília e depois na capela da Sta. Casa, Sta. Efigênia e em alguns solares de famílias paulistas, hoje to dos derrubados. Quando estava pintando na Igreja Santa Cecí lia, teve ocasião de privar com Benedito Calixto e Oscar Pe reira da Silva.

Em 1913, ainda frequentando o Liceu, Túlio teve sua primeira exposição individual, que constava de 22 traba lhos com paisagens e figuras. Havia trechos da Cantareira , Sto. Amaro, Rua Pinheiros, rio Tietê. A crítica considerou que eram muitos para um principiante, porque não sabia dis

1. Entrevista com a Autora, janeiro, 1984.

tribuir as cores e captar os efeitos de luz. O Pirralho noticiou que havia na exposição "paisagens bem feitinhas".² Pretendia o jovem pintor conseguir com esta mostra o pensio nato, mas desta vez não foi feliz. A família, apesar de pobre, fez sacrifícios e mandou-o para a Itália. Túlio foi para Florença, para estudar com Pietro Torrini, por recomendação de Alfredo Norfini, seu professor no Liceu. Como o mestre italiano estava muito idoso, acabou estudando com Filadelfo Simi, recomendado esta vez por Lopes de Leão, que já frequentava seu ateliê. Pintou na ocasião muitas paisagens dos arredores da cidade e do gueto com suas ruas estreitas.

Dois anos depois Túlio mudou-se para Roma e lá cursou a Academia Joseph Noel de dia e à noite a Academia de França. O pai mandava pouco dinheiro e muitas vezes nem para comer ele tinha. Quando não havia condições de adquirir tintas, fazia trabalhos a carvão. A situação melhorou um pouco quando conheceu a Princesa de Ruspoli-Dampierre e ela o apresentou e recomendou para dar aula aos jovens da nobreza romana.

O jovem pintor enviava regularmente suas pinturas, que o pai procurava vender em exposições que organizava em São Paulo. Acabou passando a guerra na Itália, não tendo voltado para o Brasil como outros dos seus colegas bolsistas.

Esteve em São Paulo em 1914 para visitar a família mas, nada amedrontado com a guerra, resolveu voltar para

2. O Pirralho, 25.10.1913

Florença, em 1915, o que conseguiu com um navio cargueiro. Como era filho de italianos, queriam que servisse no exército mas ele se refugiou em casa de parentes, em Gênova. Lá não podia pintar, por ser estrangeiro. Durante a gripe espanhola saía cedo para a Villa Borghese, da qual fez sugestivas vistas. Como era impossível enviar dinheiro do Brasil nesta época, passou por sérias dificuldades.

Ao findar a guerra, em 1918, recebeu em Roma uma carta de Pedro Alexandrino que, tendo visto seus quadros em uma exposição em São Paulo e encantado com sua qualidade, ensina ao jovem o que fazer para receber a pensão do Governo do Estado. Considera-o já pintor feito, pois assina a carta chamando-o de colega.³

Nestor Pestana, que também viu seus quadros, escreve na Revista do Brasil admirado com o grande número de obras que envia, nas quais vislumbra uma fatura de grande poder de síntese, um toque seguro e espontâneo.⁴

Menotti del Picchia, que também não o conhecia, envia-lhe uma carta para Roma, em 1919. Entusiasmado com seus trabalhos, aconselha-o, porém, a executar para fins comerciais quadros de efeito, com mais detalhes, pois assim agradaria a maior número de compradores.⁵ Menotti del Picchia escreveu na ocasião também uma crônica na qual chama o artista de pintor bizarro. Elogia-lhe a pincelada larga com a qual procura conseguir detalhes

3. Arquivo da Família Túlio Mugnaini, carta de 29.12.1918

4. Revista do Brasil, 26 (fev. 1918) Ano 3, vol. 7

5. Carta Col. Fam. Túlio Mugnaini.

na concepção do conjunto. As cores são justas, insubstituíveis.⁶

Túlio retorna ao Brasil em 1920 e expõe na Câmara Portuguesa 60 quadros, sendo 20 paisagens. Fica somente alguns meses no país, voltando para Roma, onde finalmente recebe a notícia que recebeu a Pensão do Governo do Estado. Resolve ir a Paris e viaja de trem. Chegando, procura José Wash Rodrigues, que conhecia só de nome, e este o leva à Academia Julian e lhe acha uma pensão para morar. Na academia estudou com M. Bachet, H. Royer e P.A. Laurens. Viveu neste tempo, como ele mesmo contava, bem mais folgadoamente que na Itália, por causa da ajuda da pensão. Muitas vezes saía para se reunir com os colegas que lá viviam e estudavam. Iam todos ao Café La Rotonde: José Wash Rodrigues, Monteiro França, Alípio Dutra e Osvaldo Pinheiro, a quem muito admirava.

Durante os cinco anos que ficou em Paris participou dos Salons conseguindo entrar todo ano, sempre com duas obras. Foram em geral quadros com figuras com temas como a Jeune fille au chapeau vert, Dame à la rose, de 1922, Femme se coiffant e Brodeuse, de 1923, ou L'automne, de 1925.

Um pouco antes de voltar à terra natal, expôs em Paris, na Galerie Marsan. Havia 35 obras, sendo 25 paisagens: eram recantos de St. Jean de Luz, Ciboure e outros de Provença. Muito comentada a exposição, foi elogiada a sua habilidade em traduzir as vibrações da atmosfera. J. Henry Blanchon

6. Tribuna de Santos, 7.9.1919

disse que ele sabia dourar com uma luz suave os cantos mais humildes da costa basca. Mas o artista tinha que tomar cuidado com a grande habilidade que possuía.⁷

Volta para sua terra logo depois da exposição francesa e mostra em São Paulo a sua produção européia. Foi elogiada a sua paleta rica, clara, vibrante, sempre luminosa.⁸ Coloca nesta exposição os trabalhos que apresentou nos diversos Salons, paisagens de Paris, da Provença, da costa Basca, St. Jean de Luz e da Cote d'Azur. Nestor Pestana aprecia a simplicidade e harmonia, especialmente quando se trata das paisagens do sul da França. Estava acostumado com os quadros de fatura larga que o artista enviava, o colorido velado, mas rico em contrastes. Com a ida a Paris, o artista, durante um curto período, usou tons lavados, tonalidades diluídas e modelago vago. Como este foi felizmente um período curto de pesquisa, o artista reagiu e voltou à qualidade anterior. Não somente as figuras em que a verdade anatômica transparece, mas também nas paisagens, em que cada quadro é um problema resolvido. Não há improvisações.⁹

Naturalmente Túlio não deixa de receber críticas, como todos os bolsistas na sua volta. Incomodavam as cores que traz, muito claras e também os processos franceses que absorveu. O emprego dos azuis em zonas ensolaradas faz

7. Brazil, 14.11.1925

8. Diário da Noite, fev. 1926. Em entrevista que concede à Folha da Manhã considera-se um pintor clássico não impressionista (o que muito nos espanta), critica os futuristas, como ele os denomina e cita entre eles Rego Monteiro. (Folha da Manhã, 9.2.1926)

9. O Estado de São Paulo, 24.2.1926

com que o colorido se torne frio no local. Porém Agenor Barbosa não o considera decorativo, vê que sua fatura é larga, precisa, e o desenho sólido.¹⁰

Com esta exposição o artista pleiteia a prorrogação de sua bolsa por mais 2 anos. Conseguindo-a volta a St. Tropez, na costa francesa e naturalmente a Paris. Viaja pela Espanha, com a qual se encanta, Toledo, Sevilha e vê as maravilhas do Museu do Prado. Conhece também a Córsega, para onde volta várias vezes, pintando os pequenos portos de pescadores, marinhas com o céu e mar muito azuis, aquela luminosidade que muito lhe agradava.

Volta a expor no Salon de Paris, no Salon des Independentes. Em Julho de 1928 está finalmente no Brasil. Começa a lecionar pintura e expõe na Galeria Blanchon. Mário de Andrade, que apreciava os artistas que estavam em busca de novos caminhos, como era de se esperar, não aprecia os trabalhos de Túlio Mugnaini. Ele confessa que o pintor possui métier, a pincelada é segura, tem conhecimento dos efeitos que modifica com a luz que quer reproduzir, dando às obras uma tactilidade sutil, mas não se conforma com a escolha de temas, como casas à beira d'água, que depois colore de acordo com a luz do dia. Para ele Túlio segue ainda as lições do impressionismo, sem preocupação de composição e equilíbrio. Outros já elogiam suas ruas com sombras, velhas cidades marítimas, águas tranquilas, ruínas, claustros e ár

10. Agenor Barbosa, Correio Paulistano, 25.2.1926

vores, tudo em tons claros, sem a nota berrante e violenta do colorido ultramoderno.

Em 1928 as vendas eram muito fracas por causa da crise financeira e Túlio recebe agradecido encomenda da Gráfica Lanzara, para a qual faz uma série de desenhos sobre os transportes através dos séculos. A volta ao Brasil se seguiu de uma readaptação, pois teve que se acostumar com o gosto do público brasileiro e certa hostilidade que tinha com vários colegas. Teve ajuda sempre do Sr. Theodomiro Dias, Nestor Pestana e de Julio Mesquita, que o convidou a pintar em sua fazenda em Louveira. Viajou para Sabará e Ouro Preto, trazendo quadros de temática brasileira e com um colorido mais vibrante. Confessou que teve que lutar para conseguir esta nova paleta.

Tinha instalado seu ateliê no 3º andar do Palace-te Sta. Helena. Em 1931 chamou para o Brasil Lucienne Bureau, que tinha conhecido na França, e casa com ela em São Paulo.

O pintor, baixinho, rosto redondo, era um tipo solitário, frequentando muito pouco a sociedade. Segundo sua filha Diva, era um homem simples, tímido que gostava de escrever. Foi convidado de Freitas Valle na Villa Kyrial, onde várias vezes preparava raviolis, no que era especialista. Por dois anos quase não produziu, pois estava ocupado com a decoração da Igreja do Carmo. Tinha sido convidado por Georg Prziembel e pintou cenas do Evangelho, às quais deu grande equilíbrio de composição e muita serenidade às figuras. Logo depois recomeçou a viajar e a expor todos os anos, às ve

zes tendo várias exposições anuais. Apesar das críticas que recebia por sempre apresentar temas europeus, havia também belíssimas paisagens do Rio de Janeiro, interessantes pela cor local e admiradas por terem sido divisadas sempre de um ponto alto. Expunha também alguns nus, naturezas mortas e flores com as quais vinha obtendo muito sucesso, especialmente quando se tratava de copos de leite, zínias, rosas e crisandálias.

Sua pintura era considerada de fácil compreensão, e transmitia emoção, por causa da naturalidade com que apresentava os temas.

Túlio foi um dos poucos artistas que sempre datou suas obras; por isto é fácil estudar seus quadros. Pouco sobrou de sua primeira fase, isto é, do tempo em que estudou na Itália, em Florença e Roma. Encontramos com mais facilidade os quadros da fase parisiense, de quando recebeu a bolsa do Governo. Como já notou Tarsila do Amaral, sempre há em sua pintura uma preocupação com a luz e as cores; a composição já está posta de lado. A pincelada é sempre larga e a cor clara e, quando precisa de uma sombra, ela é azul arroxeadada, transparente (Casas e Barcos, Col. Antonio Abi Jaudí de 1927, 45x37 cm) (Foto 1). Na mesma época pintou várias paisagens de St. Jean de Luz em que, além da cor, percebemos um estudo acurado da perspectiva e do desenho dos casarios, como no Velho Claustro (Col. Particular 65,5x54,5 cm de 1926) (Foto 2). Com esta obra participou do Salon de Paris de 1927. Estudou os diversos planos formados pelos telhados

valorizando as zonas de luz, sombra e meia luz, todas muito bem resolvidas. Mostrou assim que quando havia necessidade, preocupava-se com as qualidades construtivas da obra. Os quadros com tema de mar e barcos têm colorido claro, pincelada ampla e são algumas vezes pequena e nervosa, especialmente nas zonas de reflexo e brilho da água. Nada é detalhado; o que há é a preocupação em captar a cor local (Córsega, Col. T. Pinotti, 24x34,8cm). (Foto 3) e St. Jean de Luz, Col. Dr. Ariovaldo Vianna, 21x15,5cm). Nos claustros e velhas ruas a composição tem a mesma segurança da distribuição de tons. Algumas raras vezes abaixa a paleta para tons cinzas esverdeados e procura estudar alguns detalhes, como telhas, um poço ou uma trepadeira, (Claustro de Fiesole, Col. Dr. José Roberto de Freitas Azevedo, 55x38 cm). No Brasil pintou nossas casinhas caipiras de telhados encurvados, iluminadas por um sol forte, quintais, casebres em morros, fazendas e casas coloniais. Nestes a preocupação de luz e a captação do colorido local são uma constante. A composição é agradável, sempre com a intenção de dirigir a vista para um ponto mais iluminado; há liberdade de fatura e uma execução cheia de frescor. (Poços de Caldas, Col. Dr. Ciro Aranha, Chã cara dos macaquinhos 41x33 cm). (Foto 4).

Marinhas brasileiras deixou várias. Colocou pedras no primeiro plano, o mar batendo em pequenas ondas espumosas, que ele conseguia com uma caligrafia ampla. A pedra sempre escura faz com que sintamos seu peso e forma; a pincelada é de matéria rica de massa. Usa o mesmo tratamento

ao pintar cascatas e os diferentes tipos de vegetação, cujas cores reproduz fielmente, apesar de usar um tratamento às vezes de manchas, lembrança dos tempos de Florença. (Cascatas Rancho Alegre (Foto 5). Col. Celestino Bourroul, 27x40,5cm madeira, e Marinha de Itanhaém, Col. Celestino Bourroul, 22x33cm.

Túlio Mugnaini, como vimos, não teve, depois da fase impressionista em Paris na década de 20, grandes mudanças em sua carreira. O objeto fundamental na sua obra é a luz em seus diferentes estados, mas as propriedades construtivas e o corte sólido do desenho sempre foram constantes em sua produção. Não usou a linha, não contornou e não detalhou, apesar de procurar captar a poética e o tom local. Nas paisagens, especialmente nos interiores do nosso Estado, com cenas solitárias, as velhas cidades de Minas, recantos de São Paulo, do Rio, faz com que sintamos o ambiente. Sua obra tem unidade, espontaneidade e a luz, muitas vezes violenta, agrada, apesar de às vezes o colorido chegar a cansar por ser um tanto exagerado. Nunca perdeu o efeito decorativo das telas, mesmo quando as tonalidades são suaves, como em um dia encoberto. A técnica é concisa e vigorosa.

Túlio Mugnaini foi diretor da Pinacoteca do Estado por 20 anos e colaborou em jornais e revistas com biografias corretas e fiéis de vários artistas paulistas. Lecionou por quase 30 anos no seu ateliê, na Rua do Tanque, Vila Mariana, e no Palacete Sta. Helena, logo quando voltou do exterior. Alguns de seus alunos foram: Vicente Caruso, Carlos Zeiss, Carlos Magano.

TÚLIO MUGNAINI

- 1895 - Mai., 16 - nasce Túlio Mugnaini, filho de Dorindo Mugnaini, pintor decorador, em S. Paulo.
- 1910 - Começa a estudar no Liceu de Artes e Ofícios.
- 1913 - Primeira individual no Cinema Radium, R. S. Bento; 22 trabalhos: 9 paisagens, estudo do natural e estudo de gesso.
- 1914 - Viaja para a Itália: em Florença, começa a estudar com Pietro Torrini, a conselho de Alfredo Norfini. Logo muda para o Ateliê de Filadelfo Simi, onde estuda desenho.
- 1916 - Muda-se para Roma e estuda na Academia Joseph Noel e à noite na Academia de França. Expõe 2 telas no salão anual do Circolo artistico, Roma.
Expõe na Casa Aurora, R.S. Bento, trabalhos que enviou da Itália.
- 1919 - Expõe na Casa O Livro, R. Boa Vista, trabalhos que enviou da Itália.
Expõe em Santos, na Photographia Marques Pereira.
- 1920 - Ago. - Expõe na Câmara Portuguesa de Comércio; está no Brasil.
Out. - recebe pensão do Governo do Estado, indo já de volta para Roma.
Parte para Paris: estuda na Academia Julian, com M. Bachet, H. Royer e P.A. Laurens.

- 1921 - Expõe no Salon de Paris 2 telas.
- 1922 - Expõe no Salon de Paris: Jeune Fille au chapeau vert,
Dame à la Rose.
- 1923 - Expõe no Salon de Paris: Brodeuse, Femme se coiffant
Expõe 2 telas no Salon de La Societé Nationale des
Beaux Arts.
- 1924 - Expõe em S. Paulo na residência do pai, R. Silva Te-
les.
- 1925 - Expõe no Salon de Paris: L'automne
Exposição individual na Galeria Marsan, Paris: 35 o-
bras.
Volta ao Brasil.
- 1926 - Fev. - Exposição individual no Club Comercial, R. S.
Bento; recebe mais 2 anos de pensionato.
Regressa de novo à Europa: viaja para a Espanha, Pa-
ris e Costa Francesa.
- 1927 - Expõe no Salon de Paris um nu que foi adquirido.
- 1928 - Expõe no Salon des Independentes 2 telas, 1 adquire-
da.
Volta ao Brasil.
Jul. - expõe na Galeria Blanchon.
Nov. - exposição no Palácio das Arcadas, R. Quintino
Bocaiúva 54, 50 telas.
- 1929 - Participa da Exposição do Grupo Almeida Jr.
- 1930 - Instala seu Ateliê no 3º andar do Palacete Santa He-
lena, sala 331.
- 1931 - Casa com Lucienne Bureau Mugnaini, conheceu na Fran-
ça.

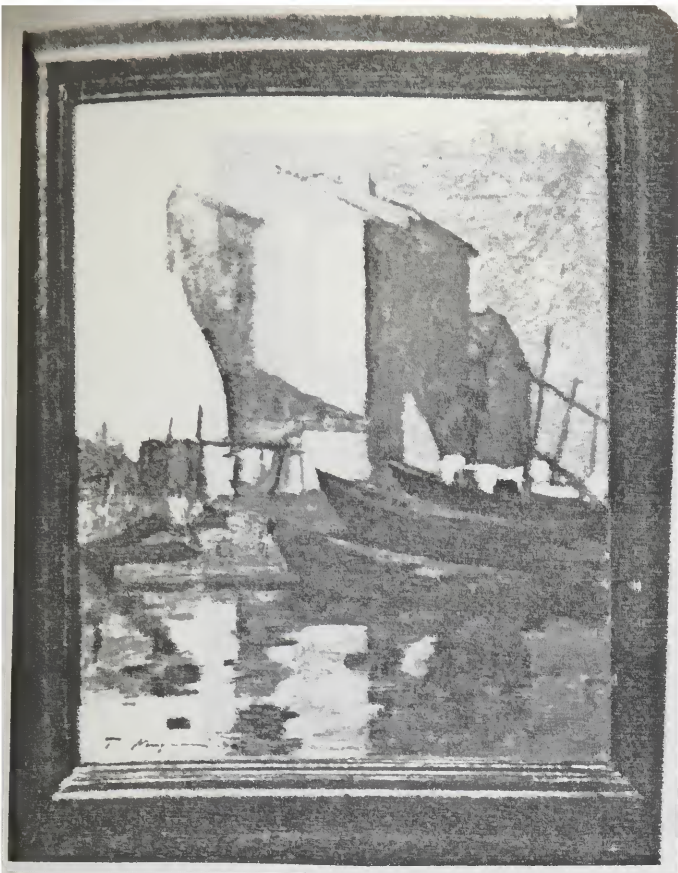
- 1932 - Decora a Igreja do Carmo, R. Martiniano de Carvalho.
Demora 2 anos.
- 1934 - Salão Nacional de Belas Artes: Medalha de Bronze.
Abr. - Exposição na Casa das Arcadas, 62 telas.
- 1935 - Jan. - Exposição na Galeria Jorge, 48 telas.
Salão Nacional de Belas Artes; Medalha de Prata: Adquirido o Retrato de Senhora.
Salão Paulista de Belas Artes: Medalha de Prata.
Exposição coletiva no Salão de Chá da Casa Alemã.
- 1936 - Abr. - Exposição na Casa das Arcadas, 30 telas: figura, paisagens.
- 1937 - Exposição na Casa das Arcadas, 30 paisagens, naturezas mortas, flores.
- 1938 - Mar. - Exposição na Casa das Arcadas, 34 telas: naturezas mortas, flores, paisagens.
Set. - Exposição na Casa das Arcadas, 32 telas: paisagens do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.
- 1939 - Mar. - Exposição na Casa das Arcadas, 30 telas: flores, paisagens, figura, natureza morta.
- 1940 - Abr. - Exposição: 25 paisagens, flores, marinhas.
Out. - Exposição na Casa das Arcadas, flores, marinhas.
- 1943 - Salão Paulista de Belas Artes: Pequena Medalha de Ouro e 2º Prêmio Interventor Fernando Costa.
- 1944 - Membro da Comissão de Seleção do S P B A.
Assume a direção da Pinacoteca do Estado.

- 1946 - Exposição Galeria Benedetti.
Nov. - Membro da Comissão de Organização S P B A. e
Membro da Seleção.
- 1947 - Membro da Comissão de Seleção S P B A
- 1948 - Presidente do Salão Paulista de Belas Artes.
- 1950 - Medalha Comemorativa do Centenário do nascimento de
Almeida Jr.
- 1951 - Interrompe as aulas particulares de Pintura.
- 1952 - Viaja para a Europa por 3 meses.
- 1953 - Exposição na Galeria Arte Hugo, R. Barão de Itapeti-
ninga, 55 telas.
- 1954 - Prêmio Aquisição de Piracicaba.
M.N B A Exposição: natureza morta.
- 1957 - I Prêmio de Pintura do Governo do Estado no S.P.B.A.
Prêmio Aquisição de Piracicaba.
- 1960 - S P B A : Prêmio Assembléia Legislativa do Estado.
Membro da Academia de Belas Artes, com Sede no Rio.
S P B A : Medalha Comemorativa do Jubileu de Prata da
entidade.
- 1965 - Participa do Salão de Belas Artes de Itapetininga.
Mai. - Aposenta-se da Pinacoteca do Estado, após 20
anos.
- 1966 - Participa do Salão de Belas Artes de Itapetininga.
- 1969 - Exposição na Galeria Internacional, S. Paulo.
- 1970 - Viaja para a Europa.
- 1971 - Out. - Exposição na Sociarte.
- 1975 - Mai., 25 - Morre em S. Paulo, com 80 anos.

Túlio Mugnaini foi registrado por seu pai com o nome de Túllio Mugnaini Otello. Mais tarde pediu que o nome Otello fosse retirado. Depois dos anos 40 retirou um "l" do primeiro nome, tornando-o mais brasileiro: Túlio.

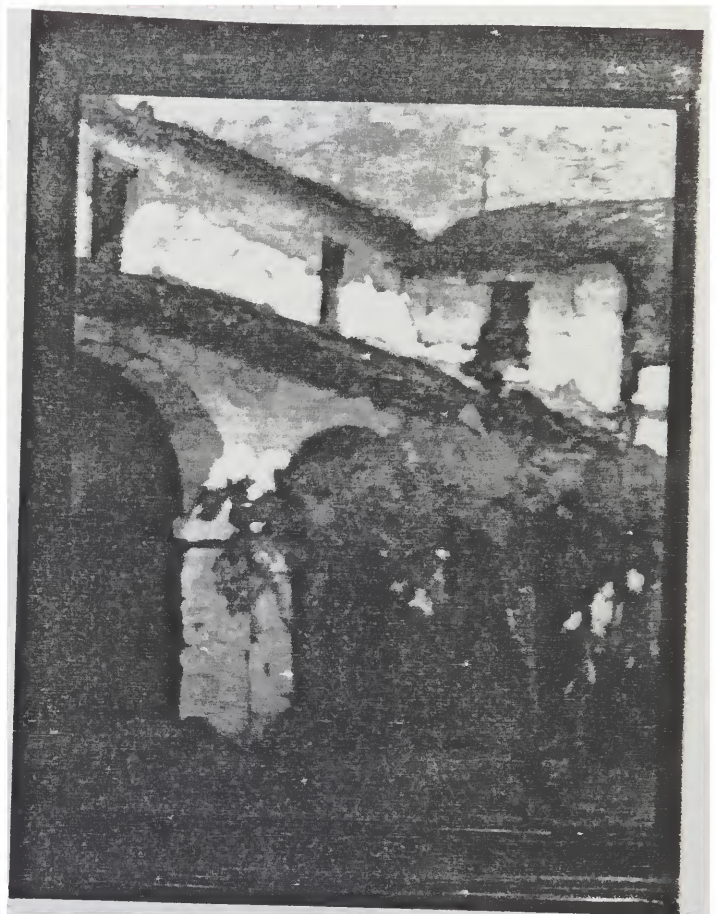
1. Casario e Barcos

Col. Dr. Antonio Abi Jaudi



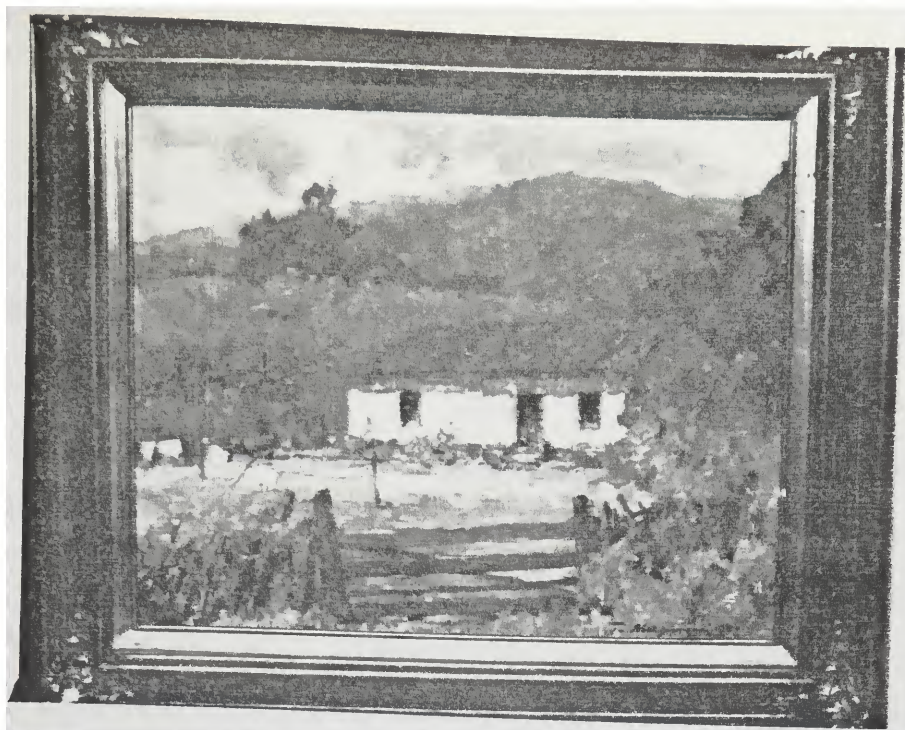
2. Velho Claustro. St. Jean
de Luz

Leilão R. Magalhães
Gouveia, maio 1984



3. Marinha - Córsega

Col. Terezinha Pinotti



4. Chácara dos Macaquinhos - Serra Negra
Col. Dr. Ciro Aranha Pereira



5. Cascata Rancho Alegre - Socorro
Col. Celestino Bourroul

CLODOMIRO AMAZONAS, O PINTOR DAS ÁRVORES COLORIDAS

Em sua primeira aparição - 1912 - Clodomiro Amazonas expôs 35 quadros, sendo 24 paisagens, duas naturezas-mortas e o restante, figuras. Já naquela época preferia temas como manhã de sol, crepúsculo, noite de São João, última luz. Foi apresentado nesta mostra como sendo amador, pois não tivera ainda lições regulares de pintura, apesar de já ser sido apreciado o colorido de seu trabalho.

Continuou gostando de temas com noites de luar, conseguindo nestes quadros uma luz triste. Felizmente, não se prendeu a estes temas melancólicos e pintou quadros como Natureza em Festa, em que já aparecem seus famosos ipês, quaresmeiras e flores-de-são-joão.

Clodomiro Amazonas nasceu a 14 de março de 1883, em Taubaté. Seu pai, Antônio Alves Monteiro, grande nacionalista, transmitiu este sentimento aos filhos, começando pelos nomes que lhes deu, tirados dos grandes rios do Brasil: Clodomiro Amazonas, Parnaíba, Tapajós.

Criado por duas tias velhas, Brotinha e Velezinha, Clodomiro começou a mexer com tintas ainda criança (com oito anos fez sua primeira pintura). Aos 16 restaurou telas e afrescos do Convento Sta. Clara, em Taubaté. Apaixonou-se por uma moça de Angra dos Reis e, contra a vontade da família, casou-se aos 21 anos. Para sobreviver, os dois se mudaram

para São Paulo, onde Clodomiro Amazonas conseguiu emprego em um banco, mudando depois para repartições públicas. Constituía para ele grande sofrimento ter de interromper a pintura para trabalhar em outros setores. Acabou deixando o emprego de Diretor do Patrimônio, e dedicou-se somente à pintura. A partir daí, foi com dificuldade que criou os oito filhos, quatro mulheres e quatro homens.

Clodomiro era um homem elegante, esbelto, que sempre se vestiu com apuro. Escondia a careca com um chapéu ou uma boina de pintor. Não teve alunos, não tinha vocação para lecionar. Era um bom restaurador, mas não gostava deste tipo de trabalho; para ajudar o orçamento familiar era obrigado a aceitar encomendas. Fez ilustrações para algumas revistas, como a Revista da Semana.

Originário da mesma cidade que Monteiro Lobato, além da amizade os unia a admiração que o escritor tinha pelo trabalho do pintor. Lembra Lobato que Taubaté era uma cidade tão atrasada, que lá não se tinha noção da diferença entre uma fotografia e um desenho. Admirava a cor dos quadros de seu conterrâneo e sentia que nenhum tom lhe escapava.¹ Também os críticos sentiam os quadros de Clodomiro alegres, por causa do colorido, e o cronista do Diário Popular comenta "as marinas que rolam em ondas de luz, as manchas de paisagem têm vida", e se na mostra de 21 o pintor se preocupa em mostrar fases distintas da vida artística, na exposição de 23 há somente a intenção em sentir e transmitir o

1. A Noite, Taubaté, 3.6.1923

ambiente".²

Sua segunda exposição, em São Paulo, foi em 1918 e ainda como funcionário público, o que o fazia ser considerado pintor de horas vagas. Ao largar o emprego, em 1923, lembra sua filha Vera³, os amigos ficaram chocados por ter jogado fora o pão certo dos filhos. Mas o artista já vendia regularmente seus trabalhos desde 1918. Depois que abandonou a prefeitura, o artista dedicou-se com grande afã ao trabalho. Seus temas são: a velha figueira, Ilha Porchat, catingueiro florido, abrigo de gado, nuvens à tarde, luar, manhã de neblina depois da chuva. É considerado o "verdadeiro pintor brasileiro, que sente a sua terra."⁴ Também o elogiam porque não era dado às "extravagâncias do momento". Aristeu Seixas percebera que não era um "acariciador da tela", isto é, não tinha a preocupação dos detalhes. O traço era largo, o que era sinal de pulso e firmeza no que estava reproduzindo, assim como a perspectiva aérea e terrestre harmoniosas e a cor de rara felicidade. Os céus eram muitos sentidos. Não era um imitador da natureza e sim um selecionador do que queria reproduzir, colocando seu temperamento, sua maneira de ver e sua interpretação particular em cada trecho.⁵

Era, para muitos, o pintor mais paulista de todos, por nunca ter saído de São Paulo. Ele mesmo definia sua

2. Diário Popular, 11.5.1923

3. Entrevista à Autora em 1983

4. L'Idéia, 20.1.1924

5. Folha da Noite, 22.6.1923

pintura: "Quando encontro um trecho da natureza, que por si é um quadro feito, não reproduzo materialmente, mas sim através do meu temperamento, sentindo e vendo, não como ele é, mas sim como eu desejaria vê-lo nessa mesma natureza, sem me preocupar com a maneira com os outros o vêem e outros o pintam..."⁶ E assim respondia às críticas de alguns que diziam que, ao pintar um quadro, se na paisagem não tivesse uma árvore colorida, ele a colocaria, por sentir necessidade de um efeito em cor em determinado trecho do quadro, correndo o risco de ser tachado de fazer pintura decorativa.

O colorido de seus quadros sempre foi considerado "exato", mostrando as matas verdes paulistas, os campos esturricados do Nordeste, ou as ondas revoltas do mar.

Clodomiro viajou pelo Nordeste, onde fez várias exposições e aproveitou para pintar aquelas paragens que aprendeu a interpretar. Porém foram as matas e seus riachos que ele mais sentiu. Ainda hoje, se sairmos um pouco da cidade e nos adentrarmos em uma estradinha secundária, encontraremos uma infinidade de vistas que a nossos olhos traz imediatamente a lembrança de Clodomiro Amazonas. Esta é uma prova de que ele realmente sentiu a paisagem; se assim não fosse, jamais teria conseguido reproduzi-la na tela com tanta felicidade.

Ao expor no Rio de Janeiro, em 1926, mostrou quadros com vistas do Ceará, Maranhão, Pará, Rio, Recife, Minas, São Paulo e da Bahia.

6. Gazeta de Notícias, Rio, 1925

Tinha grande admiração pelo paisagista Batista da Costa, de quem foi considerado o único continuador possível por Carlos Rubens e muitos outros, por ser capaz de reproduzir as "montanhas distantes, os nossos céus altos, as nossas velhas mangueiras, a nossa luz, as nossas águas tranquilas".⁷

Em 1929 expôs quadros figurando de S. José dos Campos, Tremembé, Rio, Paraíba, Itu e Cabreúva, com a velha mangueira, os rios calmos, os riachos caudalosos, o monjolo, os dias de chuva, ou os dias nublados, o temporal, o sol à tarde, o recolhimento do gado. Foi chamado pela imprensa de pintor do luar, tema muito comum e aceito na época pelos colecionadores.

Clodomiro Amazonas gostava de escrever poesias e, pelos versos que deixou, podemos entrever uma alma alegre. Nacionalista ferrenho apaixonado pela paisagem brasileira, estava imbuído da certeza de que era um dos poucos que sabiam interpretá-la. Como não tinha conseguido a bolsa para estudar na Europa, acabou convencendo-se de que foi até um bem, porque assim não ficou influenciado com a pintura de fora. Teve um grande desentendimento com Túlio Mugnaini por causa disto, e orgulhava-se de suas origens brasileiras e de sua capacidade de sentir e interpretar nossa paisagem. Não era como os bolsistas, - dizia - que, quando voltavam, depois de anos de estudo no Exterior, traziam uma paleta des

7. Jornal do Brasil, 6.8.1926

botada, da qual era muito difícil se liberarem.

Clodomiro Amazonas fazia sempre um croquis no local, que depois passava para a tela, em geral maior, no ateliê. Não deixou de aproveitar registros de fotos por ele mesmo tiradas, nas quais escolhia um trecho mais bonito. São muitas as fotos com partes quadriculadas que deixou e das quais se serviu para suas telas. Algumas vezes aproveitou cartões postais do Rio de Janeiro, como o Trecho da Praia de Itapuca, em Niterói. Este era um costume comum entre nossos artistas, sendo que muitos trouxeram esta inovação de seus estudos europeus. Só para citar alguns, o mesmo tema acima, retirado do mesmo cartão, foi aproveitado por J. Wash Rodrigues, e Oscar Pereira da Silva, e Joaquim Dutra.

Houve quem reclamasse de uma luz mais brilhante sem a preocupação com os reflexos que ela daria; achavam que ele o fazia devido à preocupação de "fazer bonitinho".⁸ Sempre foi reconhecido seu esforço; foi chamado por Carlos Rubens de "paisagista feliz" e por Monteiro Lobato de "poeta dos ipês". Não aceitava a arte moderna; costumava chamar seus adeptos de "Futuristas", como eram chamados os pintores que seguiam as novas correntes. Foram pedir a sua opinião a respeito em 1945, por ocasião da fundação do Museu de Arte Moderna. Foi terminantemente contra e acabou escrevendo uma carta ao jornal A Gazeta para externar suas opiniões, assinando o artigo: Clodomiro Amazonas, artista acadêmico.

8. O Estado de S. Paulo, 1.12.1934

Frequentava a redação d'A Gazeta, onde mantinha contato com os intelectuais da época e encontrava amigos como Menotti Del Picchia e o crítico Aristeu Seixas. Tinha seu ateliê na rua Theodoro Baima, nº 1, perto da Igreja da Consolação. Muitos amigos pintores o frequentavam, entre eles J. Marques Campão, Lopes de Leão, J. Wash Rodrigues, Pedro Alexandrino, Perissinotto, Campos Ayres e, quando vinham a São Paulo, Lucílio e Georgina de Albuquerque e o poeta Casiano Ricardo. Monteiro Lobato, seu amigo, fez várias de suas aquarelas no ateliê de Clodomiro.

Clodomiro Amazonas continuou expondo em 1946, 1949, 1951. São sempre as nossas paisagens com ipês roxos e amarelos, quaresmeiras, sapucaieiras, carnaubeiras, embaúbas, paineiras, trepadeiras, begônias, samambaias todos temas característicos da nossa paisagem tropical. Já no fim da carreira, depois de 1951, não pintou mais os luares românticos à velha maneira francesa; só havia paisagens amplas, claras e sentidas. Penetrava nas qualidades das diversas matérias, sentia a dureza da pedra, a leveza das folhas e as sombras das pequenas e grandes árvores, assim como as manchas dos bosques, o clarear de um campo. A variedade destes efeitos ele conseguiu através de um cromatismo que é muitas vezes exaltado pela luz, que age como elemento unificador. É nestes conjuntos de paisagem que se percebe o perfume da verdade, como diz Charles Sterling.⁹ Ainda em 1953 expôs em São

9. in Enzo Carli, *Il Paesaggio*, p. 93

Paulo; depois foi para Taubaté, Ubatuba, Atibaia, Rezende, Lindóia, Barbacena. Faleceu em agosto do mesmo ano, com 70 anos.

Clodomiro, no começo de sua carreira, usou uma pincelada pequena e lisa; mas, com o tempo, ela ficou larga; chegou mesmo a usar a espátula. Nesta fase já não se preocupava mais com os detalhes e, em geral, deixava bem acabado somente um ponto para o qual queria chamar a atenção. Além do óleo, usou também a aquarela, em tons claros e leves, o carvão e o pastel, que depois de 1933 colocava regularmente em suas mostras. Em óleo usou várias tonalidades de verdes, o azul, os cinzentos, e não deixava de colocar uma mancha amarelo-ouro, amarelo-limão ou laranja, que dava alegria ao quadro e dirigia o olhar para determinado trecho. Ao pintar as matas, mesmo vendo-as espessas, conseguiu transmitir a sensação de que o ar penetrava nelas, de que tinham vida. Apesar do tratamento não ser minucioso, captou as várias massas e, assim, percebem-se as diferentes vegetações, copas ensolaradas ou escuras, quase podendo sentir-se a umidade debaixo delas. São muitos os riachos que correm entre as pedras, saindo da mata, ou os rios parados, onde se vê refletida a vegetação das margens, que tanto poderia se tratar de uma touceira de bambus, um ipê, um manacá, uma quaresmeira ou um arbusto qualquer. (Col. Edmon El Nikui 57x71cm e Col. Anésio Urbano 23x28,3 cm).

As colinas, que aparecem muitas vezes ao fundo com vegetação, ou somente com um matinho rasteiro, são tratadas

com liberdade em pinceladas largas, sem detalhes (Col. Simão M. Guss 72,5x99cm). Estudou os céus as formações de nuvens as mais diversas e de inúmeras tonalidades, que iam desde os azuis-acinzentados até os amarelos-alaranjados ou os rosas com manchas azuis claras. Parecia que o sol estava se pondo e iluminava as nuvens com seus últimos raios. Nestes quadros, tão preocupado ficava com as nuvens, que o resto perdia a importância e, aí, colocava um campo, uma estradinha, ou uma árvore, mas nada muito detalhado, para que toda a atenção fosse para o céu e sua magnitude (Col. Terezinha Pinotti 24x34,5cm). Gostava do sol e sempre há um trecho do quadro que é iluminado, mesmo estando o resto na sombra. Colocava grandes árvores, em cujas sombras havia vacas descansando, ou ruminando na grama fofa (Col. Mario Bohn 18x23cm) (Foto 2).

Nem sempre os espaços que abrangia no quadro eram grandes; gostava de um trecho de estrada com uma cerca e, atrás dela, aparecendo, um casebre de pau-a-pique e uma sibipiruna amarela ao lado, ou um fundo de quintal com bananeiras; ou ainda uma casinha, com bananeiras ao fundo e um pequeno vulto varrendo o quintal, com galinhas ciscando em volta. Outras vezes havia ainda uma cancela, um trecho de estrada, ou uma árvore frondosa, uma casinha ao fundo e algum animal por perto. (Col. Dr. Ciro Aranha Pereira 23,5 x 30 cm) (Foto 3).

Fez várias marinhas, trabalhando bem a pedra, com liberdade. O sol bate às vezes nestas pedras e delas se sen

tem a consistência, o peso e a dureza: A água do mar se movimentava, a espuma branca da onda bate na pedra, espirra alto, ou o mar é calmo, com a beirada movimentando-se suavemente, onde colocava, às vezes, um molequinho andando com vara, tendo ao fundo altas montanhas, cobrindo quase o céu. (Col. Família Pires Martins 45,5x60 cm) (Foto 4).

Muitas vezes pintou árvores escuras e céu cinzento, tratados livremente, e, no prado alagado do primeiro plano se refletem nuvens. Os tons cinzas-escuros trazem o sentimento de que a tempestade está próxima e vai começar a chover a qualquer instante.

Os luares de que tanto se escreveu ao comentar-se sua obra, ou o anoitecer, em que tudo é escuridão, trazem com eles manchas amarelo-laranja no céu e uma pequena luz na terra, que vem de pequenos labaredas de uma fogueira, em volta da qual mal se divisam umas pequenas figuras. Apesar do tema meloso, o tratamento é espontâneo e o quadro não chega a ser piegas, se tivermos a paciência de examiná-lo. (Col. Anésio Urbano Jr. 29,5x20,5 cm) (Foto 5).

Quando às figuras, estas não foram seu forte e muitas vezes recebeu críticas pouco elogiosas quando as expôs. Elas não convencem, notam-se as desproporções dos membros, não chegam à perfeição.¹⁰

As naturezas-mortas, que não deixou de fazer, também não eram seu forte. Talvez por ter os objetos muito pró

10. Vida Moderna, 28.3.1918, nº 332

ximos, perdia-se nos detalhes e poucas vezes conseguiu dar às frutas a maciez, a consistência, o aveludado ou o brilho certo, o que conseguia magistralmente quando se tratava de árvores. Também fez animais, em particular a vaca e o que vemos é um ser forte, calmo, muito bem pintado. Percebe-se o seu amor pela terra. Em certos quadros em que aparece um caboclo à janela de uma palhoça, um cão esquentando-se ao sol ou um moleque andando, sente-se, mesmo nestas pequenas figuras, a falta de estudo de anatomia e de movimento.

CLODOMIRO AMAZONAS

- 1883 - Mar., 14 - nasce em Taubaté, filho de Antonio Alves Monteiro e Cândida Machado Monteiro.
- Inicia-se na pintura com 16 anos, fazendo restaurações em afrescos no convento Santa Clara de Taubaté. Funda Associação Artística e Literária junto com Gastão e Eusébio Câmara Leal, dois de seus mestres no prédio do atual Ginásio Estadual.
- 1904 - Casa-se aos 21 anos com uma fluminense.
- 1905 - Funda com os colegas Eusébio da Câmara Leal e Gastão a Associação Artística e Literária com sede no Ginásio Estadual de Taubaté.
- 1906 - Muda-se para São Paulo.
- 1912 - Ago. - 1.^a Exposição em S.Paulo, Salão Radium.
- 1914 - Estuda com Augusto Luiz de Freitas. Mais tarde, com Carlo de Servi, desejando candidatar-se ao pensionato artístico. É designado como candidato, mas não consegue a bolsa.
- 1918 - Volta de Juiz de Fora, onde expôs.
- Mar. - Exposição em S.Paulo, R. da Quitanda, 4.
- 1919 - Exposição em Taubaté.
- 1921 - Nov. - exposição na Antiga Casa Brotero, R. Libero Badaró, 135.

- 1922 - Exposição no Rio de Janeiro.
- 1923 - Trabalha como funcionário público até setembro. (Teria recebido a bolsa, mas não vai por causa da idade: 40 anos completos).
- Mai. - exposição na R. Direita, 42A: vistas de Minas e S.Paulo: 134 telas.
- 1924 - Mar. - pede demissão do cargo público, para dedicar-se exclusivamente à pintura.
- Jan. - Exposição: Palacete Palmares, R. Boa Vista, 601
- Nov. - Exposição: R. 15 de Novembro, 39A.
- 1925 - Out. - Exposição em Fortaleza.
- 1926 - Tournêe artística pelo norte e nordeste: Recife, Fortaleza e Belém do Pará.
- Jul. - exposição no Rio de Janeiro.
- Dez. - exposição na R. da Quitanda, 19B, São Paulo.
- 1928 - Mar. - exposição Galeria Blanchon, R. Direita, 13A, com 45 trabalhos.
- 1929 - Abr. - exposição R. 15 de Novembro, 40, com 70 obras. Por dois anos viaja pelo Brasil.
- 1931 - Nov. - exposição na Casa Assunção, Pça. Patriarca, 6A: 35 trabalhos.
- Jan. - Polêmica com Tulio Mugnaini pelos jornais.
- 1933 - Mai. - exposição na R.S.Bento, 48: 95 telas.
- 1934 - Dez. - exposição: R.S.Bento, 6, com 46 trabalhos.
- 1938 - Grande Medalha de Prata no Salão Paulista de Belas Artes; 2º Prêmio "Prefeitura de São Paulo".

- 1939 - Primeiro Prêmio Prefeitura de São Paulo.
- 1942 - Exposição Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.
- 1946 - Out. - exposição Galeria Benedetti.
- 1948 - Nov. - exposição na Galeria Itá.
- 1949 - Nov. - exposição na Galeria Itá.
- 1951 - Nov. - exposição na Galeria Itá.
- 1953 - Jan. - exposição na Galeria Rio Branco.
- Exposições em Taubaté, Ubatuba, Atibaia, Rezende, Lin
dóia, Barbacena.
- 1953 - Ago., 22 - morre com 70 anos.

CLODOMIRO AMAZONAS

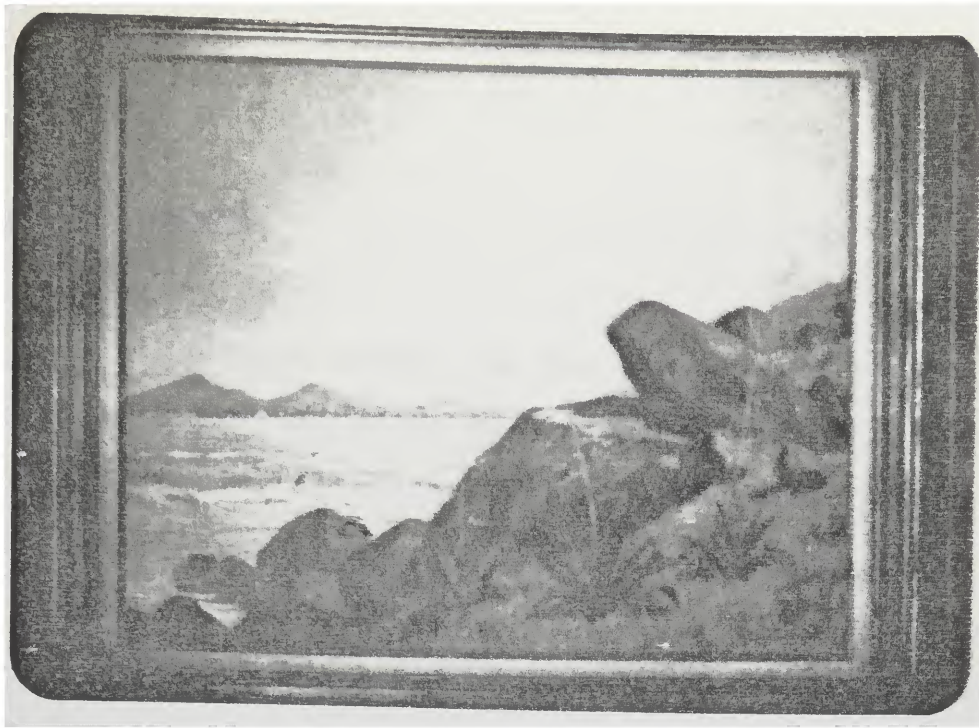
1. O riacho
Col. Edmon El Mikui



2. Pastinho
Col. Mario Bohn

3. Varrendo Quintal
Col. Dr. Ciro Aranha
Pereira





4. Rochas
Col. Familia Pires Martins



5. Anoitecer com fogueira
Col. Anésio Urbano Jr.

MONTEIRO FRANÇA

Monteiro França, um dos nossos mais fortes pintores, hoje quase não passa de um desconhecido. Era homem reservado, esquivo às amizades. Túlio Mugnaini que conviveu com ele e outros bolsistas em Paris lembra que pouco sabia da vida dele, tão discretamente viveu. E não só Túlio como ninguém mais tem muito a contar a seu respeito. Até sua filha Yole poucos dados forneceu em um histórico que escreveu para a Pinacoteca do Estado. Daí a grande dificuldade em podermos sentir o caráter deste homem que cercou sua vida de mistério e cuja obra hoje é quase uma raridade.

José Monteiro França nasceu em Pindamonhangaba a 21.10.1876. Um conterrâneo, Athayde Marcondes, lembra-se dele como um moleque levado, simpático, olhos vivos e -custamos a acreditar- falante, cujo apelido era Juca. Teria ele mudado para o Rio ao redor de 1891, empregando-se no comércio, que logo abandonou para dedicar-se ao estudo das belas-arts. Como não era rico foi com muito sacrifício que se inscreveu no Liceu de Artes e Ofícios onde ficou por dois anos. Matriculou-se depois na ENBA, tendo sido Henrique Bernardelli um dos professores que mais o influenciaram. Depois do curso de cinco anos formou-se em 1904 e expôs na ENBA o quadro Na Cozinha, com o qual recebeu a Menção Honrosa de 2º Grau. Recebeu junto ao prêmio uma carta de

H. Bernardelli, elogiando seu aproveitamento.

Em fins de novembro de 1906 Monteiro França inaugurou sua primeira exposição em São Paulo. Expôs 29 telas, das quais sete eram retratos, 10 figuras e o restante paisagens do interior e marinhas. Ofereceu na ocasião à Pinacoteca do Estado o quadro Ressonando, um busto de mulato dormindo. Alberto de Sousa ao visitar sua exposição já lhe percebe a "vocação artística que promete". Sente que ele é mais um pintor de figura e elogia o moleque risonho e o mulato ressonando. Repara que lhe falta ainda "maior movimentação e mais intensidade na vida fisionômica, ritmo respiratório, de maneira a evitar que a temporânea quietação do sono possa confundir-se com a placidez da morte". Na paisagem sente que ele executa bem as árvores das matas que reproduz.¹

O Estado de São Paulo na mesma época elogia as figuras, sente que falta transparência e movimento à água, mas não lhe falta temperamento.²

Entre os muitos visitantes à exposição foi também o Dr. Jorge Tibiriçá que, entusiasmado com o progresso do artista, conferiu-lhe uma Pensão do Estado. Monteiro França, que já estava casado desde 1903 com Clélia Gallucci e já tinha a filha Yole, seguiu com ambas para a Itália. Por dois anos esteve em Nápoles, tendo estudado com Giuseppe Bocchetto. Mudou-se depois para Roma onde aproveitou para

1. Pontos de Vista, p.147

2. O Estado de São Paulo, 3.12.1906

pintar a paisagem local, tendo ficado muito impressionado com Anticoli Corrado. Como foi convidado para decorar um dos salões do Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Turim e a sala do Café do Estado de São Paulo acabou fixando-se nesta cidade. Segundo sua filha Yole Monteiro França, vinha regularmente ao Brasil para expor e enviava quadros para o SNBA. Em 1910, com o quadro A Caminho da Aldeia, recebeu a Menção Honrosa 1º Grau na ENBA.

Depois de cinco anos de estada européia voltou com a família em 1912, mas ficou somente alguns meses. Aproveitou a ocasião e expôs na rua São Bento, na antiga casa Edison, 40 telas. A exposição foi muito visitada e teve sucesso tanto de crítica como de vendas. Sua paleta foi considerada de uma riqueza notável e as paisagens de colorido geralmente suave, com cambiantes admiráveis da mais pura realidade. Elogiadíssimo A Caminho da Aldeia, cuja concepção foi considerada impecável e sóbrias as tintas usadas. Houve naturalmente algumas críticas como em relação ao quadro Flor do Bosque no qual o crítico sentiu falta de naturalidade pelo uso exagerado das tintas. Não sentiu que tivesse sobriedade, ao contrário, havia uma abundância excessiva de verdes, amarelos, fazendo com que a obra se tornasse berrante. Já no quadro Regatas teria abusado das cores escuras especialmente na água, que ficou turva.³ Quase todos os quadros foram adquiridos, entre eles A Velhota,

3. Diário Popular, 7.5.1912

Vida Feliz, As Filhas do Moleiro, Mimosa, As Primeiras Neves, Na Fonte, Maria. O quadro Beijo na Fonte foi adquirido pelo Governo do Estado, encontrando-se hoje na Pinacoteca do Estado. Ao encerrar a exposição, como era costume muitas vezes, leiloou um quadro.

Participou, nesta estada, da II Exposição Brasileira de Belas-artes com um retrato. Os outros quadros que quis expor estavam presos no porto de Santos não tendo conseguido, nossa morosa alfândega, liberá-los a tempo.

Voltou para Turim logo depois da exposição. Estudou depois em Paris, tendo sido contemporâneo de Túlio Mugnaini, J. Wash Rodrigues, Alípio Dutra e Oswaldo Pinheiro.

Ao estourar a I Guerra Mundial voltou para São Paulo fixando-se aqui definitivamente. Excursionava constantemente pelo interior, executando retratos por encomenda e também aproveitava para pintar paisagens que expunha quando voltava para a capital. Muitas vezes expôs retratos de personalidades em vitrines de lojas, como em 1915, quando mostrou o retrato de Bernardino de Campos e do rei da Bélgica na vitrine de O Estado de S. Paulo. Em 1921 expôs o retrato do Dr. Washington Luiz.

Em 1922, depois de mais uma viagem pelo interior e litoral do Estado, mostrou em uma exposição vários retratos como o do pintor Perissinotto e várias paisagens e marinhas: Reflexos, Mar Bravo, Barcos em Repouso, Praia de Guaiuba, Paisagem da Penha, Manhã do Tietê - que figurou também depois na Exposição do Palácio das Indústrias. Havia

ainda algumas naturezas-mortas com marmelos e o quadro Ponte da Concórdia.

A pintura de Monteiro França sempre foi considerada inspirada nos mestres italianos da escola moderna. Já em 1914 Le Courrier du Brésil⁴ cita esta sua tendência.

Quirino da Silva também acha que seguia as lições dos pintores Sartorelli, Beppe Ciardi, impressionistas italianos. Para ele o pintor tinha um desenho seguro, livre, com uma matéria pictórica pastosa, e um colorido às vezes exaltado.⁵

Para sobreviver, Monteiro França foi professor de pintura além de executar retratos por encomenda. Casou-se duas vezes tendo tido quatro filhos do primeiro casamento : Yole, José, Alexandre, José Alessandro. Tendo enviuvado casou-se em seguida com Aurora de França com quem teve os filhos Berlita, Arlindo, Hearli.

Segundo o relato de Túlio Mugnaini teve uma vida muito agitada com desagradáveis surpresas. Seu ateliê, na Praça da Sé, certa vez foi penhorado por não ter podido pagar o aluguel. Sua vida assumiu aspectos dramáticos que Túlio não especifica quais foram. Consta que morreu em grande pobreza, residindo na ocasião em uma espécie de porão de habitação coletiva, tipo favela. No Governo Macedo Soares o Estado votou uma pensão para sua família.⁶

4. Paris, França, 27.3.1914

5. Diário da Noite, 22.2.1956

6. A Gazeta, 25.7.1953.

Depois de 1922 quase não há notícias de suas exposições, pois provavelmente vendia em seu ateliê, como muitos pintores faziam, não querendo se preocupar em conseguir uma sala e também com os gastos de uma exposição. Deixou, estranhamente, de participar dos Salões do Rio de Janeiro e dos de São Paulo.

É difícil falar de sua obra devido ao pequeno número de quadros que aparecem nas coleções e nos leilões. Quanto à figura há na Pinacoteca do Estado o quadro Ressorando, de sua primeira fase, de 1904 e um pequeno perfil de moça, este último de rara delicadeza, com um colorido de tons ocres, castanhos e amarelos. A pincelada é livre, o desenho bom lembra retratos antigos. O quadro O Beijo na Fonte, também da Col. Pinacoteca do Estado foi pintado em sua estada italiana. Uma jovem camponesa está bebendo água na fonte e um burrico espera pacientemente ao lado. O colorido é suave, a pincelada pequena, a composição romântica. A preocupação pela luz é grande pois sente-se que foi estudada a zona que está na sombra e as partes iluminadas. Muito bem resolvida a parede velha do fundo do quadro, que recebe luz mais forte (Foto 1).

Em outro quadro da Col. de Gerson Zalcborg vemos um barranco de terra vermelha e ao fundo campos, casas e árvores. Há zonas de luz e outras na sombra. É nesta obra que sentimos o colorido exagerado do qual tantos críticos falavam. A terra roxa tem uma tonalidade bem forte o que absolutamente não invalida o quadro, pelo contrário lhe dá força

e caráter (Foto 2). Já em outra tela, O Pão de Açúcar, (25x35 cm. óleo s/cartão) as cores são sombrias e o céu nublado. O artista conseguiu transmitir à tela a sensação de um dia de chuva, sem muita luz. Somente a espuma da água que vem bater nas pedras tem um certo brilho conseguido com uma tinta pastosa colocada desordenadamente (Foto 3).

Quanto à qualidade de sua pintura Túlio elogia-lhe o trabalho como pintor, especialmente o colorido vibrante, a pastosidade, o esfumado das formas, o amor à matéria, a vibração da luz e atmosfera. A estada italiana fez com que fosse influenciado especialmente por Tranquillo da Cremona, Mancini, Morelli e Spadini, o que se sente em sua obra. Teria estudado não somente os pintores modernos italianos como também alguns mais antigos e como esteve também em Paris e viu os impressionistas não ficou indiferente a eles. Desprezara a maneira lisa dos antigos pintores. Sua pintura é de uma honestidade incomum. Abordou todos os gêneros de pintura, particularmente o retrato, natureza-morta, decoração alegórica, quadros de temática religiosa e, claro, a paisagem.

JOSE MONTEIRO FRANÇA

- 1876 - Out., 21 - nasce em Pindamonhangaba, filho de Arlindo Galvão França e Benedita Eugênia Marcondes Monteiro França.
- 1891 - Muda-se para o Rio de Janeiro - Entra no Comércio - Inscreve-se no Liceu de Artes e Ofícios e depois Escola Nacional de Belas Artes.
- 1900 - Termina o curso na ENBA; aluno de H. Bernardelli. Expõe em São Paulo.
- 1903 - Casa-se com Clelia Gallucci de França.
- 1904 - Forma-se na ENBA. Expõe no SNBA e recebe Menção Honrosa 2º Grau com Na Cozinha.
Recebe bolsa e viaja para a Itália: Nápoles. Estuda com Giuseppe Bocchetto.
- 1905 - Muda-se para Roma. Pinta Anticoli Corrado.
- 1906 - Volta para o Brasil e expõe em São Paulo 29 quadros no Ateliê Fotográfico do Sr. Valerio Vieira. Oferece ao Governo o quadro Ressonando.
Convidado para pintar em Turim um dos salões do Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional e na Sala do Café do Estado de São Paulo.
- 1910 - Envia para o SNBA A Caminho da Aldeia: recebe o prêmio Menção Honrosa 1º Grau.

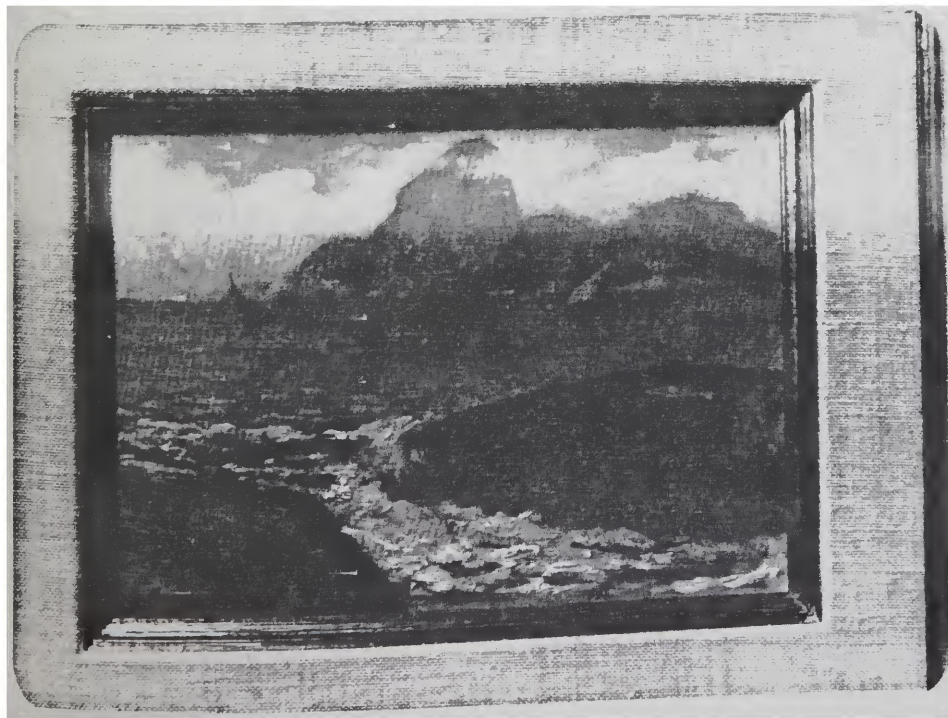
- 1912 - Jun. - de volta da Europa expõe em São Paulo, na rua São Bento 38, 40 telas. Adquirido pelo Governo O Beijo da Fonte.
Participa da II Exposição Brasileira de Belas Artes.
Viaja de volta para Turim, onde tem residência.
- 1914 - Volta definitivamente para o Brasil.
- 1915 - Na vitrine de O Estado de S.Paulo expõe os retratos de Dr. Bernardino de Campos e do rei da Bélgica.
- 1916 - Depois de uma excursão pelo interior, volta a expor.
- 1921 - Depois de uma excursão pelo interior, expõe retrato do Dr. Washington Luiz.
- 1922 - I Exposição de Belas Artes do Palácio das Indústrias:
No Ateliê, Manhã no Tietê, Boa Pitada.
Dez. - exposição na R. Líbero Badaró, 69 - 90 quadros.
- 1931 - Mai. - exposição no ateliê.
- 1944 - Mar., 24 - falecimento.



1. O Beijo da Fonte
Col. Pinacoteca do
Estado



2. Morro
Col. Gerson Zalcbberg



3. Pão de Açucar
Col. Particular

GEORGINA DE ALBUQUERQUE

Georgina de Albuquerque, quando solteira Moura An drade, mudou-se para o Rio de Janeiro para poder estudar na E N B A . Logo que chegou na então capital conheceu Lucilio de Albuquerque, casaram-se e, como o pintor tinha ganhado a bolsa para o Exterior, seguiram para Paris. Uma vez na Cidade Luz, entrou em contato com o impressionismo, sentiu-se atraída pelas suas cores e começou a pintar cenas de gênero, figuras que colocava ao ar livre, iluminadas pela luz. Quando mostrou estes trabalhos no Brasil recebeu, no início, certa resistência, pois nossos colecionadores não estavam acostumados com este tipo de pintura, porém, com o tempo, acabaram apreciando seu bonito colorido e a temática feliz.

A pintora expôs várias vezes em São Paulo, sempre com o marido, tendo participado também das Exposições Brasileiras de Belas Artes de 1911 e 1912, como da Exposição Geral de Belas Artes de 1922. Nas individuais apresentava jardins floridos, marinhas, cantos de salão e paisagens, todos com uma perfeita consciência de perspectiva. Monteiro Lobato, que era também originário de Taubaté e teria sido, nos tempos da juventude, seu primeiro namorado, ao visitar sua exposição de 1919, sentiu a segurança e emoção de suas paisagens, apesar de não ser a temática predileta da artista

ta. Elogiou algumas aquarelas de Cambuquira, muito bem manchadas, mas onde encontrou a maestria da autora foi no jogo de luz nos rostos e figuras que repousam em um canteiro de jardim¹.

As composições de Georgina são sempre perfeitas; há um equilíbrio de tons, as cores são luminosas, sentindo-se quase sempre a influência que o impressionismo lhe deixou. Quanto às paisagens, muitas vezes as povoou com animais, especialmente cavalos. Pintou trechos urbanos, como a velha Igreja do Largo João Mendes, em São Paulo, um portão de jardim, ou o Palácio Imperial. Fixou vários portos, nunca se preocupando em detalhar, esboçando e colocando a cor certa, deixando que se percebesse a gestualidade da pincelada, o que dá grande movimento à obra. Com o passar dos anos, fez quadros grandes de temática quase social, como o quadro No Cafezal em que focaliza mulheres trabalhando no beneficiamento do café (hoje na Pinacoteca do Estado).

1. Revista do Brasil, mar.1919

GEORGINA DE ALBUQUERQUE

1885 - Nasce em Taubaté.

Estuda pintura com Rosalbino Santoro.

1904 - Muda-se para o Rio e estuda na E N B.A., com Henrique Bernardelli.

1906 - Casa-se com Lucilio de Albuquerque e viaja para Paris; estuda com Paul Gervais e Desheneau na Escola de Belas Artes e com Henry Royer da Academia Julian.

1909 - Já de volta ao Brasil, participa do S N B A. e recebe Menção Honrosa.

1911-1912 - Participa da I Exposição Brasileira de Belas Artes em São Paulo com: Supremo Amor, Cabeça de Italiano, Perfil, Prece e A la Campagne, adquirido pelo Estado de São Paulo e hoje na Pinacoteca do Estado.

Expõe junto com Lucilio de Albuquerque no Instituto Histórico e Geográfico.

1912-1913 - Participa da II Exposição Brasileira de Belas Artes em São Paulo; expõe Busto de Mulher, No Jardim e Brincando.

1914 - No S N.B A recebe a Grande Medalha de Prata.

1916 - Expõe em São Paulo: Estudo de Cabeças, um estudo ao ar livre, um interior e um canto do rio.

1919 - No S.N.B A recebe a Pequena Medalha de Ouro.

Expõe em São Paulo junto com o marido, Lucilio de Albuquerque.

- 1921 - Georgina e Lucilio expõem em Buenos Aires, ela quadros de figura.
- 1922 - Participa da Primeira Exposição Geral de Belas Artes no Palácio das Indústrias.
- 1923 - Set. - expõe na R.S.Bento.
- 1925 - Participa da Exposição Panamericana de S. Francisco. Participa da Exposição Mulheres Pintoras e Escultoras em New York.
- 1927 - Docente da E.N.B A., por concurso.
- 1937 - Premiada no Salão Belas Artes de Buenos Aires.
- 1944 - Participa da Exposição de auto-retratos do M.N.B.A.
- 1948 - Catedrática da E N.B.A. em desenho artístico, por concurso.
- 1952 - Diretora da E.N.B.A. por dois anos.
Participa da Exposição Um Século de Pintura Brasileira.
- 1953 - Participa da Exposição A Europa na Arte Brasileira.
- 1954 - Participa da Exposição O Nu na Arte.
- 1960 - Participa da Exposição Contribuição da Mulher às Artes Plásticas em São Paulo, no MAM.
- 1962 - Morre no Rio de Janeiro.

HELENA PEREIRA DA SILVA OHASHI

Helena Pereira da Silva Ohashi, depois de ter estudado com o pai conseguiu bolsa de estudos para se aperfeiçoar em Paris. Conta ela em suas memórias (Minha Vida) que no começo foi sufocada pelo rigor do pai, tendo conseguido libertar-se somente quando longe dele, na França, obtendo assim uma fatura mais livre. Sua timidez fez com que não tivesse progredido mais, o que se podia facilmente verificar a cada vez que voltava à terra natal; era como se regredisse e recomeçava a pintar natureza morta. Do pai recebia conselhos para não usar pinceladas soltas e sim esbater mais as tintas. Em seu interessante livro biográfico ela fala não somente da personalidade do pai, como de outros pintores da época, além de nos pôr a par de costumes da época.

Na França estudou em escolas oficiais, participou de vários Salons como também do Salon des Femmes Peintres et Sculpteurs. Conheceu lá seu marido, o pintor japonês Riokai Ohashi. Depois que casaram foram viver no Japão, ambos exercendo a profissão com sucesso, onde o nome de Riokai era afamado. Em 1940 os artistas vieram ao Brasil, em missão de propaganda do Japão. Expuseram na ocasião no Rio de Janeiro, São Paulo e também Buenos Aires. Ambos aproveitaram para pintar aspectos da paisagem brasilei

ra. Ao iniciar a Guerra, voltaram para o Oriente. Helena esteve no Japão durante todo o conflito mundial, tendo perdido o marido logo após a volta deles da viagem ao Brasil. Ao término da II Guerra Mundial, Helena voltou para a terra natal e fixou-se no interior do Estado, no começo em Mogi-Mirim, depois em Itapira e, enfim, em Campinas. Tinha perdido o contato com os amigos e quando apresentava seus quadros estes eram recusados nos Salões Paulistas. Era reconhecida somente pelos pintores da colônia japonesa, o grupo Seibi. Fez algumas individuais sem sucesso e viveu o resto de sua vida desiludida e amargurada com o meio que não mais a aceitava. Foi estranha esta rejeição, pois seu trabalho é agradável, a temática simples, o colorido vivo. Talvez o público do interior não estivesse acostumado com a fatura larga que empregava em seus quadros.

Helena Pereira da Silva Ohashi pintou muitas paisagens e trouxe várias que fez no Japão. Mais tarde, como não saía, pintou flores, naturezas mortas. Nas paisagens, estas em geral de pequeno formato, quase estudos, captava pequenos trechos de natureza. O que podia faltar em composição ou escolha de tema, ganhava na liberdade de fatura e no colorido intenso. Hoje quase não encontramos quadros da pintora em coleções particulares; por isto é difícil opinar sobre uma obra da qual se viram poucos exemplares, além de algumas reproduções publicadas no seu livro ou em catálogos. É uma pintora cuja obra merece um estudo maior.

HELENA PEREIRA DA SILVA OHASHI

- 1895 - Nasce em São Paulo, filha do pintor Oscar Pereira da Silva e da francesa Julie Pereira da Silva.
- 1910 - Estuda com o pai desenho e pintura.
- 1911 - Expõe no ateliê do pai. Freitas Valle aprova os quadros e lhe confere a bolsa para viajar para a Europa.
- Viajam para a França no vapor Frisia: o pai, a mãe, a irmã e Helena.
- Começa a estudar na Academia Julian, com modelo vivo.
- Nov. - morre a mãe, ao dar a luz à irmã Judith.
- Dez. - Oscar Pereira da Silva volta ao Brasil com as duas filhas maiores.
- 1912 - Mar. - Helena viaja com a pai para a Europa: visitam a Itália. Volta a estudar na Academia Julian, Colarossi e Escola de Belas Artes no curso de Hechet.
- 1914 - Volta ao Brasil.
- 1915 - Mai. - viaja de novo para Paris, no navio Flandres.
- 1916 - Expõe no S N. B A ; obtém Menção Honrosa 1º Grau com Recanto de Jardim de Luxemburgo.
- 1917 - Jan. - expõe na Loja Aurora, R.S.Bento.
- 1919 - Expõe na R. Direita: naturezas mortas e estudos: 46 telas.

- 1920 - Viaja para Paris no vapor Andes; inscreve-se na Academia de La Grande Chaumière. Expõe no Salon des Femmes Peintres et Sculpteurs.
- 1922 - Participa da Exposição Geral de Belas Artes: Interior de Sala, No Museu do Louvre, Porta do Museu de Cluny.
- 1923 - Entra no Salon com Sale du Bureau Luis XV.
- 1924 - Galeria Jorge: expõe na R. S. Bento, 12; 50 telas. Ela estava na época morando em Paris.
- 1926 - Jan. - chega da Europa.
- 1928 - Tem telas na Exposição de Belas Artes Muse Italiche: 2 naturezas mortas e um pierrot.
- 1929 - Inaugura uma exposição no Salão Club Comercial. De volta a Paris, participa do Salon.
- 1930 - Participa do Salon com Amours et Fleurs.
- 1932 - Mar. - regressa de longa excursão e expõe na Sede do Professorado Paulista, Largo Patriarca.
- 1933 - Jul. - outra vez vai à Paris, para casar com o pintor japonês Riokai Ohashi. Viajam para o Japão. Set. - chega no Japão, faz desenhos de moda e cartazes para um grande Magazin em Tokio.
- 1934 - Muda-se para Osaka. Expõe. Exposição em Nagoya. Todos os anos ela e o marido expõem juntos.
- 1940 - Vem ao Brasil com Riokai Ohashi, em Missão de Propaganda do Japão.

- Dez. - expõe junto com o marido no Prédio Itá, Rua Barão de Itapetininga.
- O M N B A adquire duas obras da pintora.
- Viaja com o marido para o Rio de Janeiro, Santos e São Paulo, sempre pintando. Participa do S P B A Expõem em Buenos Aires.
- 1942 - Volta com o marido para o Japão: começou a II Guerra Mundial.
- 1943 - Dez., 31 - morre Riokai Ohashi.
- 1949 - Volta ao Brasil.
- 1951 - Nov. - expõe em Campinas
- 1952 - Vende ao Governo o quadro Aclamação de Amador Bueno de Oscar Pereira da Silva.
- Leciona pintura - Expõe em Mogi-Mirim, Itapira.
- Volta de novo para a Europa, desta vez como dama de companhia de uma jovem.
- 1953 - Muda-se para Campinas.
- 1954 - Recusada no S.P.B.A.
- 1955 - Promove uma exposição dos quadros do marido em um cinema.
- 1958 - Expõe no Salão Seibi: é premiada.
- 1963 - Set. - expõe no Centro de Ciências, Campinas.
- 1965 - Expõe no Centro Cultural Brasil-Japão quadros de Riokai Ohashi.
- Escreve suas memórias: Minha Vida.
- 1966 - Nov., 14 - morre em Campinas.
- 1969 - Exposição póstuma de suas obras na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa.

DOCUMENTARISTAS

OSÉ WASTH RODRIGUES

Em 1916 o nacionalismo estava no auge e Monteiro Lobato, seu grande adepto, escrevia que "o artista cresce à medida que se nacionaliza". Para dar exemplo de um artista que reagia ao afrancesamento adquirido nas escolas parisienses, cita José Wasth Rodrigues. Em uma individual em que o artista apresenta na ocasião há quadros executados na França, mas também mostra vistas de Pirapora que seriam uma "fase nova", segundo Monteiro Lobato que vendo seu interesse pelo nosso campo, aconselha-o a pintar o Brasil que "está no interior, nas serras, nos sertões, nas cochilas onde bate o monjolo, onde florescem os cafeeiros, nos garimpos, nas catingas estorricadas, na palhoça de sapé e barro".¹

Tendo atração por pintar ao ar livre, a mata, a roça, a arquitetura colonial, tanto de Minas como do Nordeste, Wasth Rodrigues foi considerado, por muitos, mais brasileiro que outros dos nossos pintores.

Nasceu em 1891, em São Paulo. Devia ter sido padre, pois a família o havia colocado em um seminário no interior do Estado. Muito pobre, o menino nem tinha dinheiro para comprar o selo para escrever para a família. Acabou desenhando-o no envelope, tendo passado pelo correio como verdadeiro. A mãe teria mostrado o selo para Freitas Valle, que

1. O Estado de S. Paulo 9.1.1916

ficou muito interessado no menino pintor.² Depois de se afastar do seminário, de volta a São Paulo, estudou pintura com Oscar Pereira da Silva. Em 1910 recebia do Governo do Estado pensão para se aperfeiçoar na Europa. Antes de viajar, expôs para mostrar seus trabalhos e demonstrar que merecia a bolsa. A imprensa, que tinha visitado a exposição, a aconselhou-o que antes da Europa fosse para o Rio estudar na Escola Nacional de Belas Artes e somente depois de concluído o curso seguisse para o exterior. Citava o perigo dele se desnacionalizar, pois saindo da pequena cidade que era S. Paulo, ficaria indubitavelmente deslumbrado com as maravilhas lá fora, que tentaria imitar. Mas o crítico reconhece as qualidades do jovem apesar de faltar-lhe o toque de firmeza e a exata visão das cores. Havia na mostra paisagens que, por terem sido tiradas do natural, receberam um tratamento de certa largueza, o que não aconteceu com o retrato.³

Como a maioria dos nossos pensionistas, Wash Rodrigues estudou na Academia Julian com Jean Paul Laurens. Frequentou também a Escola de Artes de Paris. Vivia no Champ de Mars, na aristocrática Avenida de Saxe, como lembra Túlio Mugnaini, seu contemporâneo. Fazia parte da roda de estudantes que se reunia no Café La Rotonde, centro obrigatório de todas as artes e da boêmia da época. Iam lá também Túlio Mugnaini, Alípio Dutra, Monteiro França e Osvaldo Pinheiro. Foi

2. Segundo relato de Isolda Bassi Bruch filha de T. Bassi e amiga do Artista em entrevista à Autora, em out. 1985.

3. O Estado de S. Paulo, 7.3.1910

nesta época que se tornou amigo de Amadeo Modigliani, a quem presenteou um casaco verde que o artista italiano admirava e que depois reproduziu em muitos auto-retratos. Túlio lembra-se que Wash Rodrigues vestia-se modestamente, com roupa escura, calças listadas, fumava cachimbo e usava uma bengala de pau retorcido, toda manchada, que era motivo de brincadeira dos colegas. Tinha um tipo de boêmio requintado, romântico, talvez porque vivesse mais folgadamente que os amigos por causa da bolsa do Estado. Era culto, seu francês era correto. Falava pouco, mas gostava de uma brincadeira. Era grande trabalhador.⁴ Como todos os artistas, viajava pelo interior da França à procura de temas interessantes e assim o fez até estourar a Primeira Guerra Mundial, quando estava indo para Userche, pois achava que a guerra não duraria mais que algumas semanas. Quando percebeu que a coisa era grave, que não lhe permitiam pintar por ser estrangeiro, que a bolsa tinha sido cortada, viu-se obrigado a voltar para a pátria, o que acabou fazendo com muitas peripécias por causa do grande número de pessoas que queria embarcar. Naquele ano tinha conseguido entrar no Salon de Paris com o quadro Interior da Velha Abadia.

Na volta fixou residência em São Paulo. Tinha casado com Argentina Guimarães com a qual teve dois filhos: Roberto e Raquel. Logo depois da chegada, expôs os quadros que trouxe da Europa, mas a guerra e a crise político-financeira

4. Túlio Mugnaini, A Gazeta, 11.6.1957

fizeram com que a exposição não tivesse o sucesso esperado. Vários bolsistas tinham voltado, tendo também exposto sem grandes vendas apesar da imprensa ter elogiado os trabalhos. Wasth Rodrigues, na sua exposição, mostrou os desenhos pintados na França, isto é, as academias e os estudos feitos nos ateliês dos mestres, além de paisagens.

Os colegas apareceram em massa, entre eles o antigo Prof. Oscar Pereira da Silva, Marques Campão, que também acabava de expor, Elpons, Antonio Rocco, Pedro Alexandrino, Perissinotto, Gavronski, William Zadig e o colecionador José A. Gansalves. Em 1916, quando mostrou os novos trabalhos, já havia os interiores de Pirapora, Vitoruna e Tietê, além de um interessante auto-retrato em que ao fundo se divisa a paisagem de Pirapora. Fez várias paisagens, muito apreciadas, com colinas suaves ao fundo e um trecho de rio no primeiro plano, onde aparecem os arbustos refletidos na água tranquila. Estes quadros transmitem uma grande calma por causa do céu claro e do colorido azulado dos morros. Mesmo com esta temática brasileira, poucos foram os trabalhos adquiridos, apesar dos preços pedidos serem módicos e a imprensa comentou que havia tantos visitantes na mostra que ficou difícil a circulação.⁵

Como outros pintores faziam, ele também colocou junto com as paisagens nacionais as executadas na França. Lá estava L'odeon, Meu quarto, ambos com segurança de toque e opulência na cor e composição correta. A atmosfera que con-

5. O Estado de S. Paulo, 14.1.1916

segue é admirável, o que parece um dom especial deste artista. Havia estudo de telhados de muita observação, uma bela paisagem Le moulin au lac, com seus planos excelentemente dispostos e um estudo de Luxemburgo feito com vigor.⁶ Ofereceu na ocasião à Pinacoteca do Estado a Vieille Cour 60x73 cm). Este quadro tem um colorido ocre típico das construções do interior da França. Soube captar as diferentes tonalidades, das paredes descascadas. Muito boa a perspectiva das casas de uma ruela sem saída em que, no fundo, através de um arco, deixa aparecer outras construções. Uma figura de mulher e um burrico dão vida a este quadro bem elaborado com pincelada solta apesar da preocupação com o detalhe. Este local foi reproduzido por vários outros dos nossos artistas, entre eles Túlio Mugnaini e Alípio Dutra. Como eram amigos, parece-nos que foram pintar em conjunto.

Logo depois desta exposição, José Wasth Rodrigues, Elpons e William Zadig inauguraram um curso de pintura. Houve discurso de Nestor Pestana, regado a champagne. Wasth Rodrigues ficou com o curso de pintura à noite.

O jovem pintor, para sobreviver, além das aulas de pintura aceitava as encomendas de retratos que depois colocava em vitrines de lojas para mostrá-los a futuros eventuais interessados e assim poder receber novas encomendas. E de fato recebe muitas, pois tinha excelente técnica e capacidade de retratista.⁷

6. O Estado de S. Paulo 11.1.1916

7. O Estado de S. Paulo 3.5.1918

Por esta época descobre Minas, viaja para lá evolta com aquarelas e bicos de pena, ambos com trechos da antiga arquitetura barroca. Estas obras quando expostas fizeram com que os críticos o considerassem o mais nacionalista e um dos pioneiros dos que se interessaram por esta temática. Não devemos esquecer que Norfini também estava descobrindo Minas por esta data e que também aquarelava seus recantos. Mas Wash Rodrigues usava um colorido vivo, grandes contrastes de luz e sombra, completamente opostas às aquarelas claras e luminosas de Norfini. Foi tornando-se um estudioso de assuntos da nossa arquitetura colonial. Estudou os estilos e costumes civis e militares, a heráldica, tendo publicado vários trabalhos sobre eles. Partiu para o norte, Bahia, Pernambuco e Maranhão, em 1921. Ia para ilustrar um livro com arquitetura barroca, do qual Ricardo Severo encarregar-se-ia do texto.

Ao voltar de suas viagens, Wash Rodrigues sempre expunha grande número de obras. Assim, em 1925 havia 183 trabalhos executados em vários pontos do Brasil. Eram aquarelas e desenhos. Embrenhava-se por lugares antes nunca visitados por outros artistas: cenas de Barbacena, Caeté, Campanha, Catas Altas, Congonhas do Campo, além das já conhecidas Diamantina, Iguape, Itanhaém, Juquiã, Mariana, Ouro Preto, S. João Del Rei, S. João do Morro Grande, Santa Bárbara, Santa Luzia e Tiradentes.

Mostrava também estudos para papel de parede, plantas de Igrejas antigas, casas urbanas, estudos de espelhos,

fechaduras, puxadores, letras e ornatos de manuscritos. Tão apaixonado ficou com o que estava descobrindo, que começou a fazer palestras sobre arte colonial, querendo por estes meios, que outros se interessassem pelas maravilhas da arquitetura tradicional. Desenhou uma casa para o Sr. Manoel Dias da Silva e já era a quarta que projetava.

Houve na época uma espécie da polêmica nos jornais, na qual o Dr. Alexandre de Albuquerque afirmava que o colonial não se prestava para construções monumentais como a catedral, para o que serviria somente o gótico.⁸ José Mariano rebateu a estas teorias publicando, durante três dias seguidos, textos ilustrados por desenhos de J. W. Rodrigues de casas e construções coloniais.

Em 1927, para a Ilustração Brasileira, fez desenhos a bico de pena, cujo tema era o beneficiamento do café. Aparecem o pilão manual, o pilão hidráulico com roda d'água e o carretão.⁹ Fará também desenhos de mobiliários para a associação Comercial de S. Paulo, usando sempre motivos coloniais, talhados em jacarandá com os espaldares em couro decorado em ouro e vermelho, também com motivos antigos.

Homem polivalente, Wash Rodrigues foi um dos primeiros artistas a se dedicar à pintura sobre azulejos. A primeira obra foi o obelisco da ladeira da Memória, antigo Pi-

8. O Estado de S. Paulo, 16.4.1926

9. set. 1927, nº 85

ques. Em 1922 fez uma série de 4 monumentos para a antiga estrada do Caminho do Mar, a única que ligava Santos a São Paulo. Na casa da Maioridade traçou figuras e costumes de São Paulo Imperial. Eram painéis tanto internos como externos, o mesmo tendo feito para o Rancho de Paranapiacaba da mesma estrada. Na Baixada do Cubatão fez o cruzeiro quinhentista. Em 1929 fez um painel para a Santa Casa de Misericórdia de Santos: A Bênção dos Barcos, também reproduzida pela Ilustração Brasileira.¹⁰ Em 1934 ainda fez um tríptico, lembrando o quarto centenário de nascimento do Pe. Anchieta.

Pesquisador, para a revista DPHAN escreveu sobre "Móveis antigos de Minas Gerais", e "A Casa de Moradia no Brasil Antigo". Publicou também documentários sobre a antiga construção civil, fardas do Reino Unido e do Império, trajes civis e militares em Pernambuco durante o domínio holandês, tropas paulistas de outrora; desenhou e aquarelou os uniformes do exército brasileiro para o livro de Gustavo Barroso, e também ilustrou o livro Brazões e Bandeiras do Brasil, de Clovis Ribeiro. Deixou centenas de brazões e ex-libris. Conhecia profundamente os estilos D. João V, D. José e D. Maria, entalhados tanto no Brasil como em Portugal. Dedicou-se também a ilustrar revistas e a iluminuras. Junto com Guilherme de Almeida, fez o brasão da Cidade de São Paulo.

Mesmo pintor, J. W. Rodrigues nunca deixou de ser um historiador, o que influenciou enormemente sua obra. Inú-
10. n° 109, set. 1929

meros são os trabalhos que deixou a lápis, bico de pena, aquarela e óleo sobre o Brasil Colonial.

Considerado especializado em interpretar ambientes coloniais, fez paisagens de S. Paulo, segundo velhas estampas espanholas e uma dezena de ruas do sec. XIX. Pintou damas paulistas de 1808 a partir de estampas de John Mawe e Rugendas, soldados da legião Paulista na Cisplatina e um gaúcho, casas coloniais de Santos, segundo desenhos de Florença. Todos estes quadros se encontram hoje no Museu Paulista. (Foto 1). Há ainda uma Várzea do Carmo e Rio Tamanduateí também no Museu Paulista (100,5 x 73 cm), quadro panorâmico, vemos nele, no primeiro plano, a várzea e, ao fundo, o Convento de S. Bento com outras construções. Este último foi o único que pintou para o Museu Paulista, saído do natural; por isto, tem grande beleza e espontaneidade, o que não podemos dizer dos outros, pois como foram todos inspirados em desenhos de outros tem certa dureza o que faz com que tenham muita importância iconográfica e muito pouco artística. (Foto 2). Como já vimos, pecam pelo mesmo defeito os quadros que também outros pintores fizeram baseados em desenhos, entre eles os de B. Calixto, todos com excesso de detalhes. Wasth Rodrigues exagerou nestes quadros, no colorido, especialmente quando pintava as paredes azuis e rosa dos caseiros. Os céus são sempre de um azul intenso, mesmo quando nublado. Só para citar alguns, fez o Paço Municipal, a R. do Rosário, a Igreja da Misericórdia, o largo do Rosário, o Pátio da Sé (Foto 1 e 2). A crítica procede para os quadros a

óleo mas, quando se trata de desenhos ou aquarelas, a obra é mais agradável e o traço mais livre, como nos quadros Largo e Rua do Tesouro.

Quando esteve pela primeira vez na França, sentiu ainda os ecos da escola de Barbizon e de seus famosos bosques. Deixou documentado este interesse com algumas aquarelas, desenhos a óleos do local. Em um bico de pena (Col. Armando Arruda Camargo de 1914, 26,5x42 cm) captou um passeio de uma família de cidadãos fazendo um piquenique entre os altos pinheiros, conseguindo dar o clima da paisagem. O trabalho é rico de zonas claras e outras iluminadas. Em outra aquarela pintada em seda, em 1910, (Col. Dr. Armando Arruda Camargo, 21x13 cm) temos uma paisagem com árvores baixas e arbustos avermelhados; à frente deles um pintor, que pode ser ele mesmo; de capa e chapéu e tela colocada no cavalete de campo, vemos que o artista está pintando. É um trabalho livre, parecendo mesmo que o pintor estava brincando, tão feliz é o resultado. (Foto 3)

Desta fase européia há ainda um óleo pequeno, onde no primeiro plano, um campo escuro, de tinta quase chapada, deixa ver, ao fundo, numa linha estreita, o casario do vilarejo de Barbizon. As casas recebem uma luz que bate nas paredes e telhados. As cores fortes dos telhados vermelhos contrastam com as paredes e o céu, cinzas. (Col. Ariovaldo Vianna, 27x35 cm).

Quando o artista estava livre para pintar o que lhe agradava, executava obras muito interessantes, como uma

paisagem de Minas, hoje Col. Pinacoteca do Estado (44x59 cm). O casario com telhados largos tem uma cor forte de terra de siena. A ponte que fica à esquerda e as construções no fundo têm um colorido mais atenuado. Só no primeiro plano, onde há mato, os verdes são carregados. O corte do quadro é interessante, a composição cuidadosa.

Neste quadro vemos uma característica do pintor: o uso de cores intensas que podem chocar no primeiro instante mas que, à medida que olhamos vai agradando. (Foto 4)

Podemos confirmar este gosto pelas cores fortes em outro quadro da Col. Paulo A. Siqueira (41,5 x 32,5 cm) no qual, em um canto, estão casebres de pau a pique deixando a parecer colinas ao fundo. A paisagem tem um tratamento livre, pincelada de massa pastosa grossa, os verdes crus fortes na mesma tonalidade das árvores, colinas e grama; não se preocupou em mudar a cor à medida que ele se afastava. Mesmo nas casas a cor ocre é mais acentuada do que no natural, porém o conjunto é agradável, bem construído, com profundidade. (Foto 5)

Como muitos colegas, deixou-se seduzir pelo Rochedo de Fernando de Noronha (que retirou a partir de um cartão postal da época) onde deixou as pedras, à esquerda, escuras e detalhadas; já o rochedo no fundo, com sua forma estranha, recebe uma luz, apesar do céu nublado. A espuma das ondas que vêm bater nos pedregulhos é bem resolvida, o que não se pode dizer das próprias pedras. Prova mais uma vez que quando o pintor não está diante da natureza, a obra se ressentente.

Em 1928 viajou de novo para a Europa, tendo visitado a Alemanha, Áustria, França e Portugal. Voltou depois de seis meses e logo expôs paisagens e marinhas que agradaram muito.

J. Wasth Rodrigues, um homem culto, estudioso, apaixonou-se pelos velhos casarões e costumes antigos. Dedicou toda sua carreira a esta temática, que executava com facilidade, tanto a lápis como a bico de pena, com traços leves e, ao mesmo tempo, seguros.

Quanto ao óleo e guache, nestas mesmas paisagens usou cores fortes que logo o identificam. Quando não via necessidade de documentar e queria transmitir somente o tom local, conseguia obras fortes e agradáveis.

OSÉ WASTH RODRIGUES

1891 - Mar., 19 - nasce em S.Paulo.

1908 - Aluno de Oscar Pereira da Silva.

1910 - Primeira individual em S.Paulo - recebe Prêmio Via
gem à Europa.

Em Paris frequenta a Academia Julian, estuda com
Jean Paul Laurens; na Escola de Artes de Paris estu
da com Lucien Simon e Nandi.

1914 - Viaja para Userche, província de Corrêge.

Entra no Salon de Paris com Interior de Velha Abadia.

Set. - volta ao Brasil.

No S N B A recebe Menção Honrosa 1º Grau.

1915 - Expõe na R.Líbero Badaró.

1916 - No S N B.A recebe Medalha de Bronze.

Expõe no Palacete Prates, R. Líbero Badaró: Autore-
trato, paisagens de Pirapora, Vitoruna e Tietê.

Funda o curso de pintura junto com J.F.Elpons e Will
iam Zadig.

1917 - Expõe no S N B A.

Executa o Brazão da Cidade de São Paulo em conjunto
com Guilherme de Almeida.

1918 - Desenha para o livro Urupês de Monteiro Lobato: ca-
pa e desenhos.

1922 - Executa o painel em azulejos do Obelisco da Memória

na Ladeira da Memória, os painéis do Rancho de Parapiacaba e os da Casa da Maioridade, mais o Cruzeiro Quinhentista da Serra do Mar.

Faz parte do Conselho Técnico Consultivo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publica o livro Uniformes do Exército Brasileiro, com seus desenhos e texto de Gustavo Barroso.

Na Primeira exposição Geral de Belas Artes, Palácio das Indústrias, expõe: marinhas, 3 paisagens de Minas, 2 arredores de S. Paulo e Retrato do Dr. Julio Mesquita Filho.

1925 - Exposição Individual.

1926 - Publica em "O Estado de São Paulo" artigos sobre "arte colonial".

1927 - Set. - publica na Ilustração Brasileira nº 85: desenhos do beneficiamento do café.

1928 - Mar. - publica na Ilustração Brasileira, nº 91, desenho de mobiliário.

Viaja para a Europa e visita Alemanha e França.

1929 - Set. - publica na Ilustração Brasileira, nº 109, reprodução do painel de azulejos A Bênção dos Barcos. Expõe em Rosário, Argentina.

1933 - Publica Brazão e Bandeiras do Brasil, texto de Clóvis Ribeiro, desenhos J.W. Rodrigues.

1934 - Pequena Medalha de Ouro com Cristo Morto no 1º S.P.B.A. Foi membro da Comissão Organizadora do Salão e Membro do Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo.

- 1939 - Nov. - "Ilustração Brasileira" publica desenhos de monjolo e carretão.
- 1940 - Expõe no VII S P B A Vieille Cour e Interior de Cozinha.
- 1953 - Expõe aquarelas e desenhos na Galeria de Arte de Barros, O Mulato.
- 1957 - Abr., 26 - morre no Rio de Janeiro.

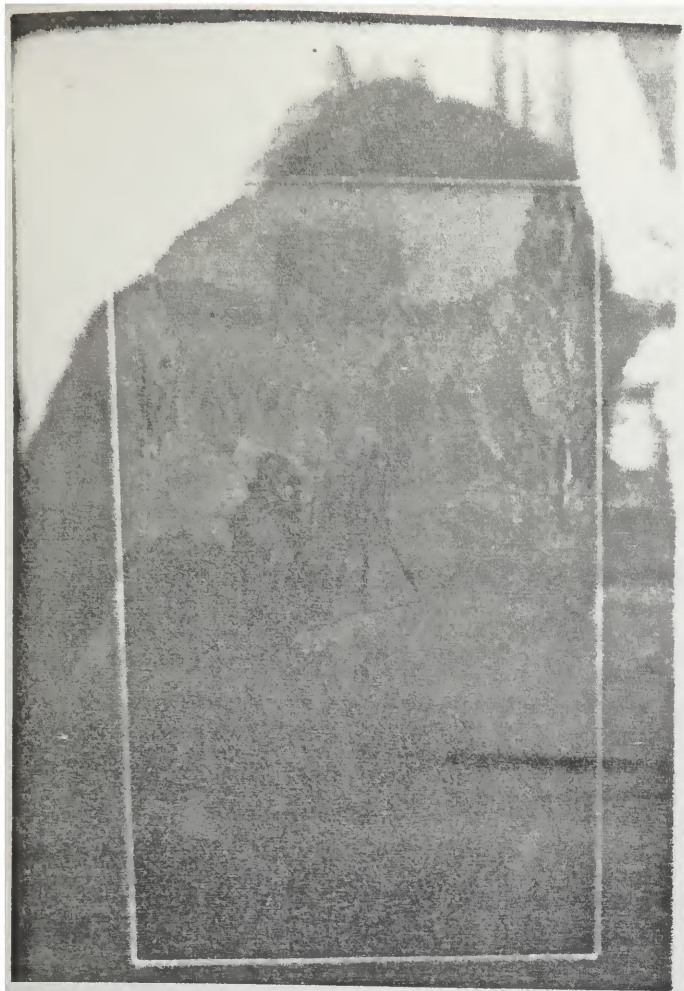
J. WASTH RODRIGUES



1. Rua do Rosário
Col. Museu Paulista



2. Várzea do Carmo e Rio Tamanduateí
Museu Paulista



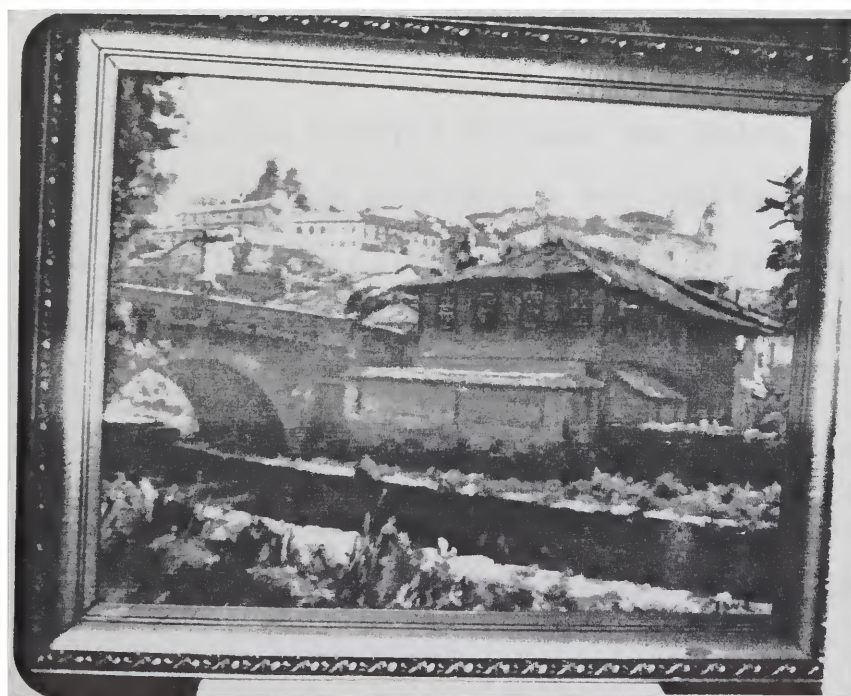
3. Barbizon

Col. Armando de Arruda
Camargo



5. Casebres

Col. Paulo A. Siqueira



4. Paisagem de Minas

Col. Pinacoteca do Estado

AUGUSTO ESTEVES

Augusto Esteves nasceu a 16 de outubro de 1891, em São José da Boa Vista, Paraná, filho de Domingos José Esteves, português e de D. Geraldina Gomes de Oliveira Esteves. A família depois se mudou para Avaré e, quando o menino tinha 13 anos, em 1904, veio para São Paulo. Neste ano Augusto, ao ver uma exposição de Ferrigno, (provavelmente aquela em que o pintor mostrou as várias fases do beneficiamento do café), ficou entusiasmado, nunca mais a esquecendo. Começou trabalhando no comércio, mas pintava aos domingos. O presidente do Estado, que viu seus trabalhos, comprou-lhe um retrato a crayon. Em 1908 participou da Exposição Comemorativa da Abertura dos Portos no Rio de Janeiro, tendo recebido a Medalha de Ouro. Tinha participado também da Exposição Preparatória em São Paulo, antes que os quadros fossem enviados para o Rio.

Augusto Esteves estudou com Pedro Strina no seu ateliê, na rua 15 de Novembro. Foi contemporâneo de Cimbelino de Freitas, Herculano da Rocha e Bressane. Frequentou também, por um certo tempo, o ateliê do escultor Lourenço Petrucci.

Em 1909, os alunos de Strina expuseram na casa Garraux e Augusto mostrou uns desenhos. Participou das duas Exposições Brasileiras de Belas Artes, tendo colocado, em 1911,

A Igreja da Sé e, em 1912, Porteira de Estrada (Avaré). Em 1912 foi convidado por Vital Brasil para trabalhar no Instituto Butantã a fazer desenhos das variedades de cobras.

Por longo tempo continuou desenhando, mas dedicava-se mais para ilustrações de livros médicos.

Em 1944, em uma individual, expôs na Livraria Brasileira desenhos a pena de São Paulo Antigo. Em 1944 e 1945 participou da Exposição da Associação Paulista de Belas Artes. Em 1949 teve outra individual com aquarelas, sempre paisagens. Participou do S P B A até o ano de 1956 e em 1952 recebeu uma medalha de Bronze no I Salão Municipal de Santos. Encontramos muitos trabalhos seus, especialmente na Santa Casa de Misericórdia, onde estão 17 retratos de professores na Universidade de São Paulo. Ilustrou muitos livros a pena como La Defense contre l'ophidisme do Dr. Vital Brasil. Para o Museu da Universidade desenhou úlceras nas várias fases de cicatrização.

Augusto Esteves fez a máscara mortuária de Pedro Alexandrino e muitos trabalhos em cera para várias faculdades do Brasil. Desenhou distintivos e medalhas para a Escola Paulista de Medicina. Ilustrou livros como: A Fada Brasil, de Maria do Carmo Ulhoa Vieira, O Rei Oscar e o Pernilongo, de Mary Buarque, além de uma história de Avaré e desenhos para a revista Paulistânia.

Augusto Esteves, foi pintor e desenhista, mas preferia o bico de pena. Pintou muito no começo de sua vida, depois somente nos fins de semana. Preferia como temática

casários de São Paulo antigo. Seu desenho tem um traço firme, limpo, sem excesso de detalhes. Morreu em São Paulo, em 3.2.1966.

PRIMITIVOS

JOAQUIM MIGUEL DUTRA

Joaquim Miguel Dutra foi uma figura popularíssima em Piracicaba e nas cidades vizinhas, desde a virada do século até sua morte, em 1930. Era chamado de o último dos artistas sonhadores, dispersivos. Inúmeras são as lendas que correm a seu respeito, não somente em relação às suas qualidades de pintor e músico, como pela sua boemia. Era conhecido pelos quadros do Salto de Piracicaba, e da Rua do Porto, que podemos encontrar em muitas casas do interior do estado. A família confirma a lenda de que começava dez quadros de uma vez e que fazia quase todos iguais. E os tão famosos, em que focaliza o porto, são fruto de uma composição inventada por ele, pois não existe na cidade um lugar de onde se poderia ter aquela vista, que mais parece ter sido tirada do alto e do meio do rio, já que não há nenhuma ponte. Construía ele mesmo suas telas e para chassi usava qualquer madeirinha que encontrasse. Como era extremamente pobre, fabricava também a tinta. Mais tarde, com os filhos pintando, sempre pedia a eles que lhe fornecessem um pouco da deles.

Teve 24 filhos, dos quais pouco se ocupou, deixando o encargo para a esposa, D. Malvina. Ela, para conseguir comida para os filhos, dos quais sobraram só 6, socava o café que dava no quintal e depois trocava por comida. Quando

o filho João começou a lecionar, ajudou a sustentar a família. Joaquim viajava muito, sempre trocando quadros por comida e bebida.¹

Foi também músico, compositor, tocava um difícil instrumento, o ophicleide. Era amigo de Almeida Jr., que apreciava sua pintura. Quando o pintor ituano foi morto, Joaquim compôs para ele uma marcha fúnebre, "Saudades de Almeida Jr.", para ser tocada por ocasião das homenagens prestadas no 30º dia após sua morte. Fez outra música dedicada à cerveja "guanchima" ou "não fará mal".

Além de pintor e músico, foi decorador, tendo executado trabalhos de afresco em igrejas, casas e hotéis. Decorou as Igrejas de Limeira, Caconde, São Carlos, Capivari. Em São Carlos decorou também a residência do Conde do Pinhal, e fez o pano de boca do Teatro S. Estevam. Certa vez quando as necessidades aumentaram, publicou um anúncio, em 1899, na Gazeta de Piracicaba, no qual oferecia seus serviços de pintura a óleo, cal, aquarela, para decorações simples ou luxuosas, forração a papel, assentamentos de vidros ou caixilhos e tudo por um preço módico.

1. Faz parte do anedotário da família que na volta de uma destas longas saídas, na qual se demorou um ano e meio, viu um menino engatinhando; era o pequeno Arquimedes, futuro pintor, e perguntou de quem se tratava. Gostava de jogar no bicho e sempre o fazia de manhã, saindo depois para pintar à beira do rio, aproveitando ao mesmo tempo para pescar. Era costume na cidade, quando saía o resultado do jogo, que os sinos da igreja comesçassem a tocar. O pintor largava tela e pincéis e corria para ver se tinha ganhado. Quando a sorte o bafejava, voltava para soltar os peixes que tinha pegado, pois não precisaria mais deles para o jantar e queria que eles também se alegrassem, como ele dizia.

Joaquim Dutra preferia pintar paisagem, mas deixou muitas naturezas mortas, alguns quadros com animais e poucos com figuras. Nunca aprendeu pintura, apesar de ter sido neto de Miguelzinho Dutra. É ele um dos poucos primitivos daquele tempo, como o foi anteriormente o avô e o Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Foi pouco conhecido na cidade de São Paulo; tem-se notícia somente de uma exposição que fez na Casa Rosenheim, na R. São Bento, em 1911. Mostrou uns frades saboreando um prato de comida e outro com pintinhos.

Hoje muitos colecionadores estão à caça de seus quadros, quase todos em cidades do interior, ou em fazendas.

Os quadros do Rio Piracicaba mostram à esquerda as construções da "sucrerie", a fábrica de açúcar com suas duas torres fumegando e, à direita, a Rua do Porto, com seu casario. No meio do quadro, ao fundo está o salto com a água espumando; na frente, o rio já corre calmamente. Poucos são os reflexos na água, onde se espelham somente os arbustos das beiradas. O céu é sempre povoado de nuvens, mas sua cor não influi na iluminação. Há uma preocupação com as cores locais, porém o tratamento é alisado. É a obra de quem não aprendeu a pintar, mas gosta do que faz, mesmo que repita o mesmo tema muitas vezes, produzindo, assim, telas agradáveis. Apesar de algumas falhas que possamos achar, elas transmitem uma calma que faz com que desejássemos estar no local que vemos. Muitos colecionadores possuem esta mesma temática, mas ela não chega a cansar, pelo contrário, tornou-se a marca registrada do artista. (Ex. Col. Dr. Duílio

Crispin Farina 37x57 cm datado 1916, ou Col. Simão Mendel Guss 28x49 cm de 1927 (Foto 1) ou ainda Col. Ismar Ramos, 27x41,5 cm de 1919).

Outra vista que repetiu muitas vezes foi uma curva do rio Piracicaba com casario no primeiro plano entremeado com árvores e as casas que vão acompanhando a beira do rio até desaparecerem ao longe. Ao fundo, colinas baixas plantadas, sempre pouco céu. As casas receberam um tratamento minucioso, alisado e um colorido agradável, o conjunto todo, como o tema anterior, transmite paz. (Ex. Col. José Galvão Filho 21,2x41,5 cm (Foto 2) e Col. Joaquim da Cruz Vicente de Azevedo 34x60 cm.)

Pintou ainda o salto com a água caindo, espumando, não tendo sido muito feliz em conseguir este efeito. Num canto aparece o Mirante, ponto turístico da cidade. (Ex. Col. José Galvão Filho 22,5x40 cm datado de 1923 (Foto 3)

Muitos são os quadros com águas calmas com árvores nas beiradas, casinhas de barro ao fundo e um pescador. (Ex. Col. Augusto Carlos Velloso, 34x58 cm de 1917) (Foto 4)

Na representação da figura é que se percebe sua falta de estudo, tanto na anatomia, como na transmissão do movimento e no tamanho em relação aos outros elementos do quadro. Poucas vezes suas telas sofrem a influência da luz, mas há uma obra de 1918 em que pintou um caminho à beira do rio com lavadeiras ocupadas com a limpeza da roupa. Tudo está na penumbra que as árvores copadas fazem e, estranhamente, através de galhos ralos passam alguns raios que ilumi-

nam a estrada com breves faixas de luz. O interessante é que a água, as árvores e as lavadeiras são tratadas com a mesma técnica alisada; só o caminho recebe uma pincelada gorda de muita massa e bem mais livre. Como na época do quadro o filho Alípio se encontrava no Brasil, vem-nos a suspeita de que ele teria retocado o quadro do pai, coisa nada impossível, como confirma o neto Gilberto Dutra.² (Col. José Galvão Filho 24,3x34 cm datado de 1918).

Temos a mesma dúvida quanto a um pequeno quadro (Col. Terezinha Pinotti de 1924 22,5x29,5cm) em que vemos um grupo de casas refletindo-se na água. Pelo tratamento, composição e cor lembra mais uma obra do filho João. E mais uma vez Gilberto Dutra lembra que o velho pintor, quando aparecia rasgado e faminto recebia do filho João tintas, algum dinheiro e quadros seus para ele vender. Para o boêmio não seria desonestidade nenhuma colocar seu nome na obra do filho.

Às vezes aparecem uns quadros de temáticas estranhas, como uns gatinhos, de uma ingenuidade comovente, pássaros aos quais falta estudo anatômico e naturezas mortas com frutas que não existem no Brasil. Estes são em geral cópias de cartões postais da época, apenas decorativos, mas que agradavam aos seus simples compradores interioranos.

A obra de Joaquim Dutra mereceria um estudo mais apurado, pois sua ingenuidade cheia de sinceridade fez com

2. Entrevista com a Autora 21.3.1986)

que produzisse obras com um sabor caipira de real valor.

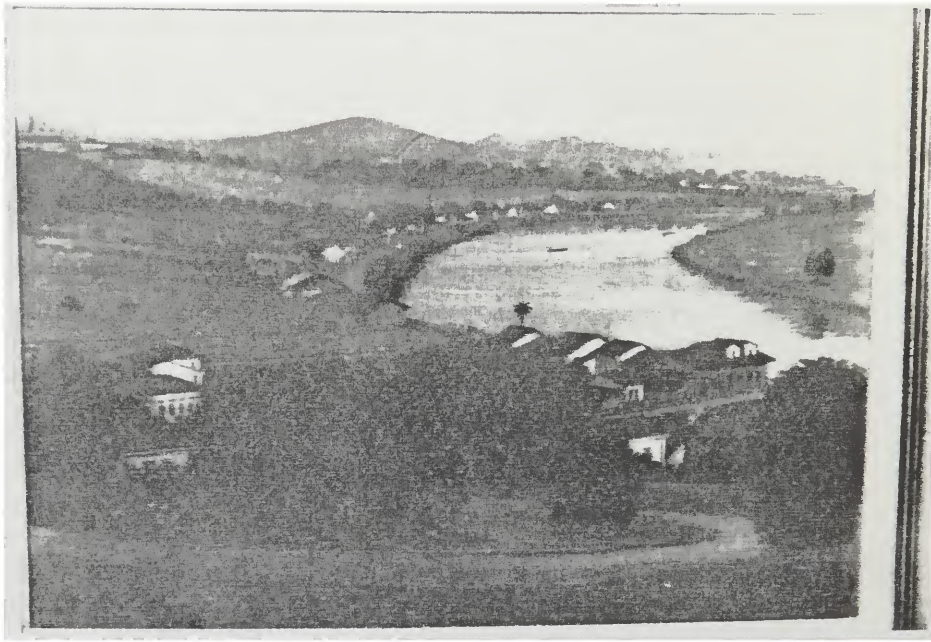
Joaquim Dutra assinava seus quadros J.Dutra.

Como vimos, pertence a uma família de artistas. A família iniciou com Thomás da Silva Dutra, ou Tomás Ourives, como era mais conhecido por causa da sua profissão. Veio ele de Ouro Preto e fixou-se em Itu, onde nasceu seu filho Miguel Archanjo Benício de Assunção Dutra que tinha o apelido de Miguelzinho. Este, figura interessantíssima, foi pintor, músico, arquiteto decorador, escultor, historiador e fundador de um museu de objetos populares. Como viajava pelo interior, documentou à aquarela e a lápis cenas paulistas do século XIX, enfocando costumes populares, igrejas e tipos com uma arte espontânea e sincera. Teve ele um filho a quem deu o nome de Miguel Angelo Buonarotti Dutra, que foi bom decorador e músico, mas dedicou-se pouco à pintura. O filho Joaquim herdou o talento do avô Miguelzinho, que depois transmitiu a quatro filhos: João, pintor e professor de desenho, Alípio, que viveu muitos anos no exterior, tendo estudado pintura na Bélgica e em Paris, Antônio Pádua Dutra, grande talento que faleceu jovem na Itália e, finalmente, o mais jovem de todos, Arquimedes paisagista como os anteriores, que tinha um colorido forte, usando a espátula em suas telas de tinta gorda e de muita liberdade. Hoje, já na quinta geração, temos o filho de João, Gilberto Dutra, que também está seguindo a tradição da família na pintura da paisagem.

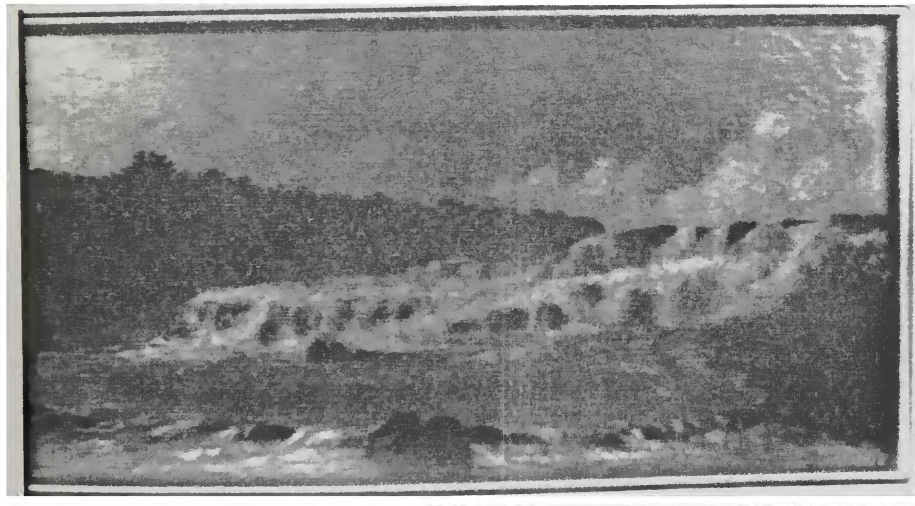


1. Rio Piracicaba
Col. Simão Mendel Guss

2. Curva do Rio
Col. José Galvão Filho



3. Salto de Piracicaba
Col. José Galvão Filho



4. Curva do Rio com Pescador
Col. Augusto Carlos Velloso



MAIS ITALIANOS VEM A SÃO PAULO

GIUSEPPE AMISANI

Paisagista e retratista, nasceu em Mede Lomelli na, 1881, e faleceu em Portofino, 1941.

Expôs várias vezes no Brasil, tendo sido muito apreciado seu modo de pintar, que tinha grande influência da Escola Italiana de Paisagem. Um crítico de "O Estado de São Paulo"¹, ao visitar sua exposição em 1913, achou-o "original e vigoroso". Havia na mostra vários retratos e paisagens que pareciam aquarelas, de tão espontâneas e frescas.

Tinha esposto na Itália um retrato, em 1912, com o qual conseguiu o prêmio Fumagalli. Em Alexandria decorou o palácio real e em 1922 participou da Exposição Primavera de Firenze.

Nas coleções paulistas é fácil encontrar paisagens e retratos de sua autoria, e na Pinacoteca do Estado há uma grande tela simbolista: La Culla Trágica.

1. O Estado de São Paulo, 15.nov.1913

CESAR COLASUONNO

Nasceu em Ercira em 13.fev.1887, e morreu em Nápoles em 22.jul.1963.

Estudou em Nápoles e expôs várias vezes na Itália. Enquanto morou entre nós dedicou-se à pintura de retratos e paisagens, além de algumas naturezas mortas. Chegou ao Brasil em 1911 e em 1912 abriu um curso de desenho em São Paulo. Foi o fundador do Empório Artístico Michelangelo, que deixou para a família ao voltar para a Itália.

Sua pintura tem elementos da Escola Italiana de Paisagem.

NICOLA DE CORSI

Nicola de Corsi nasceu em Odessa (Rússia), em 5.8.1882; filho de italianos, estudou em Nápoles com Giacinto Gigante. Em 1910 expôs na Biennale de Veneza e em 1912, já em São Paulo, expôs na Rua São Bento, junto com Nicola Fabbricatore. Também juntos expuseram, no ano seguinte no Salão Mascarini, participando de um sorteio de quadros acompanhados ainda por Cascella. Em 1922, já de volta na Itália, participou da Exposição Primaveraile Fiorentina. A última notícia que temos do artista é de sua participação no Salon de Paris, em 1928, tendo morrido na Itália em 1956.

Nicola de Corsi tem uma bela paleta; quando chegou a São Paulo trouxe telas de todos os gêneros, mas sua especialidade era pintar multidões. Não se interessou pela figura humana em si, mas apanhava aglomerações em praças públicas, mercados, aos quais dava grande movimento em rápidas e vigorosas pinceladas. Em suas marinhas revelou as mesmas qualidades. Pintou tanto a óleo como a pastel.

De São Paulo também deixou alguns registros, como um rapidíssimo esboço do Viaduto do Chá à Noite (Col. Augusto Carlos Velloso 16x19 cm) (Foto 1), em que prevalecem tons roxos. Da Itália trouxe uma paisagem de cores vivas em que um caminho serpenteante e barrento tem ao lado árvores frutíferas. Algumas figuras pequenas e esparsas povoam

o quadro. Nesta obra percebemos a segurança do "métier", o que lhe permite grande liberdade. (Col. Sigrid Kirschstein óleo s/cartão 40x45 cm). O mesmo colecionador possui uma marinha com barcos a vela refletindo-se na água e deixando perceber, num fundo com neblina, prédios ao longe (38x50 cm). Paisagens com esta temática estavam muito em voga na época e agradavam a todos por serem muito decorativas. Em Vista de Nápoles (Pinacoteca do Estado) se vê uma ruela, casas ao fundo e à frente, pessoas atarefadas, outras andando e um grupo de mulheres conversando (Foto 2). De Corsi aproveitou-se do chão molhado pela chuva para refletir as figuras no brilho da água, além de captar com fidelidade o local e dar tratamento de total liberdade à tela. Percebemos que o trabalho foi executado por um artesão de mão segura, paleta certa, e que ainda mantém certo realismo como influência recebida de sua Escola (desde que não se trate de marinhas).



1. Velho Viaduto de Chá
Col. Augusto Carlos Velloso



2. Sto. Elipio
Col. Pinacoteca do Estado

NICOLA FABBRICATORE

Nasceu em Nápoles, em 1.4.1889. Estudou na Escola de Belas Artes em Nápoles. Em 1911, recentemente chegado da Europa, expõe em São Paulo, na Rua Direita 41-A, na Casa Castro, paisagens e marinhas. Executa desenho para o reclame do Cigarette Deliciosa. Vai à Itália no mesmo ano, voltando em maio do ano seguinte, quando expõe com Nicola de Corsi, na Rua S. Bento.

Outra vez viaja para a terra natal, e volta em 1913, expondo no Salão Mascarini, de novo com Nicola de Corsi. Em junho, oferece, junto com De Corsi e Cascella, trabalho para sorteio.

Nicola Fabbricatore estudou na Itália; e todas as vezes que aqui aportou trouxe quadros com vistas de Capri, rochedos de Nápoles, e barcos com velas. Durante sua estada no Brasil costumava fixar aspectos de São Paulo e Santos, preocupando-se com a luz e tentando, até, fixar a hora em que pintava. Deixou registros do Jardim da Luz, Campos Elíseos, Palacete Chaves, de olarias e do rio Tietê.

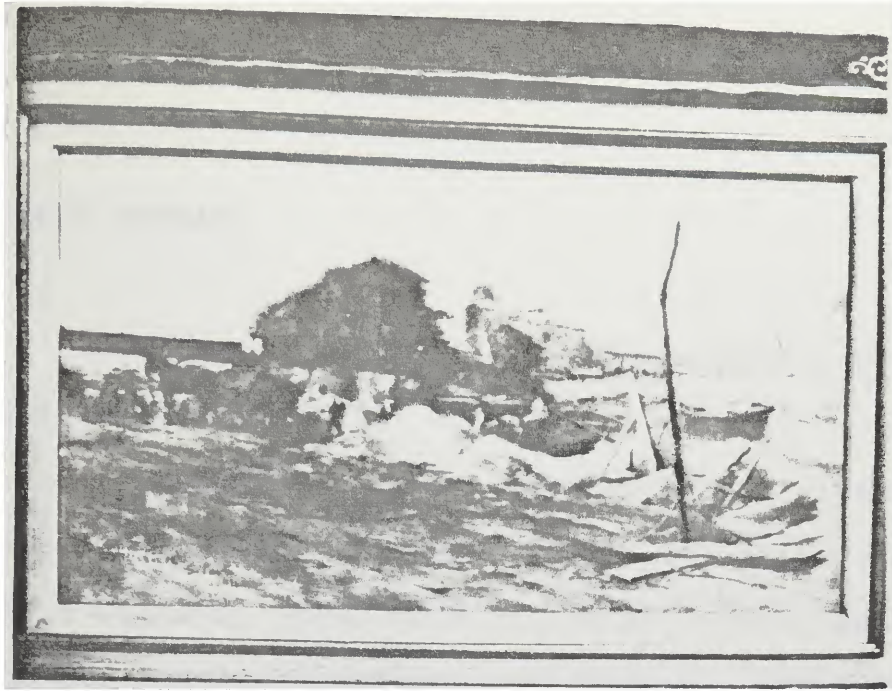
Tornou-se amigo de Freitas Valle e, como muitos artistas que frequentaram a Vila Kyrial, pintou trechos de seu bem tratado jardim. O quadro Rio Tietê, um pastel (col. José Roberto Freitas Azevedo 30x44 cm.) (Foto 1), focaliza uma curva do rio em cujas margens uma casa de madeira se

reflete na água. As árvores da beirada têm um tratamento rápido e seguro enquanto a água calma tem regiões de tonalidade clara. Em outro pastel, Velha Ponte Grande (col. Augusto Carlos Velloso 26x46 cm), aparece, depois de uma ponte, um casario com carroças, cavalos, barcos e homens trabalhando; estes elementos, todos, numa desordem aparente, à qual o artista deu unidade pela cor.

A Pinacoteca do Estado tem um quadro intitulado Últimas Compras executado na Itália. Nele se vê um trecho de ponte no primeiro plano com um grupo de pessoas esboçado, à direita. Mais à frente, uma mulher sentada, uma criança no colo e outra no pé vende frutas numa barraquinha. Nesta obra (Col. Pinacoteca do Estado 40x52 cm) (Foto 2), captou o tom local e o ambiente com muita felicidade, sem se preocupar com detalhes, qualidade esta da maioria dos pintores da Escola Napolitana, à qual ele pertencia.

Ao voltar para a Itália, o artista foi muito ativo tendo exposto nas quadrienais de Roma em 1931, 1935, 1939, 1943, em Florença em 1922 na Exposição Internacional de Veneza em 1922, 1924, 1926, 1928, 1930 e 1932.

Era conhecido como pintor de figura, retrato, natureza morta e paisagem. Sua pintura tinha elementos impressionistas que lembram as obras de Casciari e Sarolli.



1. Velha Ponte Grande
Col. Augusto Carlos Velloso



2. Últimas Compras
Col. Pinacoteca do Estado

ADOLFO FONZARI

Nasceu em Gorizia, em 7.abr.1880 e morreu em São Paulo em 10.mar.1959.

Adolfo Fonzari chegou ao Brasil ainda menino, em 1890. Quando iniciou seus estudos foi para o Liceu de Artes e Ofícios, sendo aluno de Oscar Pereira da Silva. Adulto, foi pintor, decorador e cenógrafo. Começou a expôr em 1936, paisagens. Preocupado com o desenho, usou cores escuras e pincelada curta.

Participou da I Exposição Brasileira de Belas Artes em 1911, e da Exposição Geral de Belas Artes, em 1922, com natureza morta; em 1928, na Exposição de Belas Artes, Muse Italiche com paisagem e natureza morta.

ANGELO CANTU

Esteve no Brasil por duas vezes, em 1913-1914 e em 1921-1922. Em São Paulo foi principalmente retratista. Deixou, entre outros, os retratos do amigo Pedro Alexandrino e sua mulher D. Candinha. A nossa paisagem litorânea deve tê-lo encantado, pois não resistiu e deixou dela vários registros.

ENRICO VIO

Enrico Vio chegou ao Brasil em 1911, mas durante toda a vida não perdeu o sotaque italiano. Sempre que podia era com prazer que falava na língua materna. Era um homem de caráter franco e, conta Tulio Mugnaini não suportava os su postos talentos, o que muitas vezes chegou a lhe criar problemas. Certa vez ao lhe pedirem a opinião sobre determinado pintor respondeu: "Melhor que mude de profissão. Que experimente fazer chinelos".¹

Enrico Vio nasceu em Veneza em 1874. Formou-se no Reggio Instituto di Belle Arti em Veneza, e foi aluno de Ettore Tito e Guglielmo Ciardi. Participou de exposições em Milão, Turim e da Grande Exposição de Arte de Veneza em 1909. Foi um dos poucos artistas escolhidos, pois de 734 obras apresentadas somente 100 foram mostradas. Em 1910 expôs no Salon de Automne de Paris o quadro Velhice Tranquila, que depois trouxe para o Brasil. Chegando aqui com a família foi morar, de início, em Minas Gerais. Fixou depois residência em São Paulo e começou logo a lecionar desenho no colégio Dante Alighieri, onde ficou até 1936. Foi também professor no Liceu de Artes e Ofícios e, em 1914, a convite de Ramos de Azevedo começou a dar aulas também na Escola Poli-

1. Tulio Mugnaini, Resenha Artística, 1960.

técnica como professor de desenho no curso preliminar.

Teve a infelicidade de perder a esposa e foi obrigado a mandar os quatro filhos, três meninas e um menino para Veneza em casa de parentes. Como sustentava os filhos vivia frugalmente, economizando até na comida para poder enviar-lhes mais dinheiro. Quando estes cresceram ele acabou contraindo novas núpcias com Dora Panfido Vio.

Enrico Vio era homem alto, magro, de rosto comprido, olhar vivo, vasto bigode e cabeleira revolta.

Além do grande número de aulas que dava nas diversas escolas lecionava particularmente na residência de alunos. Mas artista como era nunca deixou de dedicar-se à pintura. A maior parte de sua produção artística foi de retratos, além de paisagens paulistanas e cenas de gênero. Excelente artista, foi muito apreciado pelos nossos colecionadores que encomendavam retratos, mas sempre com a recomendação de que fossem semelhantes ao modelo. Como o retrato a óleo era muito caro recebia muitos pedidos de retratos a carvão. Entre os inúmeros que fez está o do seu amigo e colega Pedro Alexandrino, um pastel hoje na Pinacoteca do Estado.

Vio participou das exposições coletivas mais importantes em São Paulo tendo exposto Velhice Tranquila em 1912 na segunda Exposição Brasileira de Belas-artes. O tema do quadro é uma velha senhora de touca sentada de perfil, tendo um serviço de chá sobre a mesa que está à sua frente. O quadro está na penumbra, vindo a luz da esquerda. O colorido é de tons castanhos e ocres, cores que empregou muitas

vezes em seus quadros e que lembram mestres antigos. A respeito da cor que ele usava, João Paulo, o crítico que comentou a exposição de 1912, considerou-a fraca. As tonalidades cinzas, a luz amarelenta que ilumina seus quadros em contrastes de cor sépia seriam devidas a sua timidez. Ela também faria com que Vio sempre escolhesse para assuntos retratos de velhos de rara delicadeza como a Popolana de Veneza além da Velhice Tranqüila, e nas paisagens inclusive velhas casas e ruas antigas que pintava em tons de azul pálido e com expressão de nostalgia.²

Bom desenhista, Vio conhecia bem a anatomia e a perspectiva. Quando alguém lhe pedia explicações pegava um toco de carvão e explicava concluindo: "A perspectiva não é outra coisa que a imagem verdadeira vista e desenhada através de um vidro transparente".³

Em 1916 o pintor enviou para o SNBA algumas paisagens e o retrato de um ancião, recebendo nesta ocasião a Medalha de Prata. Expunha eventualmente alguns retratos em vitrines de lojas e sua primeira individual foi no Palacete Conde Prates em 1918. Mostrou trabalhos a óleo, pastele e carvão com paisagens retratos e cenas de gênero, ao todo 159 quadros. A exposição foi visitada e comentada pela imprensa. Muitos foram os retratos de personalidades como de Dr. Ricardo Severo, do escultor F. Caldas, do Dr. A. Seabra, Car-

2. O Estado de S. Paulo 15.2.1913

3. Tulio Mugnâini, Resenha Artística, 1960

los Dias, Parreiras, Sparapani. Havia cenas de gênero como uma soberba figura de velha em recolhimento e estudos de criança, que Monteiro Lobato considerou de mestre, e um estudo de costureiras. Quanto às paisagens havia de Veneza, de São Paulo, com uma luz rosada ou então o estudo de um velho tronco de figueira. Para Monteiro Lobato, que viu a exposição, o pintor era um artista honesto como poucos, sabia desenhar, pintar e captar o caráter dos temas que investe. Os seus trabalhos são daqueles que não agradam à primeira vista, mas quanto mais se olha mais se gosta.⁴ Alguns anos mais tarde Monteiro Lobato o considera irregular, impetuoso com os "alti-baixos das naturezas fortes". Fixa com rapidez o tema como em Marulhar da Onda em que capta com felicidade rara o momento fugidio em que a onda se desfaz na praia. Outras vezes capta "o que de indefinível numa paisagem, uma morbidez momentanea da natura ou seu repouso da poesia."⁵

Sempre foi elogiada a sinceridade e honestidade do trabalho de Enrico Vio, a técnica vigorosa e comentado o fato de que não fazia o quadro pensando em expôr, mas pelo prazer que tinha em pintar. Como grande número de artistas estrangeiros radicados na cidade de São Paulo gostava de fixar nossos arrebaldes como Alto de Sant'Ana, Parque Paulista ou então casas de fazenda, casebres de taipa, praia de Pitangueiras ou ruas de São Paulo como Al. Jaú. Suas exposi

4. O Estado de S.Paulo, 9.4.1918

5. Monteiro Lobato, Revista do Brasil, 79.

ções eram muito visitadas pela sociedade e pelos artistas locais, sendo Pedro Alexandrino um dos mais assíduos. Muitos colegas acabavam adquirindo seus quadros dos quais admiravam a síntese.

Apesar da vida de economias, depois de 15 anos de permanência no Brasil, conseguiu visitar a pátria em 1924. Antes da viagem expôs 70 trabalhos no Consulado Italiano que foram de novo elogiados pela absoluta sinceridade e poder de síntese. Desta vez as paisagens são em maior número, trechos de São Paulo ou de cidades do interior em que focaliza a casa colonial, a praia de S. Sebastião, o amanhecer em Ubatuba, recantos de Minas Gerais e cenas de gênero.

Depois de matar a saudade dos filhos e da pátria, tendo ficado durante quase um ano, volta para São Paulo e à rotina das aulas. Em 1927 fará outra viagem para a Itália, demorando-se desta vez seis meses.

Em 1928 participou no Palácio das Indústrias, da exposição de Belas-artes Muse Italiche com os seguintes quadros: La Casa Nostra, Il pagliaio, Il ponte della Madonna (Veneza), Sulla Spiaggia, (Veneza), Beco de Mogi das Cruzes, Engenhoca abandonada, arredores de Mooca.

Vários foram os discípulos de Enrico Vio, entre eles estão: Ernani Dias e Arnaldo Ferrari.

Visitando hoje as coleções particulares não são muitos os quadros de Enrico Vio que podemos ver. Há muitos retratos e as paisagens em geral são de pequenas dimensões.

Notáveis sempre são a síntese tão comentada, a tinta empastada. Não encontramos mais o colorido cinza ocre dos primeiros trabalhos que executou no Brasil ou trouxe da Itália. Em geral coloca poucos elementos em seus quadros. Assim estuda o tronco de uma árvore em A Grande Árvore. (Leilão Renato Magalhães Gouveia, maio 1984, 45x30cm óleo s/ cartão) (Foto 1). Ao fundo do quadro pode-se ver um casario e na frente duas meninas aproveitam as saliências do tronco para brincar. Com poucas cores sóbrias resolve as dificuldades do tema. Podemos dizer o mesmo quando pinta outra árvore em primeiro plano e ao fundo aparecem campos, igrejas e o casario de um vilarejo. No horizonte o céu é rosado. A pincelada sempre rapidíssima, apesar da pasta de tinta muito grossa. Percebe-se que depois de ter encontrado a cor certa executou o quadro com grande rapidez. (Torre da Igreja, Col. Celso Figueiredo Filho, 17,1x25cm óleo s/papelão) (Foto 2).

Em outra tela em que o tema é o mar as montanhas verdes escuras estão no fundo. Apesar da pequena dimensão o quadro é de uma singeleza exemplar. (Col. Celso Figueiredo Filho, 15x22,5cm óleo s/papelão) (Foto 3).

A Pinacoteca do Estado tem uma pequena paisagem com um caminho, uma paineira e casario. A tinta sempre grossa e a espontaneidade além do colorido certo são as características mais importantes. (20x25cm óleo s/ cartão) (Foto 4).

E. Vio não foi um paisagista de tempo exclusivo, mas as que fez foram de uma simplicidade impressionantemente moderna, nunca se preocupando com os detalhes, procuran-

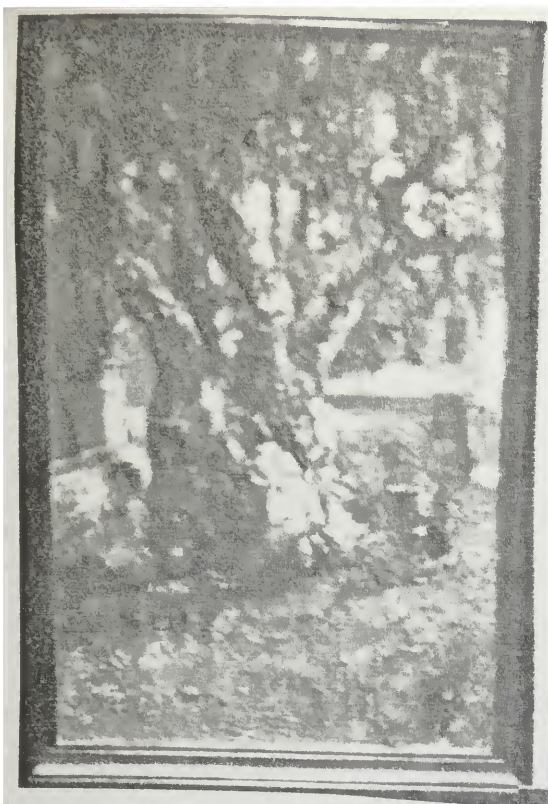
do captar o tom local e conseguindo transmitir a impressão e a emoção do que via.

ENRICO VIO

- 1874 - Nasce em Veneza, Itália.
- 1906 - Expõe em Milão.
- 1908 - Expõe em Turim.
- 1909 - Participa da Grande Mostra de Artes de Veneza.
Estudou no Reggio Instituto di Belle Arti; aluno de Ettore Tito e Guglielmo Ciardi.
- 1910 - Exposto Velhice Tranquila, no Salão Automne de Paris.
- 1911 - Vem para o Brasil: início em Minas Gerais e depois em São Paulo; leciona desenho no Colégio Dante Alighieri até 1936 e no Liceu de Artes e Ofícios.
- 1913 - Expõe na Segunda Exposição Brasileira de Belas Artes: Efeito da Neve, Popolani di Venezia, Meu Pae, No Jardim, Garoa, Casas Velhas. Adquirido Velhice Tranquila para a Pinacoteca do Estado.
- 1914 - Mar. - nomeado professor de desenho no curso preliminar da Politécnica.
Mai. - expõe 1 retrato no "O Estado de São Paulo".
- 1916 - Expõe no SNBA uma paisagem e um ancião: recebe Medalha de Prata.
- 1917 - Ago. - expõe vários retratos que fez para a Escola Politécnica.
- 1918 - Mar. - primeira individual: R. Líbero Badaró, 114. Paisagens, retratos e quadros de gênero: 159 trabalhos.

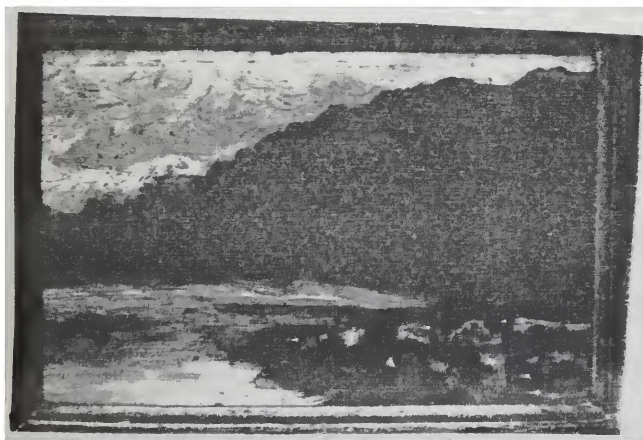
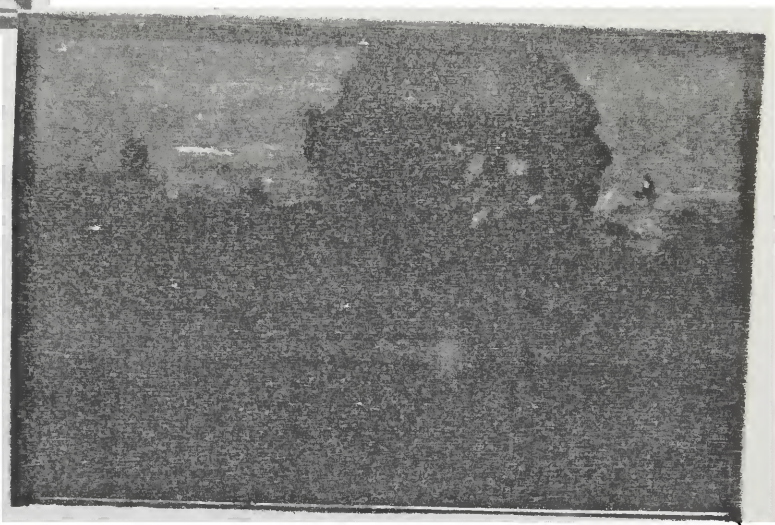
- 1921 - Ago. - expõe na Vitrine da Livraria Pasquin: paisagens (óleos) e cabeça de caboclo (sanguínea).
- 1922 - Ago. - exposição no Café Acadêmico, R. Direita. Grande número de quadros: paisagens, retratos, entre eles o de Tarsila do Amaral, Pedro Alexandrino, H.Mindlin, e retratos de crianças.
- 1924 - Jan. - parte para a Itália. Antes expõe no Consulado Italiano 70 telas.
- 1925 - Fev. - volta da Itália.
- 1927 - Jun. - vai para a Itália, por 6 meses.
- 1928 - Expõe no Palácio das Indústrias, na exposição Muse Italiche: La Casa Nostra, Il Pagliaio, Il ponte della Madonna, Sulla spiaggia, (Veneza) Beco em Mogi das Cruzes, Engenhoca Abandonada: Arredores de Mõoca.
- 1960 - Nov., 21 - morre em São Paulo, com 86 anos.

ENRICO VIO



1. A Grande Árvore
Col. Particular

2. Torre da Igreja
Col. Celso Figueiredo
Filho



3. Lagoa
Col. Celso Figueiredo Filho

4. Paisagem com árvore
Col. Pinacoteca do Estado



ANTONIO ROCCO

Em 1919, Antônio Rocco e sua mulher, Esther, foram convidados a passar uma temporada na fazenda Sta Ana, de Oscar Sousa Pinto e Irene Sousa Pinto, (que na época colaborava no Correio Paulistano) localizada no município de S. Carlos do Pinhal. O casal ficou hospedado seis meses e foi esta estada maravilhosa que fez com que este italiano, vindo de Amalfi, acostumado com o sol do Mediterrâneo, visse e sentisse nossa claridade, a vegetação espessa, as plantações, as casas de pau-a-pique, a vida de interior. Aprendeu a interpretar os diferentes verdes das grandes matas, a terra vermelha, em suma, a cor local. Trouxe para S. Paulo muitos quadros com aspectos pitorescos de fazenda, esboços do Rio Jacaré com suas cascatas de água espumante, matas que lhe cercam as bordas, com um fundo suave de colinas iluminadas pelo sol. Pintou também cenas com animais, vacas, touros, que expôs com muito sucesso. O quadro mais notável que pintou nesta ocasião foi Manhã no Mangueiro, depois adquirido pela Secretaria de Agricultura. Conseguiu captar o clima do ambiente com as mulheres conversando acoradas, uma posição típica de nossos caipiras, alguns vaqueiros estão ordenhando vacas, enquanto bezerros querem mamar; há crianças e jovens espalhados, no primeiro plano e uma cerca atrás. A composição é horizontal e predominam os tons ocres, casta-

nhos, terra de siena, rosas, alguns brancos e raros azuis, como na nesga do céu que ilumina suavemente com sua luz da manhã figuras e animais, deixando sombras de meio tom muito bem estudadas.

Antonio Rocco nasceu em 1880, em Amalfi, Sul da Itália. Atraído desde pequeno pela pintura, acabou indo para a vizinha Nápoles com 14 anos, para se inscrever no Instituto de Belas Artes. Vivia na casa de um tio que o ajudou, para que pudesse frequentar o curso. Ele também conseguia algum dinheiro fazendo desenhos aquarelados para as casas de moda. No Instituto estudou com Domenico Morelli e Filippo Palizzi. Pertenciam eles à escola italiana que pintava ao ar livre, do natural e se preocupava com a luz. Como muitos artistas da época, participou também das lutas revolucionárias da Unificação da Itália.

Antonio Rocco conservou na sua técnica as lições dos professores, especialmente no tratamento das cores. As grandes pinceladas seriam influência de Morelli e o desenho a de Palizzi, que também o geometrizarava.

Podemos confirmar estas opiniões se olharmos o quadro Os Mineiros, que apresentou ao término do curso em 1905. Recebeu o primeiro prêmio, mas acabou sem ele, pois a Rainha Helena usou seu prestígio para que fosse dado a outro. Teria sido este um dos motivos de ter resolvido deixar a terra natal. Porém, ficou ainda 8 anos na Itália, participando de várias mostras.

Em 1910 expôs Os Imigrantes (hoje na Pinacoteca do Estado), que também recebeu um tratamento livre de grandes pinceladas, cores ocres, marrons, algum vermelho suavizado e cinzas azulados. Nesta fase de sua pintura, hoje considerada a melhor de sua carreira, Rocco se preocupava com a temática social, transmitindo todos os dramas vividos pelos menos favorecidos. Daí a coloração mais escura, de tons surdos, dos quais sente necessidade. Para Menotti del Picchia, o desenho dos Imigrantes é impecável e o colorido expressivo e Os Mineiros tem uma técnica segura e harmonia de cores.¹

Ao chegar no Brasil, às vésperas da primeira guerra mundial, a convite de alguns parentes que viviam em São Paulo, conheceu a prima Esther (Esterina, na época) vindo a casar com ela em 1914. Como não tiveram filhos, ela dedicou-se inteiramente ao marido, sendo sua grande incentivadora, dirigindo a casa, a parte econômica e conseguindo modelos para o artista.²

Antonio Rocco foi um homem distinto, calmo, tímido, gentil e, na opinião de Paulo Alves Siqueira, a verdadeira representação de um gentleman da época. Vestia-se com muito gosto, nunca levantava a voz.³

Foi muito bem aceito pela nossa sociedade e começou sua carreira, brasileira sustentando-se com os retratos de várias personalidades, todos de excelente qualidade.

1. Correio Paulistano, 29.4.1921

2. Entrevista com a Autora em 1977

3. Entrevista com a Autora em 1982

Procurou representar os retratos o mais naturalmente possível, colocando sempre algum objeto de cor viva para tornar o quadro mais alegre.

Expôs várias vezes e as críticas da imprensa não se cansavam de citar Os Mineiros, Os Imigrantes e mais tarde A Odalisca. Apesar destes elogios, o pintor não produziu quase quadros de temática social, pois nossos colecionadores não apreciavam tais temas. Teve que se dedicar à pintura de gênero, ao retrato e às paisagens. Pintou inúmeras moças sorridentes segurando flores, frutas, lendo, e bonitas crianças. Usava cores intensas, tendo abandonado a paleta de tons mais surdos que empregava na temática social.

Ao fazer A Odalisca, em 1927, colocou a figura principal deitada em diagonal e duas mulheres sentadas, uma em cada lado. Este quadro ambientado no oriente, mostra o quanto ainda era grande o interesse por temas misteriosos e desconhecidos. Estudou os panejamentos das moças e o fez com tal minúcia, que o acabamento se tornou pesado, o que é estranho em seu trabalho, quase sempre tão livre. As cores são fortes e o desenho quase não se percebe, apesar das massas e os dos volumes serem muito bem conseguidos, mas demais elaborados. Aliás, O Jornal do Rio de Janeiro achou também que a obra não transmite nenhuma inquietação, nenhuma procura. É somente uma obra bem feita.⁴

4. O Jornal, 27.1.1929

As figuras de Rocco em geral têm um tratamento de liberdade, especialmente aquelas que ficam em segundo plano, o que faz com que muitas vezes estas se tornem melhor resolvidas que as principais.

Em 1918 Nestor Pestana, ao visitar seu ateliê, já tinha elogiado a grande habilidade de execução do artista, a variedade dos gêneros, sua fatura, quer se tratando de óleos, aquarelas ou pastel. Percebeu que tinha um temperamento maleável e que tratava os diferentes assuntos de maneiras diversificadas. Às vezes tornava-se minucioso e aí se percebe o desenho, as cores somente o acompanham; em outros quadros a fatura é larga e audaciosa, com pinceladas certeiras.⁵

O pintor manteve suas qualidades pictóricas, apesar de ter cedido ao gosto um pouco piegas dos nossos colecionadores. Em geral escolhia bons motivos, cuidando da fatura mesmo em quadros de pequenas dimensões. No fim da vida dedicou-se mais às paisagens, tendo exposto 35 na mostra de 1940. Para Barros Vidal, que as viu, todas tinham uma unidade de observação, sendo cores distribuídas sabiamente para conseguir os efeitos desejados e para dar um toque de realidade.⁶ Ao chegar ao Brasil já trazia vários recantos de Amalfi: panoramas, ruas povoadas com figurinhas típicas, onde a perspectiva foi muito estudada; mas o que chama a atenção nestes quadros é a execução cheia de frescor e a poëti-

5. O Estado de S. Paulo 20.7.1918

6. Vamos Ler, Rio de Janeiro 5.11.1940

ca da cor. Como vimos, logo começou a pintar nossas paisagens, entusiasmou-se com nosso interior. Preocupado com a profundidade do quadro, reproduzia seus diferentes planos. Quando colocava alguma figura, ela estava integrada com a paisagem. Os seus céus são claros, o que faz com que as paisagens tenham abundância de colorido e luz.

Ao pintar cenas urbanas de São Paulo, como o Parque D. Pedro, Vale do Anhangabaú ou trechos do mar, como ilha Porchat, ou crepúsculos, ele cria obras de grande liberdade. Segundo Túlio Mugnaini, depois de 1923 ele teve uma pequena fase em que usou pinceladas curtas e espaçadas e outras vezes fazia uma separação de tons à maneira de Segantini, abandonando as pinceladas largas de outrora. Isto foi uma consequência do conhecimento direto que teve com o impressionismo, em uma viagem que fez a Paris. Esta fase durou pouco porque parece que nem ele nem os colecionadores a apreciaram.⁷

Como Rocco datou pouco, é difícil sabermos a época em que o quadro foi pintado. O que se percebe é que nos quadros de temática italiana as cores são mais pastel e de tons mais frios. No quadro Panorama de Amalfi temos, no primeiro plano, uma encosta de montanha e várias árvores, cuja disposição e colorido foram muito estudados. À esquerda está Amalfi, encarapitada em uma colina com seu casario branco, a torre da igreja e os telhados rosados. Ao fundo, o mar

7. A Gazeta 9.10.1954

azul. A luz que ilumina o quadro é suave, apesar de luz e sombra; e todo o quadro está como que encoberto por uma névoa azulada; a pincelada é firme, solta, muito ampla, especialmente quando trata as árvores; em um quadro em que captou magistralmente o ambiente da costa italiana. (Col. Canton 42x52 cm) (Foto 1). Agora, já no Brasil, ao pintar uma favela, a cor da terra vermelha no primeiro plano tem tons quentes ocres e terra de siena. Os casebres ao fundo têm o desenho muito estudado, como também a cor. No canto esquerdo há um grupo de lavadeiras acoradas lavando roupa, também estendida em um varal mais para trás. Um quadro que, pela temática das pobres casas, poderia ser triste, mas, ao colocar as cores vivas da grama, das roupas, das zonas iluminadas e do céu azul, consegue que se torne alegre e agradável e longe dos tons surdos dos quadros sociais de antigamente. (Col. A. Canton 42x65 o.s.t.) (Foto 2).

Outro quadro sugestivo é um campo iluminado pelo sol e um rebanho de carneiros pastando. Os campos cortam a composição do quadro horizontalmente em vários planos de diferentes tons verdes, deixando aparecer, ao fundo, uns telhados e bem ao longe colinas azuis arroxeadas. O céu está povoado de nuvens claras, rosadas. Neste quadro não percebemos o desenho; a cor é o principal tema e tudo está iluminado em tons dourados, tanto os campos como as árvores do primeiro plano; os carneiros quase se fundem com a grama. A pincelada é de uma grande desenvoltura; apesar de ser uma tela pequena, nada é detalhado. (Col. Canton 40x60,5 cm) (Foto 3).

Rocco gostava do mar e pintou barcos na praia, ou então trechos de costa. Quando colocou pedras, estas foram resolvidas em poucas pinceladas de cor certa; o mar e o céu recebem grande gestualidade. As árvores e as casas têm um bom desenho e tom certo sem muitos detalhes (Exemplo: Enseada de Santos (Col. José de Azevedo Lima 33,5x45,5) (Foto 4) Outras vezes pintou rios com as beiras com mato somente manchado. O céu, quando é amarelo ocre, reflete esta cor em todo o quadro. Fez muitas pequenas manchas que talvez agradem mais que muitos outros mais estudados, tal o frescor e a espontaneidade.

Antonio Rocco assinava em vermelho A. Rocco. No fim da vida começou assinar o nome completo, talvez por ter um parente pintor, Alfredo Rocco, portanto com as mesmas iniciais e não quisesse ser confundido com ele.

Antonio Rocco não seguiu o evoluir da pintura; sentia-se um clássico, nunca tendo abandonado o aprendizado que teve na Itália. Suas telas agradavam pela execução, pelo motivo escolhido, pela segurança com que manejava o pincel e pela consciência dos verdadeiros valores, as perspectivas bem marcadas, o estudo da luz e sombra e cores claras e agradáveis. Simplificou um pouco seu estilo com o passar dos anos e clareou a paleta.

Em 1921 Rocco viajou para a Itália e Paris, onde se demorou dois anos. Deixou para Pedro Alexandrino seus alunos; Alice Gonsalves foi uma delas. Ele sempre lecionou pintura no seu ateliê, tendo tido por um curto período uma

escola, a Novíssima. São muitos os artistas paulista que receberam a sua orientação, entre eles: Colette Pujol, Bernardino Sousa Pereira, Alfredo Rocco, Vera do Amaral, Sarita Marcondes, Orlando Covello, Alberto Baroni, Edgar Oehlmeyer, Paulo Licatti, Manuel Navarro, Olga Barbosa, Joana Blomberg e Ruth Costa e Silva.

ANTONIO ROCCO

- 1880 - Jul., 23 - nasce em Amalfi, Itália.
- 1899 - Matricula-se no Instituto de Belas Artes, em Napoles estuda com Antonio Mancini, Domenico Morelli, Filippo Palizzi.
- 1905 - Forma-se, apresentando Os Mineiros: recebe o primeiro prêmio.
- 1906, 1907, 1908 - Expõe na Itália. Em 1908, na quadrienal de Torino, expôs Tempesta Vicina.
- 1910 - Expõe Imigrantes em Roma e em Rimini Piccioni
- 1911 - Participa da exposição dos Independentes em Roma. Participa em Nápoles de um concurso com Os Mineiros: 1º Prêmio.
- 1913 - Chega a São Paulo, em setembro.
- 1914 - Casa com Esther Rocco, sua prima. O crítico de "O Estado de S. Paulo" e Amadeu Amaral visitam seu ateliê.
- 1916 - Expõe retratos no Gabinete de trabalho em Campos Elísios. Expõe na E N B A ; recebe a Medalha de Prata com Os Mineiros
- 1917 - Expõe o retrato do Dr. Carlos de Campos.
- 1918 - Primeira Individual em S. Paulo, na Mansão do Conde Prates, esquina da R. Direita com Líbero Badaró: são

aquarelas, desenhos e óleos, paisagens, figuras, retratos. Adquirido Os imigrantes pela Pinacoteca do Estado.

Expõe no S N B A ; recebe Grande Medalha de Prata.

Funda a Escola Novíssima na rua Consolação (aulas de pintura e desenho).

Faz capa para revista "A Cigarra".

Muda para o novo ateliê na rua Helvética, 112, onde também funciona o curso de pintura.

- 1919 - Passa 6 meses na fazenda do Sr. Oscar Sousa Pinto. Em S. Carlos do Pinhal. Pinta paisagens e animais e Manhã no Mangueiro, adquirido pela Secretaria de Agricultura. Expõe a tela antes no S N B A.
- 1920 - Expõe na Casa Di Franco, R. S. Bento, 50 telas: paisagens, animais e figuras.
- 1921 - Individual no Edifício Cinema Central, R. Formosa, V. Mariana: óleos e aquarelas.
- Viaja para a Itália e Paris. Permanece 2 anos. Produz na época Paisagem de Amalfi, R. de Amalfi, Catedral de Amalfi e Gruta de Esmeraldas.
- 1922 - Contribuí com um quadro para a Cruzada Artística.
- 1923 - Volta da Europa.
- Nov. - expõe na R. Boa Vista, 16.
- 1924 - Jan. - expõe junto com obras de Scopetta, que trouxe da Itália.
- 1927 - Exposição coletiva na Galeria Jorge.
- Envia A Odalisca para o S N B A ; recebe a Medalha de Ouro.

- 1928 - Participa da 1ª Exposição de Belas-Artes, Muse Italiche com 4 obras: Odalisca, Brinco de Princesa, Chocando, Costume Português.
- 1929 - Jan. - Individual, R. Quintino Bocaiuva, Palácio das Arcadas: 53 telas: paisagens de São Paulo, Ilha Porchat, figuras.
- 1933 - Participa da II Exposição de Arte Provincial de Salerno, Itália.
- 1934 - Expõe no I S P B A ; recebe Grande Medalha de Ouro.
- 1940 - Individual no Palácio das Arcadas: paisagens, gêneros, naturezas mortas, 103 quadros, 35 paisagens.
- 1944 - Nov., 28 - morre em São Paulo.

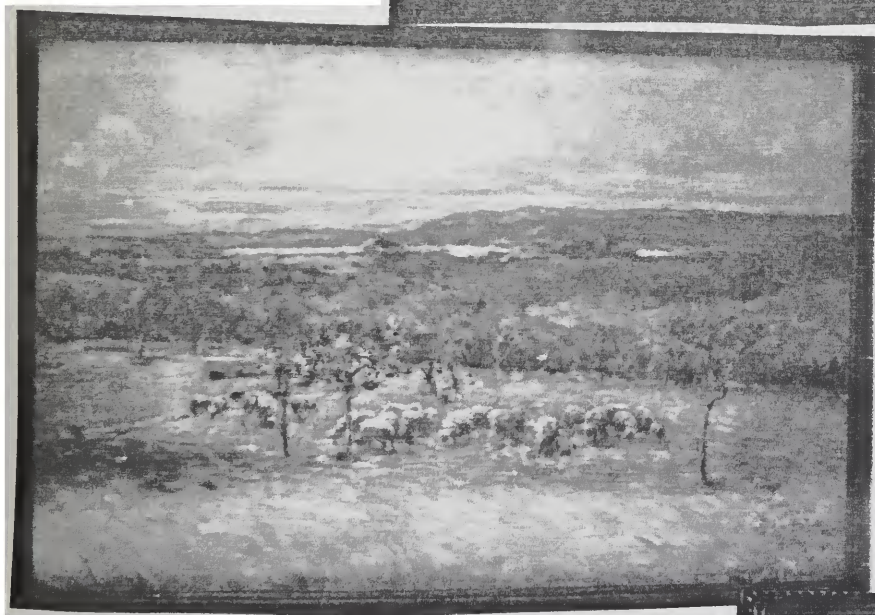
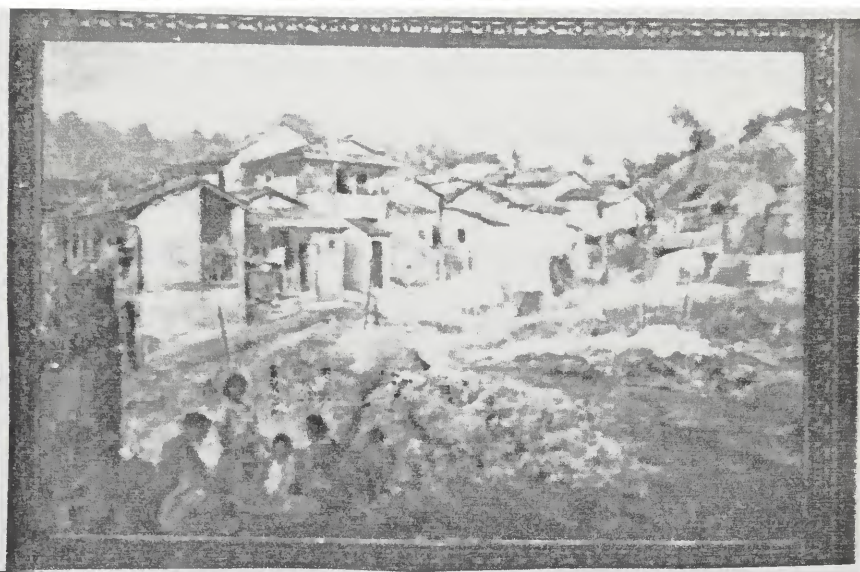
Póstumas

- 1947 - Ago. - Exposição organizada por Esther Rocco, na Galeria Itá, R. Barão de Itapetininga.
- 1976 - A Pinacoteca expõe 3 retratos de sua autoria na exposição O retrato na coleção da Pinacoteca.
- 1978 - Destaque do mes na Pinacoteca do Estado com Os imigrantes.



1. Amalfi
Col. Canton

2. Favela
Col. Canton



3. Carneiros
Col. Canton

4. Entrada em Santos
Col. José de Azevedo Lima



CESAR ALEXANDRE FORMENTI

Nasceu em Ferrara, em 11.set.1874 e morreu no Rio de Janeiro em 23.nov.1944.

O artista chegou ao Brasil em 1901, morou em São Paulo durante 17 anos e mudou-se para o Rio de Janeiro.

Na Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, decorou o pavilhão da Bahia com um grande vitral. No Rio, abriu um ateliê de vitrais e decoração art-nouveau, com o filho Gastão Formenti. (De Pintores Italianos no Brasil, Catálogo. Abril 1982).

PIETRO STRINA

Nasceu em Ascoli Piceno em 23.dez.1874, e morreu em Nápoles a 7.set.1927.

Fez decorações no Palácio Episcopal do Rio de Janeiro, na Faculdade de Direito de São Paulo, e no Liceu Coração de Jesus. Na Itália tinha executado várias decorações em palácios. Em São Paulo, foi conhecido como retratista apesar de ter-se dedicado esporadicamente à paisagística, especialmente recantos urbanos. Foi professor de muitos artistas, entre eles Cimbélino de Freitas, Augusto Esteves, Gastão Formenti. Voltou para a Itália em 1924.

CLÁUDIO ROSSI

Nasceu em Carpi, Itália, e estudou arte na Academia de Belas Artes de Modena, onde iniciou sua carreira de cenógrafo. Com 21 anos entrou para a equipe do Scala de Milão. Dedicou-se em seguida à arquitetura, tendo trabalhado em São Paulo no Escritório de Ramos de Azevedo; participou da construção e decoração do Teatro Municipal.

Pintava nas horas de lazer, em geral usando aquarela. em geral paisagens e flores.

Participou da I Exposição Brasileira de Belas Artes de 1911-1912 com aquarelas cujo tema eram paisagens com árvores, casas e marinhas.

Cláudio Rossi era pai de Paulo Rossi Osir, também pintor.

ALADINO DIVANI

Nasceu em Castelnuovo di Gafagnana em 20.abr.1878 e morreu em São Paulo em 6.jun.1928.

Chegou ao Brasil ainda menino, mas voltou aos quinze anos para Florença para estudar arte. Depois de três anos estava de novo em São Paulo, onde começou a trabalhar como desenhista e gráfico, além de lecionar pintura e perspectiva no Liceu de Artes e Ofícios. Nos fins de semana costumava pintar, preferindo recantos pitorescos da cidade e arredores. Em 1913 pintou para o Teatro de Variedades de Rio Claro o salão de entrada, a fachada e o pano de Boca A Descoberta do Brasil.

Foi um dos introdutores do sistema água-forte em litografia. Executou desenhos para a vidraria Sta. Marina, e foi também restaurador.

Participou da Exposição de Belas Artes Muse Italiana em 1928 com quatro quadros: Impressões.

ANGELO SIMEONE

Nasceu em Capua, em 1899, e morreu em São Paulo em 1971.

Veio para o Brasil com 2 anos, tendo residido em São Paulo; aí estudou no Liceu de Artes e Ofícios sendo aluno de José Perissinotto. Participou da Exposição Geral de Belas Artes de São Paulo de 1922 e da Exposição de Belas Artes de São Paulo, Muse Italiche de 1929, mostrando trechos de São Paulo, arredores, e quadros de gênero. Participou depois de inúmeros Salões Paulistas de Belas Artes e outros do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

UMBERTO DELLA LATTA

Umberto Della Latta, dedicou-se à pintura à óleo, aquarela, guache, pastel. A temática preferida eram paisagens do nosso interior e algumas figuras. Focalizou também trechos da Praça da República, do Jardim da Luz, Jardim do Museu Ipiranga, Ponte Grande, Estrada do Vergueiro, além de rebanhos, terreiros, olarias e marinhas com barcos de pesca.

Umberto foi um dos precursores da publicidade no Brasil, tendo usado os pseudônimos Nino, Vandik, Guevara¹.

1. De Catálogo Pintores Italianos no Brasil.

UMBERTO DELLA LATTA

1883 - Mar., 15 - Lucca, Itália.

Veio criança para o Brasil.

Volta com 17 anos à Itália para estudar arte na Real Academia de Belas Artes de Lucca. Recebe 1º Prêmio na Academia. Estuda com Edoardo Gelli e Ricci.

1911-1912 - De volta ao Brasil, participa da I Exposição Brasileira de Belas Artes com 17 quadros, sendo 13 paisagens.

Jul. - expõe nos altos da Casa Freire, R. S. Bento: paisagens, flores e figura: 49 quadros.

1912 - Participa da II Exposição Brasileira de Belas Artes com 6 paisagens.

1916 - Out. - Exposição Casa Di Franco, R.S.Bento: paisagens.

1917 - Jun. - Exposição na Casa Trapani: desenhos coloridos para reclame.

1919 - Jan. - Exposição em Campinas no Clube Campineiro.

Jun. - Expõe junto com o irmão Menotti Della Latta.

Ago. - Exposição na Redação de Vida Moderna, R. S. Bento: 55 quadros com assuntos nacionais.

Expõe em Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, São José do Rio Preto.

1941 - Expõe na Galeria Itá.

1961 - Morre, em São Paulo.

JOÃO MENOTTI DELLA LATTA

Irmão de Umberto, também pintor, expôs com ele em 1919 e em 1920, mostrando paisagens do Ipiranga. Em 1822 expôs 63 telas, vistas de arredores da capital como: casebres abandonados, Sant'Ana, Estrada Nova, Calma em São Caetano e Barcos de Pesca.

MANLIO NELLO BENEDETTI

Nasceu em Pistoia em 26.set.1894, e morreu em São Paulo em 1942.

Estudou pintura na Academia de Lucca. Veio ao Brasil em 1920 radicando-se em São Paulo. Expôs em individuais nos anos de 1921, 1922, 1924, 1925. Neste último ano expôs em Campinas.

Além de pintor de paisagens, foi retratista e restaurador; usava as técnicas de pintura a óleo, pastel e lápis.

Em 1924 apresentou umas paisagens de Bertioga, trechos de rios, ipês, índios e a feira livre do largo do Arouche. Pintou crepúsculos, casas de pescadores, figuras, casas de caboclo, tardes sem sol. Em 1926 foi para Roma expor paisagens brasileiras, mas por motivos de saúde teve que voltar ao Brasil. Expôs em São Paulo em 1927.

BIGIO GERARDENGI

Dronero 7.8.1876 - São Paulo 24.3.1956. Bigio Gerardenghi, mais um dos tantos pintores que aportaram entre nós, e que frequentaram a escola de Nápoles. Estudou, lá, com Edoardo Delbono, Domenico Morelli, Filippo Palizzi e Michele Marano.

Em 1908 recebeu a Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Nápoles. Em 1916 seu quadro Lã Para Soldados foi escolhido pela Cruz Vermelha para ser reproduzido como propaganda de socorro de guerra. Participou ainda da Exposição Internacional de Roma em 1922 e 1923.

Chegou em São Paulo em maio de 1923, tendo exposto seus quadros com grande sucesso, e vendido quase todos. Sua pintura clara e alegre agradava, especialmente as paisagens de trechos pitorescos de velhas cidades, recantos dos montes Apeninos, além das esplêndidas marinhas.

Uma vez radicado no Brasil vivia entre Santos e São Paulo, fixando inúmeras vezes nossas praias, que povoava de crianças, mães brincando com filhos, grupos de pessoas passeando, senhoras segurando coloridos guarda-sóis. Estudou também o por-do-sol com o céu cheio de nuvens coloridas que se refletem na água rasa da beira da praia; bosques escuros onde somente o céu está iluminado. O amanhecer litô-râneo também o atraía. Bigio realizava-se em cenas de aglo

merações, como feiras livres com barraquinhas coloridas.

Os quadros de Gerardenghi, em geral, têm grandes céus claros, o mar com ondas de linda transparência, especialmente quando bate nas pedras. O tratamento que dá à figura é rápido e esboçado, conseguindo assim muito movimento. A luz é o fator mais importante em sua obra; usa cores claras, clareando as da natureza, como quando pinta a água, os campos verde-amarelados ou as figuras.

Se compararmos seus quadros de quando veio da Itália com os posteriores, veremos que sua paleta, que já era clara, ficou ainda mais luminosa, e o traço mais espontâneo. Quando o sol era tema principal, o desenho perdia sua importância; porém, quando tratava de interiores, onde a luz não era soberana, dava grande cuidado ao desenho, chegando a perder em liberdade.

É um pintor cuja obra reconhecemos ao primeiro olhar, mas que peca, talvez, pelo excesso de decorativismo.

OUTROS

NICOTA BAYEUX

Apesar de ter participado das duas Exposições Brasileiras de Belas Artes em 1911 e 1912, depois poucas vezes seu nome apareceu no ambiente artístico. Foi discípula de De Servi, e após seu casamento foi morar por um certo tempo em Paris, tendo aproveitado para continuar os estudos na Academia Julian. Ao voltar para a terra natal, em 1914, expõe no S N B A o quadro Coeur Meurtri.

Na capital paulista expôs em 1923 obras de várias fases de sua pintura. Havia quadros a óleo, aquarela, crayon, pastel, fusain e nos 89 trabalhos apresentados viam-se cabeças, figuras, cenas de mercado de flores, marinhas e naturezas mortas. Dedicou-se mais à pintura da figura e em Campinas deixou o Dominó Rose, hoje no Centro de Ciências, Letras e Artes. O quadro depois reproduzido no Correio Popular (Campinas - História de Campinas, 20.mar.1969, por José de Castro Mendes); mostra uma jovem que esconde o rosto com uma máscara de carnaval. O tema é frívolo, mas percebe-se liberdade na pincelada e pouca preocupação com o detalhe. Como não temos mais notícias da pintora e não conhecemos sua obra, não podemos opinar sobre ela.

NICOTA BAYEUX BENAIN

1870 - Jan., 26 - nasce em Campinas, filha de Bento Bayeux e D. Isabel Oliveira Dias.

Discípula de De Servi.

1911 - Participa da I Exposição Brasileira de Belas Artes.

1912 - Participa da II Exposição Brasileira de Belas Artes: 10 telas, flores e cabeças.

1913 - Ago. - exposição no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas: 30 telas.

Casa e viaja para Paris, onde continua os estudos de pintura.

1923 - Jan. - expõe na Galeria Edison, S.Paulo: flores, paisagens, de várias fases: 89 quadros.

1923 - Morre em Campinas.

1924 - Exposição Póstuma em Campinas, paisagens, marinhas, flores, retratos e figuras.

ELISABETH ELEONORA KRUG Malfatti

Estudou com De Servi e Norfini. Preferia a figura e, ao participar da Exposição Nacional de 1908, foi premiada, tendo apresentado várias cabeças de velhos, de moças, de crianças e duas de santos.

Participou das duas Exposições Brasileiras de Belas Artes 1911, 1912 em São Paulo. Nunca deixou de pintar apesar do ensino lhe ocupar a maior parte do tempo. A pintora é mãe de Anita Malfatti.

AURÉLIO ZIMMERMANN

Nasceu na Alemanha, estudou na Escola de Belas Artes de Berlim e na de Dresden, tendo sido aluno de Raul Thumann, ilustrador, de Leon Pohle e de Erhardt. Aurélio estudou também gravura e desenhou para revistas, livros e cartazes de propaganda. As paisagens de Zimmermann - sua temática preferida - são sempre povoadas de figuras folclóricas. Pintou também a aquarela, usando uma gama de cores totalmente nova, onde o céu é azul, tropical, como poucos ousaram. Aurélio viveu durante 15 anos no Paraná, em Bugres, Santa Catarina e Rio Preto. Vendia quase sempre seus quadros aos ingleses e americanos que viviam na época no Brasil; por isto, é raro encontrarmos obras suas entre nós. As poucas que temos visto são cheias de vida, têm muito humor e uma alegria de viver rara de se encontrar. Fixou cenas como o dentista de interior e cenas de caipiras, como O Caçador de Porco do Mato, O Ladrão de Cavalos, Em Cima do Burro, um campo com uma mula morta, ou O Bicho do Pé, em que um caipira retira o bicho do pé com um facão. O homem está em uma pose cômica, como o é também a expressão de seu rosto sulcado de rugas e queimado pelo sol.

Aurélio foi ótimo animalista, tendo pintado cavalos, burros, onças nas mais estranhas posições. Como amava os cães, encontramos-os em muitas telas. Usava uma teca

nica só dele, nanquim sobre papel mataborrão umedecido. Fez a maior parte de seus trabalhos em cima deste papel, que depois coloria com aquarela e guache. O seu colorido vivo agradava tanto, que o Professor E. Taunay encomendou-lhe 12 quadros para o Museu Paulista. Estão expostos hoje O Pouso no Sertão e a Bênção das Canoas em Porto Feliz. Em ambos a paisagem foi estudada e reproduzida cuidadosamente com pinceladas rápidas e pequenas. Muito bonitos os céus nublados e estudadas as roupas das muitas figuras que se encontram nas telas. O Pouso no Sertão tem tons mais surdos, pois se passa ao anoitecer, enquanto a Bênção das Canoas em Porto Feliz tem cores claras e alegres. Os grupos de pessoas estão muito bem dispostos, fazendo com que o nosso olhar percorra uma linha elíptica, conseguindo, assim grande profundidade.

Aurélio Zimmermann assinava A.Z. em seus quadros.

Aurélio participou do SNBA de 1907, onde obteve a Medalha de Prata. Monteiro Lobato admirava muito seu trabalho e encomendou-lhe várias ilustrações para a Revista do Brasil, e a ilustração de seu livro Urupês.

Em 1923, quando já tinha morrido, a família mostrou alguns quadros de sua autoria na exposição de Arte Alemã. Havia 27 obras, tendo como temas os cavalos, o barbeiro, os bugres, o leão, o tigre e vários cães.

Em 1923 escreveu sobre o artista Von Jorge Neddermeyer no "Duetcher Verein für Wissenschaft und kunst in San Paolo".

Aurélio Zimmermann nasceu em 1854, na Silesia e morreu em São Paulo a 26.fev.1920.

BEATRIZ POMPEU CAMARGO

Beatriz Pompeu Camargo pintou naturezas mortas e paisagens. Foi pensionista do Estado para a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Estudou com Rodolfo Amoedo e expôs várias vezes na então Capital e em São Paulo. Era considerada uma pintora que interpretava delicadamente a natureza. Na figura era cuidadosa, honesta, mas não se excedia.

Na exposição Nacional de 1908 colocou 5 quadros a óleo: Antes do Almoço, Rua Aquidalan, Phantasia, Trecho de Quintal, Dolores e mais duas aquarelas.

Na I Exposição Brasileira de Belas Artes apresentou Paisagem de Campinas, Pastos, Volta da Roça, Bebedouro. Em 1913 expôs na sua cidade natal, no Centro de Ciências, Letras e Artes. Em 1917 já se encontrava morando em São Paulo, onde ficou até o ano de 1956, quando retornou para Campinas.

Em 1917 participou, junto com grande número de artistas nacionais, da Exposição de Arte Christã no Rio de Janeiro, com o quadro Morro de Jaraguá.

A pintora lecionou sempre, tendo nos últimos anos deixado de pintar para se dedicar exclusivamente à religião.

BEATRIZ POMPEU CAMARGO

1887 - Dez., 12 - nasce em Campinas, filha de Eloi Pompeu Camargo.

Recebe bolsa de Estudo para o Rio de Janeiro e estuda com Rodolfo Amoedo.

1907 - Menção Honrosa 2º Grau no S N B A.

1908 - Participa com 5 quadros a óleo e 2 aquarelas da Exposição Nacional.

1911 - Participa da I Exposição Brasileira de Belas Artes: 2 paisagens de Campinas, Tanque, Pasto, Behedouro, Volta da Roça e 2 cabeças.

1913 - Fev. - expõe no Largo São Bento, 12, 1º andar.

1916 - Jun. - expõe na Faculdade de Filosofia e Letras. Participa do S N B A e recebe Menção Honrosa de 1º Grau: expõe 15 telas a óleo e 2 aquarelas.

1917 - Participa da Exposição de Arte Christã, R.J.: Morro do Jaraguá.

Muda-se para São Paulo, onde leciona pintura.

1956 - Volta definitivamente para Campinas: tinha deixado a pintura pela religião.

1980 - Jul., 10,- morre em Campinas.

MARIA LUIZA POMPEU CAMARGO

Maria Luiza, que nasceu e sempre viveu em Campinas, além de ser pintora dedicou-se ao ensino da arte, tendo lecionado por muitos anos na Escola Profissional Bento Quirino. Aluna de Norfini, de quem aprendeu tanto a técnica a óleo como a da aquarela, a temática que preferiu foi a paisagem e a natureza morta, além de flores. É um trabalho sofrido, no qual transparece todo o esforço feito para conseguir uma composição correta e o colorido certo. Ela mesma se considerava uma pintora clássica e detestava tudo o que era moderno. Chegou a apreciar o impressionismo, sem entretanto segui-lo. Na Exposição Brasileira de Belas Artes de 1911-1912 expôs A Velha Figueira, hoje na Pinacoteca do Estado . O quadro foi elogiado pela bonita graduação das cores, a pintora focalizou um trecho de floresta com vários troncos grossos no primeiro plano e, mais para o fundo, onde a mata está mais rala, o sol atravessa os galhos, iluminando alguns trechos. O tema é bonito, o recanto bem escolhido, mas a pincelada esbatida, quase inexistente, faz com que se perca toda a primeira impressão, deixando o quadro pesado. Na mesma exposição ela mostrou Represa e Trecho de Caminho, que foram considerados de muito gosto¹. No ano seguinte, na mesma exposição participou

1. Gazeta Artística, dez.jan 1911-1912, Ano III nº 20.

com Queimada, Último Raio de Sol, Poente, Rio Atibaia, Marracos Selvagens e Antes do Baile.

A artista usava assinar seus quadros como Marise.

MARIA LUIZA POMPEU CAMARGO

- 1883 - Fev., 9 - nasce em Campinas, filha de Herculano Pompeu Camargo e Olivia Pompeu Camargo.
Estuda pintura com Alfredo Norfini.
- 1902 - Primeira Exposição.
- 1907 - Expõe no S N B A , 2 quadros de natureza morta; recebe Menção Honrosa.
- 1908 - Expõe no S N.B.A.
- 1910 - Expõe no Centro de Ciências, em Campinas.
- 1911 - Participa da I Exposição Brasileira de Belas Artes: com Velha Figueira, Represa, Trecho de Caminho e Cravos e Morangos.
- 1912 - Participa da II Exposição Brasileira de Belas Artes com 6 quadros: Queimada, Antes do Baile, Último Raio de Sol, Poente, Rio Atibaia, Marrecos Selvagens.
- 1916 - Exposição Casa Geny, Campinas.
- 1920 - Participa do S.N B.A. , com 2 quadros.
- 1922 - Recebe Medalha de Ouro por trabalhos apresentados na Exposição Municipal de Campinas.
Preparatória da Exposição Internacional, no Centenário da Independência.
- 1924 - Fev. - exposição individual em Campinas.
- 1939 - Jan. - expõe na Pça. Antônio Prado, Campinas.
Nov. - homenageada em Campinas, no Bicentenário da cidade.

1955 - Expõe no Teatro Municipal 56 quadros.

1966 - Ago., 26 - morre em Campinas.

JOÃO BARBOSA RODRIGUES OU JOÃO RODRIGUES BARBOSA

Paisagista, pintou no começo do século, tendo exposto em São Paulo em 1902 e 1903. Originário de Guaratinguetá, apresentou paisagens do Norte dos Estados de São Paulo e Minas. Os quadros tinham um céu serenamente azul, terras cobertas de relva, árvores com gradação de matizes. Pintou também peixes, pássaros, frutas e miniaturas de cenas da vida interiorana. Fazia cartões em aquarela.

JONAS DE BARROS

Paulista de Itu, já expunha em 1895, Em 1901 mostrou um quadro, Rinha de Galos, na Casa Garraux e no ano seguinte veio com 30 trabalhos para a Galeria Castellões. Eram paisagens, cenas de costumes e retratos. Algum tempo depois expôs os retratos do Dr. Prudente de Moraes e do Dr. Jorge Tibiriçá (1904). Aparece de novo em 1907, numa exposição na Rua José Bonifácio. Em 1908 colocou, na casa Garraux, o esboço de um grande quadro que representava A Convenção de Itu. Quis, mostrando-a provar que podia fazer uma tela histórica e que merecia auxílio para poder executá-la. Neste ano recebeu a Medalha de Ouro na E N B A. Tomou parte da Exposição Brasileira de Belas Artes em 1911, com um retrato e mais O Sapateiro Remendão.

BENJAMIN CONSTANT DE OLIVEIRA NETTO

Nasceu em São Paulo, 1884. Estudou com Almeida Jr. e na Real Academia de Belas Artes de Nápoles. Seu nome aparece em 1901 e 1908, anos em que expôs em São Paulo. Participou da I Exposição Brasileira de Belas Artes 1911 - 1912, com 6 quadros: dois nus, um estudo de cabeça e quatro de gênero. Na ocasião a Revista Gazeta Artística citou seus quadros, mas criticou a composição. Dedicou-se ao magistério.

AUGUSTO LUIZ DE FREITAS

Nasceu no Rio Grande do Sul em 1868 e morreu em Roma em 1962. Pintor, professor, cenógrafo, estudou arte em Portugal e depois na Escola Nacional de Belas Artes. Foi prêmio viagem desta Escola em 1898 e desde 1899 residiu em Roma. Mais tarde voltou para Porto Alegre, onde dirigiu a Escola de Belas Artes da cidade. Veio expôr em São Paulo em 1913, 1926, 1927, 1928 e 1929, trazendo sempre paisagens de arrabaldes de Porto Alegre, cantos do Rio de Janeiro e cenas de aldeia. No S N B A obteve a Pequena e Grande medalha de Ouro.

CIMBELINO DE FREITAS

Nasceu em São Paulo, 1887 e morreu em São Paulo, 1970. Pintor, desenhista e professor de desenho e antigo inspetor normalista, estudou com Pedro Strina. Pintava retratos, paisagens e natureza morta. Participou da I Exposição Brasileira de Belas Artes de 1911-1912 e no S.N.B.A. em 1939, 1941, 1954. Recebeu a Medalha de Bronze do S.P.B.A. em 1947 e o Prêmio Aquisição e Medalha de Prata em 1957. Foi professor na Escola de Belas Artes de São Paulo e Presidente da Associação Paulista de Belas Artes.

JULIO GAVRONSKI

Expôs, em 1911, na Exposição Brasileira de Belas Artes, 13 quadros, sendo sete paisagens. Estudou com Carlo de Servi e Oscar Pereira da Silva. Viveu um certo tempo no Rio de Janeiro. Na Exposição Brasileira de 1912 mostrou paisagens do Rio Tietê, do Rio Pinheiros, de Guarujá, da Av. Paulista, e do Salto de Pirapora, além de algumas cenas italianas de Florença e ainda algumas cópias de quadros famosos de Caravaggio e Andrea del Sarto. Em 1939 participou do I Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul e recebeu Menção Honrosa.

JORGE FISHER ELPONS

Alemão, nascido em 1895, viveu em São Paulo, tendo morrido em 1939. Participou da II Exposição Brasileira de Belas Artes com três quadros de rosas. Foi professor, tendo fundado um dos primeiros cursos de pintura de São Paulo. Participou da Exposição de Pintores Alemães de 1923, com uma paisagem da Represa de Santo Amaro. Não conhecemos outras paisagens de sua autoria, que provavelmente pintou, apesar de ter preferido a natureza morta.

TRAJANO VAZ

Nasceu em Iguape, 1827 e morreu em São Paulo, 1942. Começou pintando natureza morta e, depois da década de 30, paisagens de arredores de São Paulo e do nosso litoral, além de cenas de costumes com pescadores, Bendeira do Divino. Ex pôs em individuais em 1920, 1933, 1934, 1935, 1936 e 1938.

BERNARDINO DE SOUSA PEREIRA

Paulista, começou a mostrar seus trabalhos na década de 20. Pintou mais paisagens, quadros de gênero, natureza morta, flores e marinhas, sempre iluminadas. Apesar de não ter saído do Brasil para estudar arte, em seus quadros sempre há a preocupação com a luz. Participou da Exposição de Belas Artes, Muse Italiche de 1928, do S N B A de 1936 e de 1941.

Em 1933 recebeu do S P B A a Grande Medalha de Prata e, em 1934, a Pequena Medalha de Ouro. Passou seus últimos anos em Itanhaém, por motivos de saúde. Pintou até o fim da vida, tendo perdido, com o passar dos anos, a espontaneidade, mas conservou a técnica e aproveitou muitas vezes antigos desenhos.

Algumas vezes usou também o pontilhismo, especialmente nas marinhas.

ENRICO MANZO

Natural de Avellino, foi pintor de paisagem e gênero tendo estudado no Liceu de Artes e Ofícios. Foi professor da Escola de Belas Artes. Seu nome aparece pela primeira vez em 1915, quando expôs uma vista da Fábrica Penteado, na Várzea do Ipiranga. Participou da Exposição Geral de Belas Artes em 1922 no Palácio das Indústrias, com 12 quadros sendo sete paisagens, arredores de São Paulo e um auto-retrato. Morreu em 1986 em São Paulo.

V - BIBLIOGRAFIA

A Bibliografia foi subdividida em geral e específica. A primeira consta de livros que estudam a época; a segunda trata de livros, periódicos e outras fontes que estão diretamente relacionadas com os artistas estudados.

Devido ao grande número de notícias encontradas nos vários periódicos, chegou-se à conclusão que o mais correto seria subdividi-las por artistas e escolher somente os artigos de maior interesse e que mais contribuíssem para a elaboração da tese.

Em "Outros Pintores" estão incluídos aqueles pintores paulistas que tiveram menor produção, os pintores viajantes e os de outras partes do Brasil que nos visitaram algumas vezes. Nos "Temas Gerais" estão as notícias de todos os eventos importantes da época relacionados com artes, tais como exposições gerais, galerias, escolas de arte e outros.

Os catálogos foram subdivididos, isto é, quando se tratou de exposições individuais, eles estão logo abaixo dos periódicos de cada artista. As grandes exposições das quais todos os artistas participaram estão colocadas separadamente.

Quanto aos leilões, como estes foram muitos, foram colocadas somente as galerias que os promoveram. Assim o Escritório de Arte Renato Magalhães Gouveia vai desde o nº 2, jun., 1980, até o nº 16, jun., 1986. Os catálogos da Galeria Tableau vão desde nov., 1982, até set., 1986, sendo bimensais, como o são também os catálogos da Casa dos Leilões e da República das Artes.

BIBLIOGRAFIA GERAL CONSULTADA**LIVROS**

- Ajzemberg, Elza Maria. Vicente do Rego Monteiro um mergulho no passado. Tese de Doutorado Filosofia da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1984.
- Arnheim, Rudolf. Arte e Percepção visual. São Paulo Ed. Universidade de São Paulo, 1980.
- Benezit, E. Dictionnaire des Peintres Sculpteurs Dessinateurs et Graveurs. Paris: Librairie Grund, 1948.
- Benjamin, Walter. A Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. São Paulo: Editor Victor Civita, 1975.
- Brest, J.R. La Pintura brasileña contemporanea. Buenos Aires: Editorial Poseidon, 1945.
- Bruno, Ernani da Silva. História e Tradições da Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1954.
- Bouret, Jean. L'Ecole de Barbizon, Suisse: La Bibliothèque des Arts. Editions Ides Calendes, s.d. (1981).
- Canclini, Nestor Garcia. Arte Popular y Sociedad en América Latina. México: Editorial Grijalbo S.A., 1977.

- Celebonovič, Aleksa. Peinture Kitsch ou réalisme bourgeois. L'Art pompier dans le monde. Paris: Seghers, 1974.
- Carli, Enzo. Il Paesaggio. Verona: Arnoldo Mondatori Editore, 1981.
- Clark, Kenneth. Paisagem na arte. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.
- Costa, Maria Cristina Castillo. O retrato Feminino na pintura brasileira. 1800-1950. S.Paulo: Tese de Mestrado Departamento de Ciências Sociais Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1985.
- Dean, Warrwn. A Industrialização de São Paulo. S.Paulo: Editora: Universidade de S.Paulo, 1971.
- De Leiris, Alan. From Delacroix to Cezanne. French Watercolor Landscapes of the nineteenth century. Ann Arbor: University of Michigan Museum of Art, 1978.
- De Seta, Cesar. Il Paesaggio. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1982.
- Francastel, Pierre. A Realidade Figurativa. São Paulo: Editora Perspectiva, s.d.
- _____. História de La Pintura Francesa. Madrid. El Libro de Bolsillo Alianza Editorial, 1970.
- Freitas, Affonso A. de. Tradições e Reminiscências Paulistas. S. Paulo: Livraria Martins Editora, 1955.
- Freund, Giséle. La fotografia como documento Social. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

Friedlander, Max J. De L'Art et du Connaisseur. Paris: Librairie Générale Française, 1969.

Gombrich, E.H. L'art et son histoire. v. I e II, Paris; Editions René Julliard, 1967.

Hujghe, René. La Peinture Française au XIX Siècle. La Relève de L'imaginaire: Romantisme, Realisme. Paris: Flammarion, 1976.

I Macchiaioli. Firenze: Centro Di, 1976.

Jensen, Jens Christian. Caspar David Friedrich. Vida y Obra. Barcelona: Editorial Blume, 1980.

L'Art en France sous le Second Empire. Paris: Editions de la Réunion des musées Nationaux, Grand Palais, 1979.

Lenoble, Robert. Histoire de l'idée de nature. Paris: Editions Albin Michel, 1969.

Les Maîtres Contemporains. Paris: H. Laurens, Éditeur, 1909.

Levy, Carlos Roberto Maciel. Antonio Parreiras. Pintor de paisagem gênero e história. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1981.

Morse, Richard M. Formação de São Paulo. S.Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

Moulin, Raymonde. Le marché de la peinture en France. Paris: Les éditions de Minuit, 1967.

Osborne, Harold. Estética e teoria da arte. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

Panofsky, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Edit. Perspectiva, 1976.

Poli, Francesco. Produccion Artistica y mercado. Barcelona: Coleccion Punto y Lenea Edit. Gustavo Gili S.S., 1976.

Read, Herbert. Arte y Sociedad. Barcelona: Flamma Pollaro, 1970.

Stebbins Jr. Theodore E. Close Observation Selected Oil Sketches. Washington: Smithsonian Institution Press, 1978.

Walker, John. Constable. Paris: Editions Cercle D'Art. 1979.

Wylie Sypher. Do Rococó ao Cubismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

Zucker, Paul. Styles in Painting - a comparative study. New York: Dover Publications, Inc, 1963.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

LIVROS

Acquarone, Francisco. Mestre da Pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Paulo de Azevedo Ltda. s.d.

_____. Primores da Pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Publ. sob direção de Acquarone e A. de Queiroz, 1942.

_____. História da Arte no Brasil. Rio de Janeiro: Oscar Mano e Cia. Editora, 1939.

Almeida, P. Mendes de. De Anita ao Museu. D. Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

Amaral, Aracy A. Artes Plásticas na semana de 22. S. Paulo: Edit. Perspectiva, 1970.

_____. "As artes plásticas na década de 20: São Paulo: "Consagrados" "Modernistas" e "novos". Arte e meio artístico: 1961-1981: entre a feijoada e o x-burger. São Paulo: Nobel, 1983.

_____. "O mecenato em S. Paulo de 1890-1920: Freitas Valle o Magnífico". _____

_____. "Theodor Heurberger: a presença alemã no meio artístico contemporâneo brasileiro". _____

Batista, Marta Rossetti, Anita Malfatti no tempo e no espaço. São Paulo: IBM Brasil, 1985.

- Barata, Mario. "Século XIX - Transição e início do século XX". História Geral da Arte no Brasil. 2.v., S. Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.
- Bopp, Raul. Movimentos Modernistas no Brasil 1922-1928. Rio de Janeiro: Livraria S. José, 1966.
- Borges, Maria Elizia. A pintura na "Capital do Café". Sua história e evolução no período da primeira república. S. Paulo: Tese de Mestrado de Ciências e Letras Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política, 1983.
- Braga, Theodoro. Artistas Plásticos no Brasil. S. Paulo: Editora Limitada, 1942.
- Brito, Mario da Silva, História do Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- Campofiorito, Quirino. História da Pintura Brasileira no século XIX. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1983.
- Cavalcanti, Carlos. Dicionário das Artes Plásticas do Brasil. Brasília MEC Instituto Nacional do Livro, 1973.
- Comanducci, A.M. "Antonio Ferrigno". I Pittori italiani dell'ottocento. Milano: Casa Editrice Artisti d'Italia, 1934.
- _____. Dizionario Illustrato dei pittori e Incisori Italiani Moderni-1888-1900. 2 v., Milano: S. A. Grafitalia, 1945.
- Costa, Angyone. A Inquietação das Abelhas. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e Cia, 1927

- Duque Estrada, Gonzaga. Arte Brasileira. Pintura e Escultura. Rio de Janeiro: Imprensa a Vapor H. Lambaerts e C., 1888.
- Duque, Conzaga. Contemporaneos. Pintores e Escultores. Rio de Janeiro: Typ. Benedicto de Sousa, 1929.
- Dutra, Archimedes. A Contribuição de Piracicaba na Arte Nacional. Piracicaba: Tese de Doutorado Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" Universidade de São Paulo, 1972.
- Freire, Laudelino. Galeria Histórica dos Pintores no Brasil. Rio de Janeiro: Oficinas da Liga Marítima Brasileira, 1914.
- _____. Um século de Pintura. Rio de Janeiro: Typographia Rohe, 1916.
- _____. Dicionário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Um século de Pintura. Rio de Janeiro: s. ed., 1922.
- Lourenço, Maria Cecília França. Reverendo Almeida Júnior. São Paulo: Dissertação de Mestrado, ECA, USP, 1980.
- Guedes, Emmanuel. A Arte de Benedito Calixto. São Paulo. s. ed., 1946.
- Guerrini, Leandro. "Joaquim Miguel Dutra". História de Piracicaba em quadrinhos. Piracicaba: Ed. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970.
- Guimarães, Argeu. História das Artes Plásticas no Brasil. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Anaes do Congresso Internacional de História da América, 1922.

Jorge, Fernando. Vida de Grandes Pintores do Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

Il Brasile e gli Italiani. Firenze: Pubblicazione del Fanfulla, 1906

Lima, Yone Soares de. A ilustração na produção literária. São Paulo - décana de vinte. São Paulo, IEB. USP, 1985.

Marcondes, Athayde. "José Monteiro França", Pindamonhagaba. 1680-1906. S. Paulo: Typografia Espindola e C. 1907.

Motta, Flavio. São Paulo Terra e Povo. Porto Alegre: Edit. Globo, 1967.

Neddermeyer, Jorge. "Aurel Zimmermann, ein deutscher maler in Brasilien". Deutcher vereijn für Wissenschaft und kunst in S. Paulo. S. Paulo: Typ. Hennies Irmãos, 1923.

Ohashi, Helena Pereira da Silva. Minha Vida. S. Paulo: s. ed., 1969.

O Museu Paulista da Universidade de São Paulo. São Paulo: Banco Safra, 1984.

Parreiras, Antonio. História de um pintor contada por ele mesmo. 1882-1926. Niteroy: Typ. Dias, Vasconcelos e C., 1926.

Pontual, Roberto. Dicionário das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969.

Arte Brasileira Contemporânea Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro: S.A. Jornal do Brasil, 1976.

Reis Jr., José Maria dos. História da Pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1969.

Rodrigues, J. Wash. Tropas Paulistas de Outrora. S. Paulo: Coleção Paulística, Governo do Estado, 1978.

Rubens, Carlos. Andersen (Pai da Pintura Paranaense). S. Paulo: Edit. Genauro Carvalho s.s. (194).

_____. Pequena História das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Edit. Nacional, 1941.

_____. História da Pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Min. Rel. Exterior, 1939.

_____. Impressões de Arte. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1921.

Sousa, Alberto. "Jorge Velho". Pontos de Vista. S. Paulo: Casa Edit. J.P. Cardoso, 1909.

_____. "Monteiro França". O chapéu do Lobishomem. S. Paulo: Edit. Sublime Porta, 1926.

Tarasantchi, Ruth Sprung. A vida Silenciosa na Pintura de Pedro Alexandrino. São Paulo: Dissertação de Mestrado ECA, USP: 1981.

Vasconcelos, Moreira. "Benedito Calixto". Pintores Brasileiros. s. ind.

PERIÓDICOS

BENEDITO CALIXTO

PERIÓDICOS

"Exposição de Quadros". Diário Popular. 4 set. 1889, p.2

"Benedito Calixto". O Estado de S.Paulo. 23 jul. 1890, p.1

ALMEIDA JR. "Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 2 ago. 1890.

CAMPOS SOBRINHO, AMERICO. "Benedito Calixto". Correio Paulistano. 3 ago. 1890, p.2.

"Benedito Calixto". Diário Popular. 21 mai. 1892, p.2.

GLORIA, ODORICO. "As telas de Benedito Calixto". Diário Popular. 27 abr. 1892, p. 1.

_____. "Telas de Calixto" Diario Popular. 21 mar. 1892, p.1.

Exposição Calixto". Diario Popular. 28 jul. 1892, p.2.

"Exposição". Diario Popular. 14 ago. 1893, p.2.

B. M. "Exposição de Pintura". Diario Popular. 23 nov. 1893, p.1.

"Benedito Calixto". A Pauliceia. São Paulo, 31 (3 out.1896) ano I.

"Benedito Calixto". Diário Popular. 23 nov. 1896, p.2.

Camarote, Alfredo. "Paisagem". Correio Paulistano. 12 ago. 1898.

"Os nossos artistas: Gino Catani. - B. Calixto - E. Bertozzi".
O Commercio de Campinas. 11 abr. 1901, p.1.

"Pintura Histórica". Diário Popular. 27 fev. 1903, p.1.

E.E. "Exposição Calixto". O Estado de S. Paulo. 7 out.1904.

"Exposição Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 12 mai. 1906, p.2.

"Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 16 ago. 1907, p.2

"Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 26 jun. 1909, p.4

"Exposição Calixto". O Estado de S. Paulo. 11 jul. 1909, p. 5.

"Pedro Correia no seu caminho de Damasco". O Estado de S. Paulo. 11 out. 1910. p. 3.

"Exposição Calixto". Gazeta Artística. Out. 1911, nº 11.

"Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 24 jun. 1912, p.2.

"Benedito Calixto". Vida Moderna. S. Paulo, 220 (mai.1914) ano IX.

"Igreja Sta. Cecilia. Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 16 mai 1917, p. 5.

Lobato, Monteiro. "Exposição Calixto". O Estado de S. Paulo. 28 mai. 1919, p. 2.

Conceição, Julio. "Benedito Calixto". Revista do Museu Paulista. Tomo XVII, S. Paulo, Imprensa Oficial, 1932, p. 495-959.

"Benedito Calixto". Diário Popular. 20 abr. 1936, p.3.

"Benedito Calixto manifesta-se contrário à demolição da Pedra dos Ladrões". Carta reproduzida de Benedito Calixto em 23 set. 1905. O Diário. 22 set. 1943.

"Um Caiçara de Gênio". Paulistania. 18, (jan-mar 1944)ano V

Amoroso Netto, João. "Benedito Calixto e seus quadros sob medida". O Estado de S. Paulo. 5 nov. 1946.

Calixto de Jesus, João Batista. "A Arte de Benedito Calixto". O Estado de S. Paulo. 28 nov. 1946.

Siqueira, Paulo Alves. "Benedito Calixto. O artista e a obra", Paulistania. 29, (out.-dez. 1953).

Mugnaini, Tulio. "Benedito Calixto o grande pintor do litoral e da história paulista". A Gazeta. 31 mai. 1950.

"Primeiro Centenário de nascimento do pintor e historiador Benedito Calixto 1853-1953". Paulistania. 49, p. 5-26, (out.-dez. 1953).

Silveira, Enzo. "Benedito Calixto de Jesus, uma glória autêntica da pintura brasileira". Diário Popular. 11. nov. 1973.

CATÁLOGOS E OUTRAS FONTES

"Benedito Calixto" - XVIII Salão Paulista de Belas Artes.S.
Paulo: 1953.

"Benedito Calixto em Bocaina". Bocaina Secretaria do Est. e
Cult. s.d., 1980.

"Benedito Calixto" - Quatro grandes Pintores em São Paulo -
Sociarte, S. Paulo, 1981.

"Benedito Calixto" - Uma produção sobre papel.Pinacoteca do
Estado. 1984.

Benedito Calixto - Obras Inéditas. Dan Galeria. 5 dez.1984.

Carta de Benedito Calixto ao Dr. Bento Bueno, S.Vicente, 26
ago. 1902.

OSCAR PEREIRA DA SILVA

PERIÓDICOS

"Exposição de Quadros". Correio Paulistano. 9 dez. 1896.

"Em exposição". Diário Popular. 26 ago. 1897.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.27 set.1897,
p.2

Fernando X. Belas Artes. Diário Popular. 5 mar. 1896, p. 1.

"Exposição de quadros". Correio Paulistano. 26 fev. 1896.

"Oscar Pereira da Silva" Correio Paulistano. 27. fev. 1896.

Goes, Enrico de. "Exposição de pintura". Diario Popular. 5 mar. 1898, p. 1.

"Artes e Artistas". O Estado de S. Paulo. 17 jul. 1898, p. 2.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 28 dez. 1898.

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 19 abr. 1900, p. 1.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 4 jan.1901, p. 1.

"Pintor Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 18 mar. 1902, p.2.

"Artes e Artistas". O Estado de S. Paulo. 26 jun. 1902,p.3.

"Artes e Artistas". O Estado de S. Paulo. 1 jan. 1904, p.3.

"Paisagem". Diario Popular. 21 abr. 1904, p.1.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.11 fev.1905, p-2.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 22 nov.1907

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 12 dez.1907

"Artes e Artistas". O Estado de S. Paulo. 13 jul. 1908.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.11 mai.1909, p.3.

- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 5 out.1909, p. 5.
- "Oscar Pereira da Silva". Gazeta Artística.(S. Paulo)7 (primeira quinzena de mar. 1910) ano I.
- "São Paulo em Turim. Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 7 mar. 1911, p. 3.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.18 abr.1911, p. 2.
- "Painel decorativo. Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 12 set. 1911, p. 3.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.25 jul.1912, p. 5.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.27 set.1913, p. 2.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 1 out.1913, p. 5.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo.23 mai.1914, p. 6.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 1 jul.1915, p. 4.
- "Oscar Pereira da Silva. Dois quadros de Almeida Jr". O Estado de S. Paulo. 4 fev. 1916, p. 5.
- "Oscar Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo 12 jan.1918, p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 18 mai.1921.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 27 jun.1925,
p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 24 jan.1928,
p. 6.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 17 set.1930,
p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 31 mar.1935,
p. 5.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 18 jul.1936,
p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 4 ago. 1937,
p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 7 set. 1938,
p.3.

"Oscar Pereira da Silva". Correio Paulistano. 18 jan. 1939,
p. 3.

"Oscar Pereira da Silva". Diario Popular. 16 mar. 1939.

Mugnaini, Tulio. "Oscar Pereira da Silva". Um dos grandes pintores da nossa história. A Gazeta. (S.Paulo) 27 ago. 1949.

Jorge, Fernando. "Oscar Pereira da Silva. Pintor Paulista". Jornal de S. Paulo. 13 ago. 1950.

CATÁLOGOS

Exposição de Pintura Oscar Pereira da Silva. Salão d'O Livro. São Paulo, 1921.

Exposição de Pintura Oscar Pereira da Silva de 1930. São Paulo, 1930.

Exposição de Pintura Prof. Oscar Pereira da Silva. Palácio das Arcadas. S. Paulo, jul. 1936.

Exposição de Pintura Oscar Pereira da Silva. Santos, mai. 1934.

Oscar Pereira da Silva. Atelier do Pintor, Rua das Palmeiras 93 A, São Paulo, 1937.

Exposição de Pintura Oscar Pereira da Silva. Casa das Arcadas. São Paulo, ago. 1937.

Exposição de Pintura de Oscar Pereira da Silva. Santos. mai. 1934.

Exposição de Pintura de Oscar Pereira da Silva. Casa das Arcadas. São Paulo, 2 ago. 1937.

"Oscar Pereira da Silva". X Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo, 1944.

"Oscar Pereira da Silva". XIX Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo, 1954.

"Oscar Pereira da Silva". Quatro Grandes Pintores em S. Paulo. Sociarte, São Paulo, 1981.

BERTHA WORMS

PERIÓDICOS

- "Em exposição". Diario Popular. 9 jul. 1895, p.2.
- "Exposição Bertha Worms". Correio Paulistano. 17 dez. 1895.
- "Exposição Bertha Worms". Correio Paulistano. 19 dez. 1895.
- "Pedro Alexandrino. Bertha Worms". Correio Paulistano. 4
jan. 1896.
- "Atelier de Pintura". Correio Paulistano. 10 jul. 1896,p.1.
- "Exposição de Quadros". Correio Paulistano. 11 ago. 1897.
- "Hospedes Viajantes". Diario Popular. 23 mar. 1903, p. 1.
- "Retrato a oleo". Diario Popular. 5 fev. 1904, p. 1
- "Exposição de Quadros. Madame Bertha Worms" O Estado de S.
Paulo. 12 abr. 1907, p. 3.
- "Exposição Worms". O Estado de S. Paulo. 24 mai. 1907, p.3.
- "Pedro Alexandrino. Irmãos Salinas, Bertha Worms". O Estado
de S. Paulo.28 mar. 1910, p. 5.
- "Bertha Worms". O Estado de S. Paulo. 28 mai. 1910, p. 4.
- "Bertha Worms". Vida Moderna. 293 (3 ago. 1916) ano XI
- "Exposição Bertha Worms". O Estado de S.Paulo. 17 set.1919.
p. 4.

"Exposição Bertha Worms". O Estado de S.Paulo. 6 jan. 1920, p. 3.

"Exposição Pintura Bertha Worms". Vida Moderna. (São Paulo) 374 (15 jan. 1920) ano XVI

"Bertha Worms". O Estado de S.Paulo. 11 abr. 1923, p. 2.

"Bertha Worms". O Estado de S.Paulo. 16 mai. 1928, p. 6.

PEDRO ALEXANDRINO

Tarasanthci, Ruth Sprung. "A Vida Silenciosa na Pintura de Pedro Alexandrino". Dissertação de Mestrado, ECA, USP, São Paulo, 1981.

ALMEIDA JR.

Lourenço, Maria Cecília França. "Reverendo Almeida Junior", Dissertação de Mestrado, ECA, USP, São Paulo, 1980.

ANTONIO FERRIGNO

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 19 jun. 1900, p. 1.

"Exposição de Quadros". Diario Popular. 25 ago. 1900, p. 1.

"Pintura". Diario Popular. 28 ago. 1902, p.1.

"Exposição Ferrigno". O Estado de S.Paulo. 28 nov. 1903, p. 2.

"Exposição Ferrigno". Diario Popular. 10 dez. 1903, p. 1

"Exposição Ferrigno". Diario Popular. 1 jan. 1904, p. 1.

"Benedito Calixto, Oscar Pereira da Silva, Alexandrino, Ferrigno". Renascença. (São Paulo) 8 (jul. 1904) ano I.

"Ferrigno". Renascença. 10 (dez. 1904) ano I.

"Exposição Ferrigno". O Estado de S.Paulo. 16 mar. 1905, p. 3.

OUTRAS FONTES

"A Ferrigno". Algemeines Lexicon der Bilden den Künstler - Leipzig. Verlag von E.A. Seeman 1915, vol. XI, p. 458.

"Antonio Ferrigno". Destaque do mês. Boletim Pinacoteca do Estado, jan 1978.

ROSALBINO SANTORO

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 17 ago. 1895, p. 2.

"Um bom quadro". Diario Popular. 11 ago. 1898, p. 2.

"Rosalbino Santoro". Almanacco del Fanfulla. S.Paulo, Stabimento a vapore del Fanfulla, 1898, p. 348.

"Rosalbino Santoro". O Estado de S.Paulo. 28 nov. 1903, p. 2.

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 18 dez. 1903, p. 1.

"Exposição Santoro". O Estado de S.Paulo. 24 dez. 1903, p. 2.

"Sorteio de Quadros". Diario Popular. 4 fev. 1904, p. 1.

"Pintor Rosalbino Santoro". O Estado de S.Paulo. 5 dez. 1906, p. 3.

"Rosalbino Santoro". O Estado de S.Paulo. 27 jul. 1907, p. 3.

CARLO DE SERVI

PERIÓDICOS

Fernando X. "Carlo de Servi". Diario Popular. 7 out. 1896, p. 1.

"Exposição de Quadros". O Estado de S.Paulo. 15 jul. 1901, p. 2.

H.L. "Exposição de Servi". Diario Popular. 23 jul. 1901, p. 1.

"Retrato". Diario Popular. 7 mai. 1902, p. 1.

"Carlo de Servi". Correio Paulistano. 23 dez. 1902.

"De Servi e Pereira da Silva". Correio Paulistano. 18 fev. 1903, p. 2.

"Exposição Quadros Pintor de Servi". O Estado de S.Paulo. 6 mar. 1903.

"Carlo de Servi". O Estado de S.Paulo. 6 jan. 1908, p. 3.

"Carlo de Servi". O Estado de S.Paulo. 14 jun. 1909, p. 4.

Mattos, Adalberto. "Carlo de Servi". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro), 11 (jul. 1921).

Tulio, Mario. "Carlo de Servi". O Estado de S.Paulo. 22 nov. 1921, p. 2.

ALFREDO NORFINI

PERIÓDICOS

"Pintor Norfini". O Estado de S.Paulo. 30 jul. 1905, p. 2.

"Exposição Norfini". O Estado de S.Paulo. 8 fev. 1911, p.3.

"Exposição Norfini". Vida Moderna. (S.Paulo) 82 (15 fev. 1911) ano VI.

"Exposição Norfini". O Estado de S.Paulo. 2 mar. 1915, p. 5.

"Alfredo Norfini". O Estado de S.Paulo. 19 abr. 1918, p. 4.

"A. Norfini". O Estado de S.Paulo. 7 mai. 1919, p. 4.

"A. Norfini". Revista do Brasil. (São Paulo) 42 (jul. 1919) ano IV, vol. II.

"Excursão Artística". O Estado de S.Paulo. 8 jan. 1921.p.2.

"Exposição Norfini". O Estado de S.Paulo. 14 abr. 1921, p.3.

"A. Norfini". O Estado de S.Paulo. 29 jul. 1922, p. 4.

"Exposição Paulo Rossi e Alfredo Norfini". Vida Moderna. 438
(6 set. 1922) ano XVIII.

"Norfini". Revista do Brasil. (São Paulo) 81 (set. 1922) ano
VII, vol. XXI, p. 79-80.

"Norfini: uma exposição de aquarelas". Vida Moderna. 483(16
out. 1924).

"Norfini". O Estado de S.Paulo. 11 nov. 1926, p. 4.

"A próxima exposição de José Boscagli e Alfredo Norfini".
Diário Popular. 6 out. 1936, p. 2.

Pastorino, Torres. "Exposição A. Norfini". Gazeta de Notícias.
(Rio de Janeiro), 10 set. 1941.

T.G. "Alfredo Norfini". Correio da Manhã. (Rio de Janeiro)
10 set. 1941.

CATÁLOGOS E OUTRAS FONTES

"Desenhos de A. Norfini. O Velho Brasil Época Colonial". Mi-
nas Gerais, 1921.

Aquarelas e desenhos de A. Norfini. Texto Gustavo Barroso.
Documentário Iconográfico de Cidades e Monumentos do Bra-
sil. Rio de Janeiro, Minist. Educ. Cultura, 1933.

Catálogo. Exposição de Aquarelas e Temperas de A. Norfini.
Pernambuco, Recife, 1941.

"Alfredo Norfini". XI Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo, 1945.

"Divani e Norfini". Museu Lasar Segall. São Paulo, 1981.

BENJAMIN PARLAGRECO

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 3 jan. 1898, p. 2.

"Benjamin Parlagreco". O Estado de S.Paulo. 9 jan. 1898, p. 3.

"Exposição de Pintura". Diario Popular. 23 dez. 1901, p. 1.

"Exposição de Pintor Benjamin Parlagreco". O Estado de S. Paulo. 27 dez. 1901.

Benjamin Parlagreco". O Estado de S.Paulo. 6 jan. 1902, p.2.

"Exposição Parlagreco". Diario Popular. 15 mar. 1912, p. 1.

"Benjamin Parlagreco". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro) 85 (set. 1927).

SALVADOR PARLAGRECO

PERIÓDICOS

"Pintura". Diario Popular. 17 set. 1904, p. 1.

"Salvador Parlagreco". O Estado de S.Paulo. 3 ago. 1905, p. 3.

"Salvador Parlagreco". O Estado de S.Paulo. 31 ago. 1905,p. 3.

"Salvador Parlagreco". Diario Popular. 17 ago. 1912, p. 1.

"Exposição de Pintura". Vida Moderna. 240 (24 set. 1914).

BEATRIZ POMPEU DE CAMARGO

PERIÓDICOS

"Exposição de quadros". O Estado de S.Paulo. 18 jan. 1909, p. 4.

"Exposição Pintura Beatriz Pompeu". O Estado de S.Paulo. 6 fev. 1913, p. 5.

"D. Beatriz Pompeu de Camargo". Vida Moderna. 156 (13 fev. 1913).

"Beatriz Pompeu". Vida Moderna. (São Paulo)158 (27 fev.1913).

"Exposição de Pintura Beatriz Pompeu de Camargo". O Estado de S.Paulo. 18 jun. 1916, p. 5.

"Exposição Beatriz Pompeu Camargo". Vida Moderna. 290 (22 jun. 1919).

"Senhorita Beatriz Pompeu". O Estado de S.Paulo. 13 out. 1919, p. 2.

CATÁLOGO

"Beatriz Pompeu Camargo". Arte Christã. Rio de Janeiro,1917

NICOTA BAYEUX BENAIN

PERIÓDICOS

"Nicota Bayeux Benain". Vida Moderna. 157 (20 fev. 1913).

"D. Nicota Bayeux". Vida Moderna. 184 (28 ago. 1913).

"Nicota Bayeux". Folha da Noite. 27 jan. 1923.

Vieira, Lellis. "A Arte de D. Nicota Bayeux". A Gazeta. 5 fev. 1923.

"Nicota Bayeux". A Cigarra. São Paulo, 202 e 203 (1 mar. 1923) ano X.

"Exposição de Pintura". Diário do Povo. (Campinas) 15 jan. 1924.

"D. Nicota Bayeux" A Onda. (Campinas) 30 jan. 1924.

"Exposição de Pintura". A Plateia (São Paulo) 30 jan. 1924.

CATÁLOGOS

Exposição de Pinturas Nicota Bayeux. Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. ago. 1913.

Exposição Nicota Bayeux. Galeria Edison, S. Paulo, jan. 1923.

Exposição póstuma de Nicota Bayeux Benain. Campinas, jan. 1924.

MARIO VILLARES BARBOSA E DARIO VILLARES BARBOSA

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura Oscar-Villares". Diario Popular. 27 set. 1901, p. 1.

"Mario e Dario Villares Barbosa". O Estado de S.Paulo. 2 jun. 1907.

"Pintores Brasileiros". O Estado de S.Paulo. 2 fev. 1909, p. 5.

"Irmãos Barbosa". O Estado de S.Paulo. 8 jun. 1910, p. 7.

"Os irmãos Barbosa". Gazeta Artística (S.Paulo) 11 (1a e 2a quinzena jun. 1910).

"Dario e Mario Barbosa". O Estado de S.Paulo. 18 mar. 1916.

"Dario Villares Barbosa". Diario Popular. 6 fev. 1934, p.2.

"Dario Villares Barbosa". O Estado de S.Paulo. 3 dez. 1935, p. 5.

"Dario Villares Barbosa". O Estado de S.Paulo. 8 jan. 1936, p. 3.

"Exposição Dario Villares Barbosa". A Gazeta. 25 jan. 1936, p. 3.

CATÁLOGO

Dario Villares Barbosa. XVIII Salão Paulista de Belas Artes
São Paulo, 1953.

JOSÉ MONTEIRO FRANÇA

PERIÓDICOS

- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 3 dez. 1906, p. 4.
- "José Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 5 dez. 1907.
- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 6 jun. 1912, p. 5.
- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 2 jul. 1912, p. 2.
- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 22 mai. 1915, p. 4.
- "Monteiro França. Paulo do Valle". O Estado de S.Paulo. 21 jan. 1916, p. 6.
- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 17 jan. 1921, p. 4.
- "Monteiro França". A Garoa (S.Paulo) 7 (3 jan. 1922).
- "Monteiro França". O Estado de S.Paulo. 2 dez. 1922, p. 5.
- C.C. "Exposição Monteiro França". A Cigarra (S.Paulo) 198 (15 dez. 1922) ano X.

CATÁLOGO

- "Monteiro França". XI Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo, 1945.

PAULO DO VALLE JR.

PERÍODICO

- "Paulo do Valle". Diario Popular, 23 nov. 1912, p. 2.
- "Paulo do Valle". O Estado de S.Paulo. 14 fev. 1913, p. 2.
- "Paulo do Valle". O Estado de S.Paulo. 20 nov. 1914, p. 2.
- "Paulo do Valle Jr". O Estado de S.Paulo. 7 jul. 1915, p.5.
- Lobato, Monteiro. "Dois pintores paulistas". Revista do Brasil. (São Paulo) 12 (dez. 1916) ano I, vol. 3, p. 395-403.
- "Impressões de um atelier". O Estado de S.Paulo. 21 mai. 1919, p. 5.
- "Paulo do Valle Jr". O Estado de S.Paulo. 17 mar. 1920, p. 3.
- "Paulo do Valle Jr". O Estado de S.Paulo. 3 jun. 1921, p.3.
- "Paulo do Valle Jr". O Estado de S.Paulo. 22 abr. 1922, p. 2.
- F. "Paulo do Valle". A Garoa. São Paulo 12 (10 jun.1922)ano I.
- "Homenagem ao pintor Valle Junior". A Gazeta. 13 set. 1938, p. 4.
- Caruso Netto. "Paulo do Valle Jr". Folha da Manhã. (Suplemento) 29 jun. 1941, p. 2.

Siqueira, Paulo A. "Paulo do Valle Jr". Paulistania. 20 (7 ago. 1947) p. 14-15.

"Jubileu de Ouro de um Artista". A Gazeta. 13 nov. 1953.

Fotos de obras de Paulo do Valle Jr. Suplemento Correio Paulistano. 20 dez. 1953.

"A Exposição de Paulo do Valle Jr". Habitat. (S.Paulo) 34 set. 1956) p. 15.

"Faleceu ontem o pintor Paulo do Valle Junior". O Estado de S.Paulo. 20 mai. 1958.

"Paulo do Valle Jr". Diario de São Paulo. 4 dez. 1966.

Naso, Americo Italo. "Paulo do Valle Jr". A Tribuna. (Santos) 20 nov. 1976.

CATÁLOGOS

"Paulo do Valle Jr". 2º Salão de Belas Artes de Piracicaba. 1954.

Catálogo - Exposição de Pintura Retrospectiva. Paulo do Valle Jr. São Paulo, Galeria Prestes Maia, 1956.

"Paulo do Valle Jr". XXIII Salão Paulista de Belas Artes. Gal. Prestes Maia, nov. 1958.

"Paulo do Valle Jr". XXV Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo. 1960.

"Paulo do Valle Jr". Quatro Grandes Pintores em S.Paulo. Sociarte, São Paulo, 1981.

JOSÉ MARQUES CAMPÃO

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 10 jun. 1909, p. 4.

"Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 9 jul. 1910, p. 4.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 16 mar. 1915, p.4.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 16 out. 1919, p.2.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 18 dez. 1921, p.3.

J. Marques Campão. Foto do ateliê. Ilustração Brasileira (Rio de Janeiro) 21 (mai. 1922).

"Exposição Campão". A Cigarra. São Paulo 185 (1 jun. 1922) ano X.

"Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 7 jul. 1922, p. 2.

"José Marques Campão". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro) 29 (jan. 1923).

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 25 abr. 1924, p.3.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 3 mar. 1925, p.3.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 20 set. 1931, p.2.

"J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 6 abr. 1932, p.3.

- "Exposição de Aquarelas", O Estado de S.Paulo. 28 mai.1933, p. 3.
- "Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 11 nov. 1934, p. 4.
- "Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 15 abr. 1936, p. 3.
- "Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 9 abr. 1937, p. 3.
- "J. Marques Campão". O Estado de S.Paulo. 17 mai. 1938,p.4.
- "Exposição Marques Campão". Jornal do Brasil. (Rio de Janeiro) 17, jul. 1945.
- Bento, Antonio. "O Sucesso de Campão". Diario Carioca. (R. J.) 18 jul. 1945.
- Campofiorito, Quirino. "Marques Campão". Diario da Noite. (R.J.) 2 ago. 1948.
- Pelanda, Ernesto. "A pintura de Marques Campão".____ (Porto Alegre) ago. 1948.
- "Visitando nossos artistas". A Gazeta. 14 out. 1948.
- Silva, Quirino da. "José Marques Campão".____ dez. 1949.
- "XVI Salão Paulista de Belas Artes". A Gazeta. 11 mai.1951.
- Mugnaini, Tulio. "José Marques Campão". A Gazeta. 13 dez. 1952.

CATÁLOGOS E OUTRAS FONTES

Catálogo. José Marques Campão. Galeria Lebreton. Rio de Janeiro 16 a 31 jul. 1945.

Catálogo. Exposição de pintura de J. Marques Campão. Rio de Janeiro, Salão Nobre do Palace Hotel, ago. 1948.

"José Marques Campão". Boletim Associação Paulista de Belas Artes. 33 (jan-fev. 1950).

"José Marques Campão". XVI Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo. 1951.

TORQUATO BASSI

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura Bassi". O Estado de S. Paulo. 16 dez. 1907, p. 3.

"Torquato Bassi". O Estado de S. Paulo. 17 dez. 1908, p. 7.

"Torquato Bassi". Diario de São Paulo. 18 dez. 1908.

Pestana, Nestor. "Exposição Bassi". O Estado de S. Paulo. dez. 1909.

"Exposição de pintura". O Commercio de São Paulo. 27 dez. 1909, p. 3.

"Exposição de Quadros Torquato Bassi". O Estado de S. Paulo. 3 set. 1911, p. 3.

- "L'esposizione del Pittore Bassi". Fanfulla. (São Paulo) 5 set. 1911.
- "Exposição de Belas Artes". Vida Moderna (São Paulo) 100(18 jan. 1912) ano VII.
- "A Exposição do Prof. Bassi". Diário do Povo. (Campinas) 9 abr. 1912.
- "Belas Artes". Diario Popular. (São Paulo) 25 jul. 1914, p. 3.
- "Exposição de Pintura T. Bassi". O Estado de S.Paulo. 30 mar. 1916, p. 6.
- "Torquato Bassi". O Estado de S.Paulo. 23 mai. 1917, p. 5.
- "Torquato Bassi". Vida Moderna. 318 (16 ago. 1917).
- "Oscar Pereira da Silva e Torquato Bassi". O Estado de S. Paulo. 12 mar. 1918, p. 2.
- Lobato, Monteiro. "A Fernandez e Torquato Bassi". Revista do Brasil. (S. Paulo) 46 (out. 1919) ano IV vol. 12, p. 178
- d'Assumpção, Dr. Pamphilo. "Exposição de Pintura T. Bassi". _____ (Curitiba), 1919.
- "T. Bassi". O Estado de S.Paulo. 11 mar. 1920, p. 3.
- "T. Bassi". O Estado de S.Paulo. 22 jul. 1921, p. 3.
- Fernandez, A. "De uns e outros. (T. Bassi). Jornal do Recife. 12 jul. 1922.

"T. Bassi". O Estado de S.Paulo. 17 mar. 1925, p. 3.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 20 mar. 1928,
p. 4.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 24 dez. 1929,
p. 4.

"Torquato Bassi". O Estado de S.Paulo. 1 ago. 1935, p. 5.

Mondim, Cyro. "Exposição Torquato Bassi". A Gazeta. 19 ago.
1935, p. 5.

"Torquato Bassi". O Estado de S.Paulo. 4 jul. 1937, p. 3.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 30 jul. 1938,
p. 4.

"Torquato Bassi". O Estado de S.Paulo. 1 ago. 1939, p. 5.

Martins, Ibiapaba. "Bassi: 70 anos de vida quase 70 de pin-
tura". Correio Paulistano. 21 nov. 1954.

CATÁLOGOS

"Torquato Bassi". Grupo Almeida Jr., São Paulo, Palácio das
Arcadas; 1929.

Exposição de Pintura - T. Bassi. São Paulo, Casa das Arca-
das 54, s.d.

CAMPOS AYRES

PERIÓDICOS

"Quadros". Correio Paulistano. 27 jul. 1912.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 4 abr. 1914, p. 6.

"Exposição Campos Ayres". Vida Moderna. (São Paulo) 222 (21 mai. 1914).

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 22 jul. 1917, p. 5.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 6 dez. 1918, p. 3.

Lobato, Monteiro. "Exposição Campos Ayres". O Estado de S. Paulo. 5 fev. 1919, p. 4.

"Campos Ayres"."João Dutra".Vida Moderna. 353 (26 fev.1919) ano XV.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 6 dez. 1922, p. 2.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 2 abr. 1929, p. 6.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 5 jan. 1933, p. 2.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 16 jan. 1934, p. 2.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 2 jun. 1936, p. 5.

"Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 7 out. 1938, p. 4.

"Exposição Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 4 jul. 1940, p. 3.

Conte, Alberto. "Campos Ayres". O Estado de S.Paulo. 30 dez. 1944.

Mugnaini, Tulio. "Diogenes de Campos Ayres". A Gazeta. (S. Paulo) 28 dez. 1953.

CATÁLOGO

"Campos Ayres". XI Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo, 1945.

JOSÉ WASTH RODRIGUES

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura J. Wasth Rodrigues". O Estado de S. Paulo. 7 mar. 1910, p. 4.

"Pintores Paulistas no Salon". O Estado de S.Paulo. 5 mai. 1914, p. 6.

"Wasth Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 24 nov. 1914, p. 5.

"A Arte em S.Paulo". O Estado de S.Paulo. 10 fev. 1915, p.4.

"J. Wasth Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 27 dez. 1915, p. 6.

"José Wasth Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 4 jan. 1916, p. 6.

- Lobato, Monteiro. "A propósito de Wash Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 9 jan. 1916, p. 5.
- "Exposição de Pintura". Vida Moderna. 282 (24 fev. 1916).
- P. "Coisas da Cidade. S.Paulo Antigo". O Estado de S.Paulo. 14 jun. 1919, p. 5.
- "J. Wash Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 11 ago. 1921, p. 3.
- "José Wash Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 20 dez. 1923, p. 2.
- "José Wash Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 9 jan. 1925, p. 2.
- "Arquitetura Colonial". O Estado de S.Paulo. 16 abr. 1926, p. 3.
- "Beneficiamento do Café. José Wash Rodrigues". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro) 85 (set. 1927).
- "José Wash Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 23 mar. 1928, p. 4.
- "José Wash Rodrigues. (Mobiliário)". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro) 91 (mar. 1928) ano IX.
- "José Wash Rodrigues. Theodoro Braga. Casa das Arcadas". Ilustração Brasileira. 109 (set. 1929).
- "José Wash Rodrigues". A Manhã. (Rio de Janeiro) 30 ago. 1942.

"J. Wasth Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 23 abr. 1957.

"Grande Artista do Turismo". O Estado de S.Paulo. 5 mai. 1957.

Mugnaini, Tulio. "Lembrando um grande Artista. José Wasth Rodrigues". A Gazeta. 11 jun. 1957.

CATÁLOGOS E OUTRAS FONTES

Rodrigues, J. Wasth. Tropas Paulistas de Outrora. Gov.do Estado de São Paulo. Col. Paulistica, 1978, vol. XI.

"J. Wasth Rodrigues". XXII Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo, nov. 1957.

"J. Wasth Rodrigues". XXV Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo, nov. 1960.

CLODOMIRO AMAZONAS

PERIÓDICOS

"Clodomiro Amazonas". Diario Popular. 7 ago. 1912, p. 1.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 15 mar. 1918, p. 6.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 9 abr. 1918.

"C. Amazonas". O Estado de S.Paulo. 5 nov. 1921, p. 2.

Don Gil. "No Atelier do Artista". A Cigarra. (São Paulo) 19 mai. 1922.

- "Clodomiro Amazonas". Fon-Fon. (Rio de Janeiro) 26 ago. 1922.
- M.V. "Clodomiro Amazonas". Vida Moderna. (São Paulo) 445 (5 jan. 1923).
- Seixas, Aristides. "Clodomiro Amazonas". Folha da Noite. (S. Paulo) 22 jun. 1923.
- Don Gil. "Clodomiro Amazonas". Vida Moderna. 452 (17 mai. 1923).
- "Clodomiro Amazonas". A Garoa. (São Paulo) 19 jun. 1923, ano II.
- "Exposições de Pintura". A Garoa. 30 (20 fev. 1924) ano II.
- "C. Amazonas". O Estado de S.Paulo. 17 nov. 1924, p. 2.
- "Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 9 jan. 1925, p.2.
- AFI. "Clodomiro Amazonas". A Semana. (Belém do Pará). 3 out. 1925.
- "Palavra de Clodomiro Amazonas à Gazeta". A Gazeta de Notícias. (Rio de Janeiro), 1925.
- Rubens, Carlos. "Sugestões da Paisagem Brasileira". Jornal do Brasil. (Rio de Janeiro) 6 ago. 1926.
- "Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 16 dez. 1926, p. 5.
- "Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 19 mai. 1928, p. 5.

"Visita ao Atelier de Clodomiro Amazonas". Folha da Manhã.
12 abr. 1929, p. 11.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 16 abr. 1929, p.
8.

"Uma Exposição de Clodomiro Amazonas". Diario de São Paulo.
19 abr. 1931, p. 5.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 1 nov. 1931, p.4.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 24 mai. 1933, p.
3.

"Clodomiro Amazonas". O Estado de S.Paulo. 1 dez. 1934, p.3.

"Clodomiro Amazonas". Museu de Arte Moderna". A Gazeta. 25
abr. 1946.

CATÁLOGOS

Exposição de Pintura de Clodomiro Amazonas, S.Paulo, 1 ago.
1912.

Exposição Clodomiro Amazonas. Fortaleza, out. 1925.

Exposição de C. Amazonas. S. Paulo, mai. 1933.

Exposição de Pintura de Clodomiro Amazonas. S.Paulo.Galeria
Blanchon.: mai. 1928.

Exposição de Paisagens do Brasil do Professor C. Amazonas.
Rio de Janeiro. Gal. de Arte Rio Branco: jan. 1953.

Clodomiro Amazonas. XVIII Salão Paulista de Belas Artes. S.
Paulo: 1953.

ALIPIO DUTRA

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 8 jul. 1912, p. 4.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 15 abr. 1913, p. 2.

Maia, Saul. "Alipio Dutra". Vida Moderna. 287 (11 mar. 1916).

"Alipio Dutra". Diario Popular. 16 dez. 1916, p. 2.

Lobato, Monteiro. "Exposição Alipio Dutra". O Estado de S. Paulo. 20 dez. 1916, p. 2.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 26 abr. 1917, p. 3.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 5 out. 1919, p. 5.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 15 jan. 1920, p. 2.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 3 jun. 1921, p. 3.

"Alipio Dutra". O Estado de S.Paulo. 8 jul. 1926, p. 2.

"Exposição Irmãos Dutra". O Estado de S.Paulo. 14 fev.1937, p. 3.

M.F. "Exposição de Pintura e Escultura". Correio de S.Paulo. 16 fev. 1937.

Polillo, Raul. "As telas de Alipio Dutra". Folha da Manhã. 17 fev. 1937.

Andrade, Euclides. "IX Salão Paulista". Paulistania. 15
(abr.-jun. 1943), ano IV.

"Alipio Dutra". Elite. (São Paulo) 10-11 (out.-nov. 1947) a
no II

"Faleceu ontem em São Paulo o pintor Alipio Dutra". Jornal
de Piracicaba 23 jan. 1964.

Mugnaini, Tulio. "Alipio Dutra". A Gazeta. (São Paulo) 26
jan. 1964.

CATÁLOGOS

Exposição de Pintura do Prof. Alipio Dutra. Jahú, 1915.

Exposição de Pintura dos Irmãos Dutra com o Escultor J. B.
Ferri. S. Paulo. Palácio das Arcadas, 1937.

"Alipio Dutra". XXV Salão Paulista de Belas Artes. S.Paulo.
1960.

JOÃO DUTRA

PERIÓDICOS

Maia, Saul. "Pintura". Jornal de Piracicaba. 1911.

"Exposição". Jornal de Piracicaba. jul. 1911.

"João Dutra". Jornal de Piracicaba. 30 ago. 1911

"Professor João Dutra". Diario. (Rio Claro), 1912

- Maia, Saul. "João Dutra", Jornal de Piracicaba. 11 jul. 1914.
- Peixoto, Raul. "Um artista que surge". Gazeta do Povo. (São Paulo) 16 mar. 1915.
- Léo e Saul. "João Dutra". Jornal de Piracicaba. 30 dez.1915
- "João Dutra". Silhueta. (Campinas) 4 mar. 1916.
- "Exposição Geral de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 10 set. 1918.
- Andrade, Thales de. "João Dutra". Jornal de Piracicaba.1918
- "João Dutra". O Estado de S.Paulo. 15 fev. 1919, p. 3.
- Lobato, Monteiro. "Exposição João Dutra". O Estado de S. Paulo. 13 mar. 1919, p. 2
- Vaz, Leo. "A história de um pote", A Cigarra. (São Paulo). 25 mar. 1919.
- "João Dutra". Correio Paulistano. jan. 1921.
- "Um artista de valor". Vida Moderna.399 (27 jan. 1921).
- Viegas, Alceu. "Exposição de Pintura". Jornal de Piracicaba. jan. 1922.
- Barros, Olavo de Carvalho. "João Dutra". Correio de Botucatu. 1 abr. 1922.
- "João Dutra". O Estado de S.Paulo. 18 jan. 1923, p. 3.

Sylos, H. de. "João Dutra". Vida Moderna. 447 (31 jan.1923) ano XIX.

"Exposição João Dutra". Gazeta do Povo. (Barretos) 20 fev. 1924.

"João Dutra". Comarca de Catanduva. 12 set. 1926.

"O Salon de 1927". O Estado de S.Paulo. 25 ago. 1927.

"João Dutra". Piratininga. 14 out. 1928

"Pintor João Dutra". Jornal de Tatuhy. 8 fev. 1931.

"Exposição de Pintura dos Irmãos Dutra". O Estado de S.Paulo. 2 fev. 1937, p. 5.

"A pintura de João Dutra". Folha da Manhã. 12 fev. 1937.

"Os Dutras". Correio Paulistano. 5 fev. 1942.

CATÁLOGOS

João Dutra. Exposição de Pintura. São Paulo. 1919.

Exposição de Pinturas dos Irmãos Dutra com o escultor J.B. Ferri. S.Paulo, Palácio das Arcadas, 1937.

"João Dutra". 2º Salão de Belas Artes de Piracicaba. 1954.

Exposição de pinturas-Irmãos Dutra: João e Arquimedes. Centro Cultural e Recreativo "Cristovão Colombo". 21 out. a 6 nov. 1978.

TULLIO MUGNAINI

PERIÓDICOS

"Exposição Tullio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 14 out. 1913, p.2.

"Tullio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 11 mar. 1914, p. 8.

"Tullio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 18 set. 1916, p. 5.

"Tullio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 14 nov. 1916, p. 5.

"T. Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 19 jan. 1918, p. 5.

Pestana, Nestor. "Tulio Mugnaini". Revista do Brasil. (São Paulo) 26 (fev. 1918) ano III, vol. 7.

"Exposição T. Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 14 set. 1919, p. 5.

P. "Visita a um atelier". O Estado de S.Paulo. 11 out. 1919.

"Tullio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 24 ago. 1920.

"Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 29 abr. 1921, p. 4.

"T. Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 18 mai. 1922, p. 4.

"Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 26 abr. 1923, p. 3.

Blanchon, Henry. "Un grand Peintre Brésilien: Tullio Mugnaini". Brazil. (Paris) 9 (14 nov. 1925) ano I.

"Tulio Mugnaini. De la vie parisienne. The New York Herald. (Paris) 7 nov. 1925.

- "Tulio Mugnaini", O Estado de S.Paulo. 29 jan. 1926, p. 3.
- "Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 24 fev. 1926, p. 2.
- "Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 10 mai. 1926, p. 4.
- M. de A. "Tullio Mugnaini". Diario Nacional. 10 jul. 1928.
- P. de M. "Os que fazem modernismo e os que dele se distanciam, na pintura. Correio Paulistano. 21 jul. 1928.
- "Tulio Mugnaini. O momento Artístico na Pauliceia". A Gazeta. 26 jan. 1931.
- "Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 15 jan. 1935, p. 4.
- "Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 1 abr. 1936, p. 2.
- "Tulio Mugnaini". O Estado de S.Paulo. 31 mar. 1937, p. 3.
- R.M. "Tulio Mugnaini". Correio Paulistano. 6 abr. 1937.
- Mendes, Amadeu. "A Exposição Tulio Mugnaini". Correio Paulistano. 13 abr. 1938.
- "Tullio Mugnaini e Ernani Dias". O Estado de S.Paulo. 10 abr. 1940, p.3.
- Florençano, Paulo C. "Tulio Mugnaini". Paulistania. 33 (1950).
- "A arte perde um pintor: Mugnaini". Jornal da Tarde. 31 mar. 1975.

CATÁLOGOS

Primeira Exposição de Pintura de Tullio Munhaini Otello. São Paulo, Cinema Radium, 1913.

Exposição Mugnaini. São Paulo. Camara Portuguesa: 1920.

Exposição Tulio Mugnaini. S. Paulo, Galeria Jorge: mai. 1926.

Exposição de Pintura de Tulio Mugnaini. S. Paulo Galeria de Arte Hugo: 1953.

Tulio Mugnaini. XXV Salão Paulista de Artes. S. Paulo:1960.

Exposição Tulio Mugnaini. S. Paulo, Sociarte. out. 1971.

"Tulio Mugnaini". Destaque do Mês. Boletim 140, Pinacoteca do Estado; out. 1980.

PAULO VERGUEIRO LOPES DE LEÃO

PERIÓDICOS

"Paulo Vergueiro Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 31 jan. 1913.

M.T.P. "Um artista". Diario Popular. 28 fev. 1913, p. 2.

"Lopes de Leão". Vida Moderna. 160 (13 mar. 1913).

"Paulo Vergueiro Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 8 mar. 1915, p. 5.

"Paulo Vergueiro Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 14 abr. 1920, p. 3.

- "Lopes de Leão. O Estado de S.Paulo. 30 abr. 1920, p. 3.
- "Lopes de Leão. O Estado de S.Paulo. 18 jun. 1920, p. 3.
- "Belas Artes". Diario Popular. 22 mai. 1924, p. 1.
- "Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 21 dez. 1924, p. 3.
- G. "Lopes de Leão". Diario Popular. 27 dez. 1924, p. 2.
- "Lopes de Leão". Revista do Brasil. 109 (jan. 1925) vol. XXX.
- "Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 1 fev. 1925.
- "Paulo Vergueiro Lopes de Leão". O Estado de S.Paulo. 7 mar. 1929, p.4.
- "Exposição Lopes de Leão". Correio Paulistano. 19 mar.1929.
- Bueno, Silveira. "Um pintor nacionalista. Lopes de Leão". Folha da Manhã. 30 mar. 1929, p. 3.
- "Várias". Diario Popular. 30 ago. 1932, p. 2.
- "Os pintores de S.Paulo protestam". Diario Popular. 10 ago. 1934.
- "Homenageado o Pintor Lopes de Leão". Correio Paulistano. 30 jul. 1938, p. 2.
- Mugnaini, Tulio. "Lopes de Leão". A Gazeta. 19 set. 1964.

CATÁLOGOS

"Paulo Vergueiro Lopes de Leão". 2º Salão de Belas Artes de S. Paulo. 1954.

"Paulo Vergueiro Lopes de Leão". XXV Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo. 1960.

HELENA PEREIRA DA SILVA OHASHI

PERIÓDICOS

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 23 mai. 1915, p. 4.

"Dois quadros-Helena Pereira da Silva". O Estado de S. Paulo. 16 jan. 1917, p. 5.

"Helena Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 25 jun. 1924, p. 3.

"Helena Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 27 jan. 1926, p. 3.

"Helena Pereira da Silva". O Estado de S.Paulo. 6 mai. 1932, p. 2.

"Exposição Ohashi". O Estado de S.Paulo. 20 nov. 1940, p.3.

"Exposição de pintura da consagrada artista Helena da Silva Ohashi". Diário do Povo. (Campinas), 10 nov. 1951.

CATÁLOGO

Helena Pereira da Silva Ohashi - Exposição de Pintura - Homenagem póstuma. Centro Cultural Brasil-Japão, São Paulo 1969.

ENRICO VIO

PERIÓDICOS

"Prof. de Desenho". O Estado de S.Paulo. 6 mar. 1914, p. 3.

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo. 31 ago. 1917, p. 2.

Lobato, Monteiro. "Exposição de Henrique Vio". O Estado de S.Paulo. 9 abr. 1918.

"Exposição Enrico Vio". Vida Moderna. 333 (11 abr. 1918).

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo. 13 abr. 1918, p. 2.

"Exposição Enrico Vio". Vida Moderna. 335 (14 mai. 1918).

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo. 19 ago. 1921, p. 4.

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo. 22 ago. 1922, p. 4.

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo, 12 jan. 1924, p. 3.

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo, 2 fev. 1925, p. 3.

"Henrique Vio". O Estado de S.Paulo, 11 jun. 1927, p. 2.

"Professor Henrique Vio". Resenha Artística de São Paulo. 2-3 (dez. 1960 - jan. 1961) ano I.

CATÁLOGO

"Henrique Vio". XXVI Salão Paulista de Belas Artes. S. Paulo, Galeria Prestes Maia, nov. 1961.

ANTONIO ROCCO

PERIÓDICOS

"O Exímio pintor Antonio Rocco". A Cigarra. (São Paulo) 21 (11 mai. 1915).

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 27 nov. 1916, p. 2.

"Exposição Antonio Rocco". Vida Moderna. (São Paulo) 336(30 mai. 1918).

Pestana, Nestor. "Movimento Artístico". Revista do Brasil. (São Paulo) 30 (jun. 1918) ano III, vol. 8.

"A. Rocco". O Estado de S.Paulo. 17 jun. 1918, p. 4.

De Rocchi, Leopoldo. "Antonio Rocco". Dalla Fazenda Paulistana all'esposizione di Rio". Fanfulla. (São Paulo). jul. 1919.

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 23 abr. 1920, p. 3.

"Exposição de Pintura". O Estado de S.Paulo. 13 abr. 1921, p. 2.

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 17 nov. 1923, p. 3.

"No atelier do pintor Antonio Rocco". A Plateia. (São Paulo) 1 set. 1926.

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 12 jan. 1929, p. 6.

"Uma Exposição de pintura em S.Paulo". O Jornal. (Rio de Janeiro) 27 jan. 1929.

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 25 fev. 1933, p. 4.

"Antonio Rocco". O Estado de S.Paulo. 11 abr. 1940, p. 4.

S.P. "Exposição de Pintura-Antonio Rocco". A Gazeta. 18 abr. 1940.

Mugnaini, Tulio. "Antonio Rocco. Vida e obra dos grandes plásticos paulistas". A Gazeta. 9 out. 1954.

CATÁLOGOS

"Exposição de pintura-Antonio Rocco". S.Paulo. Predio das Arcadas: abr. 1940.

"Exposição Póstuma de Pintura Prof. Antonio Rocco". S. Paulo. Galeria Itá: ago. 1947.

"Antonio Rocco". XI Salão Paulista de Belas Artes. S.Paulo. 1945.

Bousso, Vitoria Daniela. "Antonio Rocco 1880/1980 - Centenário de nascimento - S. Paulo, Pinacoteca do Estado, 1980.

GIUSEPPE PERISSINOTTO

PERIÓDICOS

"G. Perissinotto". O Estado de S.Paulo. 22 jan. 1922, p. 4.

"Exposição de pintura". O Estado de S.Paulo. 25 dez. 1929,
p. 3.

"G. Perissinotto". O Estado de S.Paulo. 18 dez. 1934, p.3.

"Exposição Perissinotto". Diario Popular. 6 out. 1936,p.12.

"Giuseppe Perissinotto". O Estado de S.Paulo. 4 mar. 1938,
p. 3.

"G. Perissinotto". O Estado de S.Paulo". 8 jan. 1939, p. 3.

"José Perissinotto". O Estado de S.Paulo. 25 fev. 1940,p.3.

Silva, Quirino da. "Perissinotto". Diario da Noite. Ed. Ma-
tutina. (São Paulo) 8 nov. 1973.

Silva, Quirino. "Giuseppe Perissinotto". Diario de S.Paulo.
11 nov. 1973.

"Perissinotto, brinquedo, video, decoração". O Estado de S.
Paulo. 19 nov. 1981.

"Uma exposição com as obras de Giuseppe Perissinotto". Dia-
rio Popular. 20 nov. 1981.

CATÁLOGO

"Teixeira Leite, José Roberto". Perissinotto 1881-1965. Exposição comemorativa do centenário de nascimento" (São Paulo). Escrit. de Arte Renato Magalhães Gouveia, 17 set. 1981.

OUTROS PINTORES PAULISTAS, ESTRANGEIROS E DE OUTRAS PARTES DO BRASIL.

"Antonio Parreiras". Diario Popular. 22 mai. 1893, p. 2

Lagôa, Rogo. "Exposição Parreiras". O Comércio de S. Paulo. 17 ago. 1894.

"Antonio Parreiras". O Comércio de S.Paulo. 6 ago. 1895.

"Roberto Mendes". O Estado de S.Paulo. 18 ago. 1898, p. 2.

"Aurelio de Figueiredo". O Estado de S.Paulo. 6 out. 1898, p. 3.

"Exposição João Rodrigues Barbosa". O Estado de S.Paulo. 21 jan. 1903, p. 2.

R. de L. "João Barbosa Rodrigues". O Estado de S.Paulo. 30 jan. 1903, p. 2.

"Exposição Visconti". O Estado de S.Paulo. 11 mar. 1903,p.2

"Antonio Parreiras". O Estado de S.Paulo. 17 nov. 1903,p.2.

"Antonio Parreiras". O Estado de S.Paulo. 12 jul. 1904,p.2.

- "Pietro Strina". O Estado de S.Paulo. 27 abr. 1905, p. 2.
- "Aurelio de Figueiredo". O Estado de S.Paulo. 28 jun. 1905, p. 2.
- "Exposição Weingartner". O Estado de S.Paulo. 2 ago. 1905, p. 2.
- "José Cavaliere". O Estado de S.Paulo. 17 jan. 1906, p. 2.
- "Lucilio de Albuquerque". O Estado de S.Paulo. 9 mar. 1906.
- "Exposição Zimmermann". O Estado de S.Paulo. 17 mai. 1907, p. 3.
- "Exposição Jonas de Barros". O Estado de S.Paulo. 22 mai. 1907, p. 3.
- "Exposição de Pintura Sra. Frances Brown". O Estado de S. Paulo. 1 dez. 1907.
- "Exposição Pintura Benjamin Constant Netto". O Estado de S. Paulo. 9 abr. 1908, p. 3.
- "Convenção de Itú". (Jonas de Barros). O Estado de S.Paulo. 28 set. 1908.
- "Ernst Muller". O Estado de S.Paulo. 20 jun. 1909, p. 5.
- "Os irmãos Salinas". A Gazeta Artística. 8 (mar. 1910).
- "Exposição Estephania Shalders". O Estado de S.Paulo. 2 ago. 1910, p. 7.
- "Pedro Weingartner". O Estado de S.Paulo. 10 dez. 1910, p. 5.

- "Pietro Strina". O Estado de S.Paulo. 27 abr. 1905, p. 2.
- "Aurelio de Figueiredo". O Estado de S.Paulo. 28 jun. 1905, p. 2.
- "Exposição Weingartner". O Estado de S.Paulo. 2 ago. 1905, p. 2.
- "José Cavaliere". O Estado de S.Paulo. 17 jan. 1906, p. 2.
- "Lucilio de Albuquerque". O Estado de S.Paulo. 9 mar. 1906.
- "Exposição Zimmermann". O Estado de S.Paulo. 17 mai. 1907, p. 3.
- "Exposição Jonas de Barros". O Estado de S.Paulo. 22 mai. 1907, p. 3.
- "Exposição de Pintura Sra. Frances Brown". O Estado de S. Paulo. 1 dez. 1907.
- "Exposição Pintura Benjamin Constant Netto". O Estado de S. Paulo. 9 abr. 1908, p. 3.
- "Convenção de Itú". (Jonas de Barros). O Estado de S.Paulo. 28 set. 1908.
- "Ernst Muller". O Estado de S.Paulo. 20 jun. 1909, p. 5.
- "Os irmãos Salinas". A Gazeta Artística. 8 (mar. 1910).
- "Exposição Estephania Shalders". O Estado de S.Paulo. 2 ago. 1910, p. 7.
- "Pedro Weingartner". O Estado de S.Paulo. 10 dez. 1910, p. 5.

- "Exposição Salinas". O Estado de S.Paulo, 6 jan. 1911.
- "Julio Gavronski". O Estado de S.Paulo. 25 mar. 1911, p. 7.
- "Joaquim Miguel Dutra". O Estado de S.Paulo. 1 abr. 1911, p. 2.
- "Lucilio e Georgina de Albuquerque". O Estado de S.Paulo. 19 out. 1911.
- "Exposição Fabbricatore". O Estado de S.Paulo. 2 nov. 1911, p. 6.
- "Richard Hall". O Estado de S.Paulo. 7 nov. 1911, p. 4.
- "Aurelio de Figueiredo". O Estado de S.Paulo. 27 jan. 1912, p. 3.
- "Nicola de Corsi e Nicola Fabbricatore". O Estado de S.Paulo. 2 mai. 1912, p. 5.
- "Exposição Parreiras". Vida Moderna. (São Paulo) 120(6 jun. 1912).
- "Exposição de Pintura Humberto della Latta". O Estado de S. Paulo. 16 jul. 1912, p. 2.
- "Villa y Prades". Diario Popular. 7 ago. 1912, p. 1.
- "Augustin e Pablo Salinas". Diario Popular. 5 set. 1912, p. 2.
- "Sousa Pinto". O Estado de S.Paulo. 6 jan. 1913, p. 6.
- "Augusto Luiz de Freitas". O Estado de S.Paulo. 26 fev. 1913,
- "J. Fisher Elpons". O Estado de S.Paulo. 25 mar. 1913.

- "A Parreiras". O Estado de S.Paulo. 26 mar. 1913, p. 2.
- "Luiz Graner". O Estado de S.Paulo. 2 abr. 1913, p. 2.
- "Exposição De Corsi-Fabbricatore". Vida Moderna. 170 (22 mai. 1913).
- "Irmãos Cascella". O Estado de S.Paulo. 12 abr. 1913, p. 2.
- "Angelo Cantú". O Estado de S.Paulo. 18 jun. 1913, p. 5.
- "Gabriel Biessy". O Estado de S.Paulo. 20 jun. 1913, p. 6.
- "G. Amisani". Vida Moderna. 186, (11 set. 1913).
- "Ybarra de Almeida". O Estado de S.Paulo. 24 set. 1913, p. 5.
- "João Vaz". O Estado de S.Paulo. 28 set. 1913, p. 8.
- "Exposição Ernesto Walls". O Estado de S.Paulo. 9 out. 1913, p. 2.
- "Augusto Crotti". O Estado de S.Paulo. 7 nov. 1913, p. 7.
- "Exposição Giosi". O Estado de S.Paulo. 11 nov. 1913, p. 2.
- "Nicoló Petrilli". O Estado de S.Paulo. 28 nov. 1913, p. 6.
- "Benedito de Lima". O Estado de S.Paulo. 25 nov. 1914.
- "Enrico Manzo". O Estado de S.Paulo. 28 mar. 1915, p. 3.
- "Quadro de Eleonora Malfatti". Vida Moderna. 281 (10 fev. 1916) ano XI

- "Lucilio e Georgina de Albuquerque". "Levino Fanzeres". O Estado de S.Paulo. 26 fev. 1916, p. 6.
- "Exposição della Latta". O Estado de S.Paulo. 8 out. 1916, p. 4.
- "Helios Seelinger". O Estado de S.Paulo. 4 jun. 1917, p. 5.
- "Umberto della Latta". O Estado de S.Paulo. 28 jun. 1917, p. 9.
- "Cesar Formenti". O Estado de S.Paulo. 17 ago. 1917, p. 2.
- "Edgar Parreiras". O Estado de S.Paulo. 1 jan. 1918, p. 6.
- "Umberto e Menotti della Latta". O Estado de S.Paulo. 30 jan. 1919, p. 4.
- Lobato, Monteiro. "Aurelio Zimmermann" e "Campos Ayres". Revista do Brasil. (São Paulo) 38 (fev. 1919) ano.IV, vol. 10, p. 23-6.
- Lobato, Monteiro. "Georgina-Lucilio Albuquerque". Revista do Brasil. (São Paulo) 39 (mar. 1919).
- "Pablo e Agustin Salinas". Paulicea Moderna. 26 (dez. 1919) ano III.
- "Aurel Zimmermann". Der Neue Hausfreund. (São Paulo) 26 fev. 1920.
- "Trajano Vaz". O Estado de S.Paulo. 23 abr. 1920, p. 3.
- "Luiz Graner". O Estado de S.Paulo. 5 set. 1920, p. 3.
- "Exposição della Latta". O Estado de S.Paulo. 30 dez. 1920, p. 4.

- "Nello Benedetti". O Estado de S.Paulo. 1 jan. 1921, p. 6.
- "Angelo Cantú". O Estado de S.Paulo. 30 mar. 1921, p. 3.
- "Alfredo Andersen". O Estado de S.Paulo. 23 mai. 1921, p.3.
- "A Cantú. A Bougeart. Leopoldo Gottuzzo". Vida Moderna. 432
(15 jun. 1922).
- "Pedro Weingartner". O Estado de S.Paulo. 17 jun. 1922, p.3.
- "Manlio Benedetti". O Estado de S.Paulo. 29 jun. 1299, p.3.
- "Menotti della Latta". O Estado de S.Paulo. 6 out. 1922, p.
3.
- "Exposição de Pintura: Gerardenghi". O Estado de S.Paulo. 1
mai. 1923, p. 2.
- "Antonio Parreiras". O Estado de S.paulo. 23 set. 1923.
- "Luis Tynaire". O Estado de S.Paulo. 8 jan. 1924, p. 3.
- "Manlio Nello Benedetti". Diário Popular. 19 dez. 1924, p.1.
- "Lucilio e Georgina Albuquerque". O Estado de S.Paulo. 6 mar.
1926, p. 5.
- "Manlio Benedetti". O Estado de S.Paulo. 9 abr. 1926, p. 2.
- "Bernardino Sousa Pereira". O Estado de S.Paulo. 2 mai. 1926,
p. 2.
- "V. Brecheret. Alfredo Helberger". O Estado de S.Paulo. 4
dez. 1926, p. 6.

"A Luiz de Freitas". O Estado de S.Paulo. 7 dez, 1926, p.5.

"Luiz Graner". O Estado de S.Paulo. 9 dez. 1926, p. 3.

"Georgina de Albuquerque". O Estado de S.Paulo. 6 abr.1928,
p. 5.

"A.Luiz de Freitas". O Estado de S.Paulo. 6 abr. 1929, p.8.

"Joaquim Miguel Dutra". Gazeta de Piracicaba. 1 mai. 1930.

"Exposição Parreiras". O Estado de S.Paulo. 4 jun. 1933, p.3.

"Georgina de Albuquerque". O Estado de S.Paulo.23 nov.1933,
p. 3.

Mendes, José de Castro. "Maria Luiza Pompeu Camargo". Cor-
reio Popular. 20 mar. 1969.

TEMAS GERAIS

PERIÓDICOS

"Exposição Belas Artes". Correio Paulistano. 27 jul. 1902, p. 3.

"Exposição de Belas Artes e Artes Industriais". Correio Paulistano. 25 jul. 1902, p. 4.

"Exposição Campineira de Artes e Indústrias". O Estado de S. Paulo. 7 jan. 1903, p. 2.

"Exposição de Artes e Artes Industriais". Correio Paulistano. 14 jan. 1903, p. 1.

"Exposição Geral de Belas Artes". O Estado de S. Paulo. 2 set. 1906, p. 2.

Toledo, Demetrio. "Artistas Brasileiros em Paris". O Estado de S. Paulo. 25 mai. 1907, p. 4.

"Artistas Brasileiros em Paris". O Estado de S. Paulo. 20 mai. 1908, p. 3.

"Exposição de Bellas Artes". O Estado de S. Paulo. 1 set. 1909, p. 7.

"Exposição Geral de Bellas Artes". O Estado de S. Paulo. 2 set. 1910.

"Pintores Hespanhoes". O Estado de S. Paulo. 19 set. 1910, p. 2.

"A Pinacotheca". Gazeta Artística. (São Paulo) 14 (fev.1911) ano II.

"Exposição de Bellas Artes". O Estado de S.Paulo. 5 ago. 1911, p. 3.

"Exposição Brasileira de Bellas Artes". O Estado de S. Paulo. 1 nov. 1911, p. 6.

"Primeira Exposição Brasileira de Bellas Artes". O Estado de S.Paulo. 24 dez. 1911, p. 3.

"Arte Hespanhola". O Estado de S.Paulo. 29 dez. 1911, p. 3.

"Exposição de Pintura Francesa". O Estado de S.Paulo. 20 abr. 1912, p. 6.

"Exposição Internacional". O Estado de S.Paulo. 22 out. 1912, p. 6.

"Pintura Hespanhola. José Pinelo". O Estado de S.Paulo. 1 jan. 1913, p. 6.

João Paulo, "A Segunda Exposição Brasileira de Bellas Artes". O Estado de S.Paulo. 16 fev. 1913.

"Segunda Exposição de Bellas Artes". O Estado de S.Paulo. 20 fev. 1913, p. 9.

"Exposição Arte Francesa". O Estado de S.Paulo. 3 set. 1913. p. 2.

"Guirard de Scévola". O Estado de S.Paulo. 6 set. 1913, p. 5.

"Exposição de Arte Francesa". O Estado de S.Paulo. 16 set. 1913.

- "José Pinelo". O Estado de S.Paulo. 16 dez. 1913.
- "Exposição Pintura Hespanhola". Vida Moderna. 204 (jan. 1914).
- "Lobato, Monteiro. "Pensionato de Artistas". O Estado de S. Paulo. 16 jan. 1916, p. 3.
- "Curso de Pintura". O Estado de S.Paulo. 21 fev. 1916, p.6.
- "Nacionalismo na Arte". Revista do Brasil. 2 (fev. 1916), a no I.
- "Novissima". O Estado de S.Paulo. 3 mar. 1916, p. 6.
- Luso, João. "O Salon de 1916". Revista do Brasil. 9 (set. 1916) ano I.
- Lobato, Monteiro, "Liceu de Artes e Officios - A grande Offi cina Escola". O Estado de S.Paulo, 1 jan. 1917, p. 4.
- Lobato, Monteiro. "A Criação de Estilo". O Estado de S.Paulo. 6 jan. 1917, p. 5.
- "Novissima". O Estado de S.Paulo. 26 jan. 1917, p. 2.
- Severo, Ricardo. "A Arte Tradicional no Brasil". Revista do Brasil. (São Paulo) 16 (abr. 1917) vol. 4.
- "Galeria Artística". O Estado de S.Paulo. 10 mai. 1917,p.4.
- Freire, Laudelino. "A pintura no Brasil". Revista do Brasil. 19 (jul. 1917) ano II, vol. 5.
- Lobato, Monteiro. "O Salão de 1917". Revista do Brasil. 22 (out. 1917) ano II vol. 6, p. 172-90.

- Lobato, Monteiro. "A propósito da exposição Malfatti". O Estado de S. Paulo. (Edição da noite) 20 dez. 1917.
- Octavio Filho, Rodrigo. "O Salão de 1918". (São Paulo) Revista do Brasil. 35 (nov. 1918), ano III, vol. 9.
- Pestana, Nestor. "Pintura". Revista do Brasil. 28 (abr. 1918) ano III, vol. 7.
- "Depois de um marasmo e apatia temos 4 exposições: Oscar Pereira da Silva, Roberto Mendes, Clodomiro Amazonas, Torquato Bassi". Vida Moderna. 332 (28 mar. 1918).
- "Galeria Artística". O Estado de S. Paulo. 3 jun. 1918.
- "Arte Espanhola". O Estado de S. Paulo. 14 set. 1919, p. 5.
- "Arte Italiana". O Estado de S. Paulo. 15 mai. 1920, p. 3
- "Salvo erro ou omissão". O Estado de S. Paulo. 10 jun. 1920, p. 3.
- "Arte Nacional e Estrangeira". O Estado de S. Paulo. 8 jul. 1920, p. 4.
- "J. Fischer Elpons - J.W. Rodrigues". O Estado de S. Paulo. 5 fev. 1921, p. 4.
- "Semana da Arte Moderna". O Estado de S. Paulo. 29 jan. 1922, p. 3.
- "Exposição Geral de Bellas Artes". O Estado de S. Paulo. 3 out. 1922, p. 4.
- "Galeria Jorge". O Estado de S. Paulo. 20 dez. 1923, p. 2.

- "Pintura Francesa". O Estado de S.Paulo. 4 set. 1924, p. 3.
- "Arte Alemã". O Estado de S.Paulo. 26 set. 1924, p. 2.
- "Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 4 ago. 1925, p. 4.
- "Galeria Jorge Petit". O Estado de S.Paulo, 28 mar. 1926, p. 3.
- "Galeria Jorge". O Estado de S.Paulo. 31 jan. 1927, p. 3.
- "Primeira Exposição de Pintura em Ribeirão Preto". O Estado de S.Paulo. 25 jan. 1928, p. 6.
- "Primeira Exposição de Bellas Artes". O Estado de S. Paulo. 31 jan. 1928, p. 8.
- "Grupo Almeida Jr". O Estado de S.Paulo. 11 out. 1928, p.4.
- "A Exposição de Pintura do Grupo Almeida Jr". Diario da Noite. 12 dez. 1928.
- "Galeria Blanchon". O Estado de S.Paulo. 27 jan. 1929, p.5.
- "Exposição de Arte Decorativa Alemã". O Estado de S. Paulo. 4 set. 1929, p. 5.
- "Cruzada Artística". O Estado de S.Paulo. 16 ago. 1932, p.3.
- "Galeria Jorge". O Estado de S.Paulo. 15 set. 1933, p. 2.
- "Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 25 out. 1933, p. 3.

- "Conselho de Orientação Artística de S.Paulo". O Estado de S.Paulo. 4 jan. 1934, p. 4.
- "Primeiro Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 26 jan. 1934, p. 3.
- Xavier, Olavo. "Viagem em torno do Salão Paulista". Correio de São Paulo. 2 mar. 1934.
- "Grupo Almeida Jr". Diario de São Paulo, 13 jun. 1935, p.14
- Ribeiro, Flexa. "Batista da Costa e a paisagem Brasileira". Ilustração Brasileira. (Rio de Janeiro). 3 (jul, 1935)ano XII.
- "III Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 11 out. 1935, p.5
- "III Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 14 jan. 1936, p. 3.
- Amaral, Tarsila. "No Salão das Arcadas". Diario de S.Paulo. 14 abr. 1936, p. 6.
- "O Grupo 'Chove no Molhado' vae homenagear o pintor Tulio Mugnaini". Correio de S.Paulo. 17 abr. 1936
- "Salão de Quadros Pequenos". O Estado de S.Paulo. 29 set. 1936, p. 5.
- "IV Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 27 dez. 1936, p. 6.
- Leite, Vicente. "A Paisagem Brasileira". Belas Artes. (Rio de Janeiro). 11 (12 1935 - 1 1936) p. 6.

- "Terceiro Salão da Sociedade Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 11 abr. 1937, p. 3.
- "Primeiro Salão de Maio". O Estado de S.Paulo. 23 mai.1937, p. 3.
- "Exposição de Artes Plásticas". O Estado de S.Paulo.31 out. 1937, p. 3.
- "Exposição de Arte Decorativa Alemã". O Estado de S. Paulo. 10 nov. 1937, p.3.
- "Segundo Salão de Maio". O Estado de S.Paulo. 16 mar. 1938, p. 3.
- "Quinto Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo 27 mar. 1938, p. 3.
- "Segundo Salão de Maio". O Estado de S.Paulo. 29 jun. 1938, p. 3.
- "Quarto Salão dos Artistas Plásticos de S.Paulo". O Estado de S.Paulo. 30 jun. 1938, p. 3.
- "6º Salão Paulista de Belas Artes". O Estado de S.Paulo. 1 abr. 1939, p. 3.
- "Familia Artistica Paulista". O Estado de S.Paulo. 27 abr. 1939, p. 4.
- "Terceiro Salão de Maio". O Estado de S.Paulo. 6 jul, 1939, p. 3.
- "Quinto Salão do Sindicato de Artistas Plásticos de S. Paulo". O Estado de S.Paulo. 19 jul. 1939, p. 3.

"Exposição de Artistas Alemães". O Estado de S.Paulo. 6 nov. 1939, p. 3.

Braga, Theodoro. "Artes Plásticas em S.Paulo". Paulistania. 6 (mar.-abr. 1940) ano II.

"A Exposição de Pintura Francesa". O Estado de S.Paulo. 4 out. 1940, p. 4.

E.A. "VII Salão Paulista". Diario Popular. 20 dez. 1940, p.3.

Rubens, Carlos. As Artes plásticas no Brasil e o Estado Novo. DIP, nov. 1941.

"O Museu Paulista". Paulistania. 20 (jul.-ago. 1947).

Lucca Jr., Domingos de. "Jacques D'Avray, O magnífico, ditador da Vila Kyrial". Folha da Noite. 30 abr. 1953.

"A Pinacoteca Estadual". Paulistania. 52 (jan.-abr. 1955).

"Cinquenta anos da paisagem brasileira". Habitat. (São Paulo) 27 (fev. 1956), p. 49.

Rio, João do. "Freitas Valle, o Magnífico". A Gazeta. 21 fev. 1958.

Mercillon, Henry. "As obras de arte, uma nova descoberta da economia". O Estado de S.Paulo. Cultura. 5 dez. 1982, p. 2-5.

CATÁLOGOS

Exposição Nacional de 1908. Estado de S. Paulo - Catálogo Ge
ral Ilustrado. Comissão Executiva da Exposição de S. Pau-
lo.

Primeira Exposição Brasileira de Bellas Artes. 1911 - 1912,
São Paulo. Typ. Casa Garraux.

Segunda Exposição Brasileira de Bellas Artes. 1912 - 1913,
São Paulo. Typ. Casa Garraux.

Exposition d'Art Français de São Paulo. Catalogue des Oeu-
vres exposées Comité France-Amerique: 1913.

Catálogo Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1920.

Exposição de Arte Contemporanea e da Exposição de Arte Re-
trospectiva. Exposição Comemorativa do Centenário da In-
dependência. Rio de Janeiro; 1922.

Primeira Exposição Geral de Bellas Artes. São Paulo, Palá-
cio das Indústrias; 7 set. 1922.

Catálogo da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro,
1923.

Exposição de Arte Alemã. Sociedade Alemã de Sciencias e Ar-
tes. São Paulo; 1923.

Muse Italiche. Primeira Exposição de Bellas Artes. São Pau-
lo. Palácio das Indústrias: mai. 1928.

Exposição de Pintura "Grupo Almeida Jr". São Paulo, Casa das
Arcadas; out. 1928.

Exposição de Pintura "Grupo Almeida Jr". São Paulo das Arca
das; dez. 1928.

Primeiro Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo; jan.1934

Exposição de Pintura Comemorativa do 1º Centenário da Ele-
vação de Santos à Categoria da Cidade. 1839-1939.

Exposição de Paisagem Brasileira. R.J. Ministério Educ.Sau-
de-Museu Nacional de Belas Artes; 1944.

II Salão de Belas Artes de Piracicaba. Prefeitura Municipal
de Piracicaba, 1954.

Exposição Comemorativa do Sesquicentenário. A Pintura Bra-
sileira de Taunay a Portinari. Sociarte. Nov. 1972.

Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geo-
gráfico de São Paulo. S.P.; 1976.

Catálogo Palácio do Governo Campos do Jordão. São Paulo.
1977.

Catálogo Coleção Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Ja-
neiro. Funarte; 1979.

A Paisagem Brasileira. 1650-1976. Sociarte. São Paulo;1980.

Quatro Grandes Pintores em São Paulo. Benedito Calixto, Pau-
lo do Valle Jr., Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Sil-
va. Sociarte; 1981.

Catálogo Pinacoteca do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro.
Funarte; 1982.

Pintores Italianos no Brasil. Sociarte, São Paulo; abr. 1982.

Catálogo Pinacoteca Municipal. Centro Cultural São Paulo, dez. 1982.

15º anos de Pintura de Marinha na História da Arte Brasileira. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. out. dez. 1982.

LEILÕES

"Leilão Dr. Djalma da Fonseca Hermes", Rio de Janeiro, ago. 1941.

"Leilão da Coleção do Dr. Heribaldo Siciliano", Rio de Janeiro, jun. 1942.

"Renato Magalhães Gouveia, Leilão de Arte". São Paulo, jun. 1980.

"Arte Leilão. Renot Galeria de Arte". mai. 1983.

"Leilão de Obras de Arte Seleccionadas em Pequeno Formato". São Paulo. Acervo Gal. de Arte; set. 1980.

"Leilão de Arte Brasileira Antiga e Moderna". São Paulo. A Galeria; nov. 1980.

"Leilão de Arte. Tableau-Luiz Carlos Moreira". São Paulo. 20 nov. 1982.

"Leilão de Arte. Casa dos Leilões", São Paulo.

"990 República das Artes Leilões" São Paulo, 1982 até 1986,

"Grande Leilão da Primavera". Mauricio Pontual. Galeria de Arte. São Paulo. 1983.

Roberto Castelli. Leilão de Arte. São Paulo: mai. 1985.

Roberto Castelli. Leilão de Arte. São Paulo; mai. 1986.

VI - RESUMO

RESUMO

Esta pesquisa focaliza a pintura de paisagem em São Paulo no final do século passado e começos deste, até mais ou menos 1920. Para que ela pudesse ser entendida, foi feito um estudo preliminar da cidade e de seu panorama artístico. Foram vistos os artistas que se encontravam na capital paulista na virada do século, as raras mostras, os locais onde expunham, seus meios de sobrevivências, como também dos pintores estrangeiros que aqui se encontravam na época.

Estudaram-se as exposições de Belas Artes de 1902, 1911-1912, 1912-1913, a Exposição Espanhola de 1911, a Exposição Francesa de 1913, a Exposição Geral de Belas Artes de 1922 e a repercussão que tiveram no nosso meio.

Não foram esquecidos os artistas viajantes, que por aqui passaram, deixando sua obra e influência; as várias escolas de arte que apareceram; o pensionato artístico, que permitiu aos nossos pintores estudar no exterior e Freitas Valle, o patrono das artes de São Paulo; a importância do nacionalismo que tanto influiu na pintura dos nossos artistas, na temática e no colorido.

No capítulo "Pintura da paisagem" foi feito um rápido estudo de seu aparecimento e evolução na história da arte, como também se chamou a atenção para os artistas brasileiros que mais se destacaram nesta temática.

O capítulo "Pintura da Paisagem em São Paulo" focaliza os pintores paisagistas que atuaram entre nós no fim do século passado e inícios deste, sendo eles: Benedito Calixto, Oscar Pereira da Silva, Almeida Jr., Pedro Alexandrino, os italianos Antonio Ferrigno, Rosalbino Santoro, Alfredo Norfini, Carlo de Servi, Benjamin Parlagreco e a francesa Bertha Worms.

Foram estudados os nossos pintores na Europa e as revigorações que trouxeram na sua volta à pátria, tanto da escola francesa como da italiana. Percebeu-se que um grupo que voltou ao ser deflagrada a Primeira Guerra Mundial, tinha na luz seu principal personagem. Fazem parte dele Paulo do Valle Jr., Marques Campão, Campos Ayres, Torquato Bassi, Túlio Mugnaini, Alípio Dutra, Lopes de Leão, Monteiro França, Mario e Dario Villares Barbosa, como também João Dutra e Clodomiro Amazonas, que sem terem saído do país, refletem essa influência.

Outros artistas preferiram documentar aspectos coloniais da nossa arquitetura, sendo eles: J. Wash Rodrigues, Alfredo Norfini, Benedito Calixto e A. Esteves. Foram vistos também os raros primitivos da época como Joaquim Dutra e em alguns aspectos Benedito Calixto.

Viu-se a contribuição dos pintores italianos vindos um pouco antes e logo após a Guerra, entre eles Enrico Vio, Antonio Rocco, Bigio Gerardenghi e Manlio Nello Benedetti. Foram também levantados os vários pintores que atuaram no começo do século XX e ficaram à margem da história,

como foi o caso de Jonas de Barros, Trajano Vaz, Benjamin Constant e Cimbelino de Freitas, entre outros.

Tanto os pintores brasileiros como os europeus utilizaram-se da fotografia em suas paisagens e isto foi citado.

Através da análise da obra destes artistas, até agora não estudados, procurou-se chamar a atenção sobre eles pois, apesar de terem um lugar de destaque na sociedade da época, estão hoje esquecidos.

Cada artista foi também individualmente estudado abordando-se a cronologia, biografia e características de sua obra através de quadros de diferentes fases e temáticas preferidas.

ABSTRACT

Scenery painting in São Paulo From the end of the last and beginning of this century to about 1920 was the object of this research. In order to understand it, a preliminary study of the city and its artistic background was made. The artists who lived in São paulo, their few exhibitions, the places where they used to exhibit, their surviving ways and also the foreign painters who, by that time, had been here were studied.

The Fine Arts exhibitions in 1902, 1911-1912, 1912-1913, the Spanish exhibition in 1911, the French exhibition in 1913, the 1922 General Fine Arts exhibition were studied together with the repercussions they had over our cultural environment.

The travelling artists who had passed through here and had left their work and influence were not forgotten. The several schools of arts which had appeared, the grants which allowed our painters to study abroad and Freitas Valle, the main arts patron in São Paulo, were also studied. The importance of the nationalism which influenced so much our artists' painting, subjectes and colorfulness, was also analyzed.

In the chapter on Scenery Painting, a brief study of its appearance abd evolution in art history was made, and

as well attention was given to Brazilian artists who had stood out in this area.

The chapter on Scenery Painting in São Paulo deals with scene painters who had worked among us at the end of last and at beginning of this century: Benedito Calixto, Oscar Pereira da Silva, Almeida Jr., Pedro Alexandrino; the Italians Antonio Ferrigno, Rosalbino Santoro, Alfredo Norfini, Carlo de Servi, Benjamin Parlagreco; and the French Bertha Worms.

Our painters who, by that time, were living in Europe were also studied and the improvement they brought back from the French and Italian schools was also analyzed. It became clear that a group which came back in the beginning of World War I had light as its main character. Paulo do Valle Jr., Marques Campão, Campos Ayres, Torquatro Bassi, Tulio Mugnaini, Alípio Dutra, Lopes de Leão, Monteiro França, Mario Villares Barbosa and Dario Villares Barbosa were representative of that group. João Dutra and Clodomiro Amazonas, who had felt that influence without having gone out of the country, are also mentioned.

Other artists such as J. Wash Rodrigues, Alfredo Norfini, Benedito Calixto e A. Esteves preferred to document the colonial aspects of our architecture. Also, the rare primitivists such as Joaquim Dutra and in some way Benedito Calixto were studied.

The contribution of Italian painters who came to Brazil just before or just after the war was analyzed, among

them, Enrico Vio, Antonio Rocco, Bigio Gerardenghi and Manlio Nello Benedetti, as were the several painters who worked in the beginning of the twentieth century and somehow had been forgotten, among others Jonas de Barros, Trajano Vaz, Benjamin Constant and Cimbellino de Freitas.

It was determined that both Brazilian and European painters used photography as an aid to their time, they scenery painting.

Each artist was also studied individually in his chronology, biography, work quality through paintings from his different phases and his preferred subjects.

6759.9816
DEDALUS - Acervo - ECA
T177p
v.2
.1



20100039037

Esta obra não pode
ser emprestada

Date de aquisição 30.12.93 Preço -
Fornecedor d-Pos-Graduação
Indicação de
Classificação 6759.9816
T177p